



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Educação

Mestrado em Terapia Familiar e Comunitária

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E EMOÇÃO SOBRE
O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA FAMILIAR**

Teresa Justino Cumbane Come

Maputo, Julho de 2019



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Educação

Mestrado em Terapia Familiar e Comunitária

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E EMOÇÃO SOBRE
O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA FAMILIAR

Autora:

Teresa Justino Cumbane Come

A Supervisora

Profa. Doutora Bernardette Tesoura

Maputo, Julho de 2019

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Teresa Justino Cumbane Come, declaro por minha honra, que este trabalho nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau académico e ele constitui o resultado da minha pesquisa com a supervisão da Prof. Doutora Bernardete Tesoura, consultando a bibliografia mencionada e realizando trabalho de campo de modo a preencher os requisitos para obtenção do grau de Mestre em Terapia Familiar e Comunitária.

Maputo, Maio de 2019

Autora

(Teresa Justino Cumbane Come)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu esposo Carlos Come e aos meus filhos, Ilídio, Yuri (em memória), e Carlos, neta Teresa, pelas privações de carinho que passaram e pela compreensão demonstrada ao longo da minha formação.

Aos meus pais Justino Cumbane e Vasta Nhanala (em memória) e a toda família Cumbane e Come que tanto esperaram por este momento.

AGRADECIMENTOS

Graças ao Senhor todo-poderoso, pela vida, saúde e protecção. Esta dissertação não poderia ter sido concretizada sem o apoio de Deus e de algumas pessoas, a quem é devido um profundo agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço a minha supervisora, Prof. Doutora Bernardete Tesoura, pela amizade, incentivo e pela oportunidade de poder trabalhar a temática da Violência Doméstica. Por toda a sua ajuda, ensinamentos, orientação, compreensão e disponibilidade sem limites, demonstradas ao longo de todo este tempo que favoreceram o meu desenvolvimento intelectual e a elaboração deste trabalho.

Ao meu esposo Carlos Come e aos meus filhos Ilídio e Carlos, neta Teresa, pelo companheirismo, paciência, dedicação, apoio moral e constante palavra de incentivo nos momentos mais difíceis.

Os meus agradecimentos são extensivos a todos os técnicos do CAPAZ, pelo apoio concedido na recolha dos dados, especialmente à dra. Marcelina Chaichai, Directora Executiva que autorizou a recolha de dados.

Quero ainda agradecer a todos os familiares, colegas e amigos que mais acreditaram em mim desde o início que directa ou indirectamente deram a sua valiosa contribuição para a materialização do presente trabalho.

A todos, o meu mais profundo *Kanimambo!*

RESUMO

A violência doméstica contra a mulher é um fenómeno que diz respeito a todos sem exclusão de raça, classe social, idade ou religião. Ela se manifesta de variadas formas: psicológica, física, sexual, e outras. Em Moçambique, a violência doméstica tomou proporções alarmantes, facto que levou muitas organizações públicas e privadas a empreenderem esforços com vista a prevenir e combater este fenómeno.

O presente trabalho com o tema “Violência Doméstica contra Mulheres: Percepções e emoções sobre o funcionamento do sistema familiar” visa compreender as percepções que as mulheres têm quando são agredidas pelos seus parceiros, que emoções elas provam face à violência sofrida que efeitos ela causa sobre si mesmas e sobre a dinâmica relacional dentro dos seus sistemas conjugal e familiar; o que leva estas mulheres a permanecerem nos seus lares.

A pesquisa foi realizada na Associação Moçambicana de Assistência Psicossocial e Empoderamento a vítimas de Violência Doméstica abreviadamente designada (CAPAZ), com seis mulheres vítimas de agressões perpetradas pelos seus parceiros. Dado o carácter do estudo, a pesquisadora optou por uma abordagem quanti-qualitativo, descritivo e analítico pois esta combinação de métodos permitiu fazer a exploração, descrição e análise dos dados recolhidos junto dos casos em estudo.

Os resultados da pesquisa mostraram que as percepções e emoções que as mulheres têm em relação a violência perpetrada pelos parceiros é que esta cria dentro da família em particular no sistema conjugal um clima de dor, sofrimento e mal-estar, deixa marcas psicológicas que afectam a sua auto estima e a sua dignidade tais como trauma, frustração, abandono e impotência. Os resultados indicaram também o nível de consciência que as mulheres têm da violência doméstica a que são expostas e as razões que as leva a suportar, permanecendo na relação conjugal, não obstante os maus tratamentos.

Palavras-chave: Violência doméstica, Família, Sistema, Sistema Familiar, Violência contra mulher.

ABSTRACT

Domestic violence against women is a phenomenon that concerns everyone without exclusion of race, social class, age or religion. It manifests itself in a variety of ways: psychological, physical, sexual, and others. In Mozambique, domestic violence has taken on alarming proportions, leading many public and private organizations to make efforts to prevent and combat this phenomenon.

The present work with the theme "Domestic Violence against Women: Perceptions and Emotions about the functioning of the family system" aims to understand the perceptions that women have when they are attacked by their partners, what emotions they prove in the face of the violence suffered that effects it causes themselves and on the relational dynamics within their conjugal and family systems; which leads these women to stay in their homes.

The research was carried out at the Mozambican Association of Psychosocial Assistance and Empowerment to victims of Domestic Violence (CAPAZ), with six women victims of aggression perpetrated by their partners. Given the nature of the study, the researcher opted for a quantitative-qualitative, descriptive and analytical approach because this combination of methods allowed the exploration, description and analysis of the data collected in the case studies.

On the one hand, the research results show that the perceptions and emotions that women have about violence perpetrated by partners is that it creates within the family in particular in the conjugal system a climate of pain, suffering and malaise, leaves psychological marks which affect your self-esteem and dignity such as trauma, frustration, abandonment, and impotence. On the other hand, they also indicate the level of awareness that women have of the domestic violence to which they are exposed and the reasons that lead them to endure, remaining in the marital relationship despite the bad treatments.

Keywords: Domestic violence, Family, System, Family System, Violence against women.

Índice

| | |
|---|------------|
| <u>CAPITULO I – INTRODUÇÃO</u> | 1 |
| <u>1.1 Introdução</u> | 1 |
| <u>1.2 Descrição do problema</u> | 2 |
| <u>1.3. Objetivos da Pesquisa</u> | 4 |
| <u>1.3.1 Objetivo Geral</u> | 4 |
| <u>1.3.2 Objetivos Especificos</u> | 4 |
| <u>1.4 Perguntas da pesquisa</u> | 4 |
| <u>1.5 Justificativa</u> | 4 |
| <u>CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA</u> | 6 |
| <u>2.1 Conceptualização</u> | 6 |
| <u>2.1.1 Sistema</u> | 6 |
| <u>2.1.2 Família</u> | 7 |
| <u>2.1.3 Sistema familiar</u> | 8 |
| 2.1.3.1 individual..... | 8 |
| | Subsistema |
| <u>2.1.3.2 Subsistema conjugal</u> | 9 |
| <u>2.1.3.3 Subsistema filial</u> | 9 |
| <u>2.1.3.4 Subsistema parental</u> | 9 |
| <u>2.1.3.5 Subsistema fraternal</u> | 9 |
| <u>2.1.4 Violência</u> | 9 |
| <u>2.1.4.1 Violência doméstica</u> | 10 |
| <u>2.1.4.2 Violência contra a mulher</u> | 10 |
| <u>2.1.4.3 Tipos de violência contra a mulher em Moçambique</u> | 11 |
| <u>2.1.5 Alguns estudos sobre a violência contra a mulher</u> | 11 |
| <u>2.1.6 Quadro legal sobre a violência contra a mulher em Moçambique</u> | 13 |
| <u>2.1.6.1 Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à violência contra a mulher</u> | 14 |
| <u>2.1.6.2 Política de Género e Estratégia da sua Implementação</u> | 14 |
| <u>2.2 Enquadramento teórico</u> | 15 |
| <u>2.2.1 Teoria Psicodinâmica</u> | 15 |
| <u>2.2.2 Teoria cognitivo-comportamental ou Socio-cultural</u> | 16 |
| <u>2.2.2.1 O ciclo da violência doméstica</u> | 17 |
| <u>2.2.2.2 Violência doméstica e os motivos que as leva a permanecer na relação</u> | 18 |
| <u>2.2.3 Teoria Sistémica</u> | 20 |

| | |
|--|--------------|
| 2.2.3.1 Estrutura, Estratégica e Ecológica | 21 |
| 2.2.3.2 Perspectiva sistémica diádica | 23 |
| 2.2.3.3 Teoria Ecológica | 24 |
| 2.2.3.4 Perspectivas socioculturais | 26 |
| 2.3 Síntese conclusiva | 27 |
| CAPITULO III – METODOLOGIA | 28 |
| 3.1 Introdução | 28 |
| 3.2 Descrição e justificação da metodologia de trabalho | 32 |
| 3.2. 1 Métodos quanti-qualitativos | 28 |
| 3.2. | 2 |
| descritivo | Método 29 |
| 3.2. 3 Método analítico | 29 |
| 3.3. Caracterização do local de estudo | 30 |
| 3.3.1 Descrição da população alvo de pesquisa | 30 |
| 3.4 Amostra | 32 |
| 3.5 Instrumentos de recolha de dados | 32 |
| 3.5.1 Entrevista semi-estruturada | 32 |
| 3.5.2 Genograma | 33 |
| 3.5.3 TESTE FAST | 34 |
| 3.5.4 Sociograma | 35 |
| 3.6 Fiabilidade e Validade dos Instrumentos usados na colecta de dados | 36 |
| 3.7 Procedimentos no processo de colecta de dados | 37 |
| 3.8. Considerações éticas | 37 |
| 3.9. Descrição dos métodos usados no tratamento de dados | 38 |
| 3.10 Limitações do estudo | 38 |
| 3.11 Síntese conclusiva | 39 |
| CAPITULO IV– APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS | 40 |
| 4.1 Introdução | 40 |
| 4.2 Apresentação dos resultados | 40 |
| 4.2.1 Resultados da entrevista | 40 |
| 4.2.2 Resultados do grupo da amostra e seus genogramas | 46 |
| 4.2.2.1 Genograma da família M1 | 47 |
| 4.2.2.2 Genograma da família M2 | 49 |
| 4.2.2.3 Genograma da família M3 | 50 |

| | |
|--|----------|
| 4.2.2.4 Genograma da família M4 | 51 |
| 4.2.2.5 Genograma da família M5 | 52 |
| 4.2.2.6 Genograma da família M6 | 53 |
| 4.2.3 Resultados dos Sociogramas dos casos em estudo | 54 |
| 4.2.3.1 Sociograma da M1 | 54 |
| 4.2.3.2 Sociograma da M2 | 54 |
| 4.2.3.3 Sociograma da M3 | 55 |
| 4.2.3.4 Sociograma da M4 | 56 |
| 4.2.3.5 Sociograma da M5 | 56 |
| 4.2.3.6 Sociograma da M6 | 56 |
| 4.2.3.7 Síntese dos Resultados dos sociogramas | 57 |
| 4.2.4. Resultados do TESTE FAST do grupo da amostra | 57 |
| 4.2.4.1 FAST da família de M1 | 57 |
| 4.2.4.2 FAST da família de M2 | 58 |
| 4.2.4.3 FAST da família de M3 | 59 |
| 4.2.4.4 FAST da família de M4 | 60 |
| 4.2.4.5 FAST da família de M5 | 60 |
| 4.2.4.6 FAST da família de M6 | 61 |
| 4.3 Discussão dos resultados | 62 |
| 4.4 Cruzamento da informação (Entrevista, Genograma FAST e Sociograma) | 64 |
| CAPITULO | V |
| RE..... | 7 |
| 5.1 Aspectos relevantes da pesquisa | 67 |
| 5.2 Conclusões | 72 |
| 5.2.1 Relação entre as Conclusões, Objectivos e Perguntas de pesquisa | 75 |
| 5.2.1.1 Relação conclusões e objectivos da pesquisa | 75 |
| 5.2.1.2 Relação conclusões e as perguntas de pesquisa | 77 |
| 5.3 Anomalias | 79 |
| 5.4 Recomendações | 79 |
| 5.4 1 Às mulheres vítimas de violência doméstica | 80 |
| 5.4 2 Aos parceiros das vítimas de violência doméstica | 80 |
| 5.4 3 Às famílias | 80 |
| 5.4 4 Às instituições de apoio social | 81 |
| 5.4 5 À CAPAZ | 81 |

| | |
|--|----|
| 5.4 6 À Sociedade Civil | 81 |
| 5.4 7 Às confissões religiosas | 81 |
| 5.4 8 Aos órgãos de Justiça | 82 |
| 5.4 9 À Faculdade de Educação | 82 |
| 5.5 Possíveis implicações do estudo no âmbito das políticas e na prática no contexto moçambicano | 82 |
| Referências Bibliográficas | 83 |
| Apêndices | 88 |

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 Características das participantes da pesquisa | 49 |
|--|----|

Lista de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura nº1: Ciclo de violência doméstica | 17 |
| Figura nº 2: Ilustração do FAST (Teste do Sistema Familiar)..... | 37 |

Lista de Gráficos

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 Amostra..... | 43 |
| Gráfico 2 Profissão das entrevistadas | 44 |
| Gráfico 3 Estado civil das entrevistadas | 44 |
| Gráfico 4 Agregado familiar | 45 |
| Gráfico 5 Idade dos cônjuges das mulheres..... | 45 |
| Gráfico 6 Habilitações literárias das entrevistadas | 46 |
| Gráfico 7 Profissões dos cônjuges das mulheres entrevistadas | 47 |
| Gráfico 8 Família de origem das entrevistadas | 47 |
| Gráfico 9 Relacionamento entre as entrevistadas com os pais | 47 |
| Gráfico 10 Resultados da violência perpetrada contra as mulheres entrevistadas..... | 48 |

| | |
|---|----|
| Gráfico 11 Respostas das mulheres entrevistadas as agrecoes | 48 |
| Gráfico 12 Motivos de permanência das mulheres nas relacoes violentas | 49 |

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1 Introdução

A violência contra a mulher é um problema mundial e constitui uma das principais barreiras contra a humanidade e contra o seu empenho de construção de um mundo de harmonia, amor, de fraternidade e respeito pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Nota-se em alguns países, por exemplo, o Brasil, um grande movimento de tomada de medidas de acção, para prevenir e combater este fenómeno levando a sociedade à consciencialização cada vez mais crescente, sobre a gravidade do fenómeno da violência contra a mulher, sobre a necessidade de convivência pacífica, na justiça social e na equidade (Higa, Adca & Reis, 2008).

Em Moçambique, o fenómeno de violência contra a mulher está a atingir proporções alarmantes, chegando muitas vezes a limitar a participação activa das mulheres na produção, na educação, preservação da própria identidade e da coesão familiar, sendo a família o pilar mais importante que assegura a existência, manutenção e desenvolvimento do país. Apesar dos esforços desenvolvidos em Moçambique até ao presente momento, no que diz respeito a prevenção e ao combate do fenómeno violência doméstica. De acordo com o Gabinete de Combate Contra a Violência Doméstica (2015) foram registados 783 casos de violência física simples, 03 casos de violência grave, 204 casos de violência psicológica, 05 casos de violência moral, 63 casos de violência patrimonial.

A pesquisadora acredita que as diferenças de género que nos são socialmente impostas propiciam situações de violência doméstica, pois desde os tempos mais remotos existiu e existe uma divisão sexual de papéis na sociedade, sendo que aos homens são mais destinados os papéis de poder no espaço público e às mulheres são reservadas as actividades do espaço privado, tais como: dona de casa, mãe educadora e produtora de bens de consumo (Muendane, 2012).

Dada a gravidade da situação, o governo moçambicano concebeu o Plano Nacional de Prevenção e Combate a Violência Contra a Mulher (2008 – 2012), o qual define um conjunto

de acções e medidas estratégicas, que deverão ser levadas a cabo, por todos os sectores e actores relevantes no processo, incluindo mecanismos de coordenação multisectorial, tendo em vista reduzir o fenómeno da violência contra a mulher a curto prazo e a sua eliminação a longo prazo.

Com o presente estudo a pesquisadora pretende fazer reflexões sobre a mulher vítima de violência doméstica, através da investigação dos significados atribuídos por ela à violência e de que forma tais significados contribuem para a sua permanência no relacionamento com o parceiro agressor.

A percepção que as mulheres entrevistadas têm sobre a violência, permitiu a identificação das causas e dos aspectos danosos da violência doméstica, dos factores que contribuem para permanência destas mulheres nos seus lares, apesar dos relacionamentos conflituosos e violentos perpetrados pelos parceiros. Estas constatações constituem matéria prima repensar as práticas profissionais quotidianas na área da saúde, o tipo de assistência psicossocial oferecida à mulher, vítima de violência doméstica e o tipo de sociedade que se pretende construir no País.

O estudo está estruturado, em cinco capítulos: o capítulo introdutório, no qual se apresentam o problema, os objectivos, as questões de pesquisa e a justificativa. O segundo capítulo, faz a revisão da literatura, sobre a violência doméstica, identifica os principais conceitos associados ao tema e o quadro teórico de referência. O terceiro capítulo constitui o percurso metodológico, os procedimentos e técnicas utilizadas para a realização desta pesquisa, assim como a caracterização do local da pesquisa e a descrição do perfil das participantes. O quarto capítulo, apresenta e discute os resultados colectados na pesquisa. O estudo encerra com o quinto capítulo que apresenta as conclusões da pesquisa e suas implicações sociais bem como as recomendações a diversos níveis.

1.2 Descrição do problema

O aumento de casos de violência doméstica contra as mulheres que resulta muitas vezes em separação ou divórcios dos casais, com um impacto adverso para todo o sistema família é o problema focal para esta pesquisa. De facto há uma necessidade de explorar o estado da questão das mulheres que sofrem a violência doméstica perpetrada pelos seus parceiros e ver que percepções e emoções elas têm do funcionamento do seu sistema conjugal e familiar.

De acordo com Pacheco & Medeiros (s/d) a história do homem e da mulher no contexto sociocultural moçambicano é caracterizada pelo poder, dominação e submissão. A mulher na sua família de origem é dominada pelo pai e depois do casamento pelo marido. O homem é educado a ser superior e cabe a ele, portanto, exercer a autoridade, fundamento escolhido para justificar a supressão da mulher. Foram impostos a mulher ao longo da história do povo bantu, modelos que conservavam intacta a sua subordinação ao homem e estereótipos como sensível, delicada, amorosa, altruísta, que culminavam em deveres maternos levando-a a um confinamento doméstico, isto é, a sua participação como membro da sociedade ficou reduzida à esfera privada (Borin, 2007 & De Asúa, 1985).

Segundo Sarmiento (2011), no Norte e no Centro de Moçambique, predominam sistemas de descendência matrilinear, enquanto no Sul a descendência patrilinear. Esta do sul traça laços de parentesco e de filiação através da linha paterna; os sistemas matrilineares definem a descendência através da linhagem materna. Em termos práticos, isto significa que, nos sistemas patrilineares os homens assumem a propriedade dos recursos do agregado familiar, é o homem que autoriza à mulher o uso destes recursos. Nas sociedades matrilineares os bens normalmente passam de geração para geração, através dos familiares da mãe, permanecendo assim na linha sanguínea desta. De facto, o poder de decisão está investido no irmão da mãe (tio materno) que tem o direito de distribuir os bens e recursos dentro do sistema familiar.

Esta visão cultural reflecte-se ainda hoje em muitas famílias onde se nota que as posições relativas aos homens e as mulheres são muito influenciadas pelos mecanismos culturais que definem a distribuição dos bens económicos e recursos produtivos, o papel do homem e da mulher na sociedade (Pontes, Silva, Magalhaes, Cavalcante & Corrêa, 2012).

De um modo geral, as relações de género em Moçambique são caracterizadas pela posição subordinada das mulheres e de acordo com Costa (2013) continuam a persistir valores, comportamentos e atitudes que revelam as relações assimétricas entre género feminino e masculino e que resultam, em casos extremos, no uso da força física e nas mais variadas formas de violência que as vezes obriga as mulheres a abandonar o lar, a viver traumatizadas, inseguras e vulneráveis, a cuidar dos filhos sózinhas. Se o casal tiver crianças menores, estas serão vítimas de sofrimento devido a falta de carinho de um dos pais, podendo até enfrentar privações de alimentação, saúde, educação dentre outras necessidades, assim expostas acabam achando a “rua” um abrigo seguro.

Deste modo, a pesquisa pretende responder a seguinte pergunta de partida: quais são as percepções e emoções vividas pelas mulheres vítimas de violência doméstica no seu sistema familiar?

1.3 Objectivos da pesquisa

1.3.1 Objectivo geral

Constitui objectivo geral do presente estudo, perceber o funcionamento do sistema familiar em mulheres vítimas de violência doméstica assistidas na CAPAZ.

1.3.2 Objectivos específicos

- Identificar as causas da violência contra as mulheres dentro dos seus sistemas familiares;
- Descrever as percepções e experiências emotivas vividas por mulheres vítimas de violência doméstica;
- Caracterizar os efeitos da violência nas mulheres na família e na sociedade em geral;
- Propôr estratégias de intervenção mais adequadas que possam desencorajar as acções de violência e promovam o bem estar dentro do sistema familiar.

1.4 Perguntas da pesquisa

Constituem perguntas de estudo:

- Como as mulheres assistidas no Capaz percebem e vivem emocionalmente a violência doméstica nos seus sistemas conjugal e familiar?
- Quais são as causas das acções de violência perpetradas contra as mulheres?
- Que significado a mulher atribui a sua experiência de violência no sistema conjugal?
- Que factores contribuem para a permanência no lar apesar dos relacionamentos conflituosos e violentos perpetrados pelos seus parceiros?
- Que políticas sugerir para combater o fenómeno, ou para reduzir a sua intensidade e assim propiciar assistência mais adequada que dê o sentido de bem-estar?

1.5 Justificativa

O presente estudo baseou-se em duas motivações, uma de ordem pessoal e outra de ordem académica e profissional, a partir da experiência de estágio com mulheres vítimas de violência dos próprios companheiros, na Associação Moçambicana de Assistência e

Empoderamento às Vítimas de Violência Doméstica (CAPAZ). Durante o acompanhamento e escuta dos depoimentos das mulheres, foi possível observar que algumas só relatavam a sua situação quando questionadas sobre o seu relacionamento conjugal ou no momento em que se sentiam seguras para conversar sobre a violência vivenciada.

Os relatos eram dados com muita insegurança e medo, pois, algumas alegavam a falta de apoio da família, para sair da situação violenta que se encontravam. Muitas ficavam desconfiadas, com receio de falar alguma coisa sobre o seu companheiro, com medo de perder o marido e a guarda dos filhos, por isso sujeitavam-se a tal situação de silêncio e resignação. Foi à luz dos relatos destas mulheres que impulsionou a pesquisadora realizar um estudo mais aprofundado sobre este assunto.

Em segundo lugar, a pesquisa é motivada por um interesse científico, pois o tema é de grande relevância no cenário actual, pois os casos de violência contra as mulheres tendem a crescer, evidenciando a presença de um problema social e de saúde pública, que afecta a integridade física e psíquica da mulher, além de constituir uma flagrante violação dos direitos humanos. Esta motivação acresce à luz de estudos já feitos neste âmbito a nível do país, por exemplo, Guambe(2015), Moré e Krenkel (2014), Muendane (2012), Higa, ADCA e Reis (2008) que serviram de base para este estudo, na perspectiva de aprofundar outras dimensões desta mesma realidade violência doméstica, sobretudo no que diz respeito a percepção que a mulher tem deste acto e a emoção que experimenta vivendo este facto e como procura gerir a situação.

Por isso, a convicção de que esta pesquisa é da actualidade e pode ser uma contribuição para a sociedade ter um olhar mais cuidadoso e para que as autoridades governamentais criem e melhorem as políticas públicas, visando combater este fenómeno de modo a reduzir o seu impacto e proporcionar uma assistência mais adequada às vítimas, encorajou a pesquisadora a fazer parte dos investigadores desta causa.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

Uma dissertação, implica sempre uma revisão bibliográfica que a sustenta, por isso, torna-se pertinente clarificar, em primeiro lugar alguns conceitos associados ao tema em estudo, tais como: sistema, família, sistema familiar, violência, violência doméstica, para uma percepção maior do problema, assim como a identificação de um quadro referencial teórico.

2.1 Conceptualização

2.1.1 Sistema

Segundo Minuchin (1990); Deremontt (1997) sistema é conjunto de elementos que funcionam como um todo através da interacção das suas partes e é caracterizado pelas propriedades seguintes:

- Adaptabilidade, isto é aberto, flexível com capacidade de adaptar ao meio ambiente;
- Homeostase, que é a capacidade do sistema voltar a um estado de equilíbrio;
- Entropia, propriedade que determina o grande o grau de desordem no sistema;
- Informação, que é a propriedade que reduz a incerteza e determina o grau de ordem no sistema.

Na mesma perspectiva, Bronfenbrenner (1986) citado por Relvas (1996), na sua teoria ecológica apresenta os contextos ecológicos do desenvolvimento humano e social: o nível microsistema que integra família, a escola, creche, igreja, local de trabalho que constituem veículos de desenvolvimento e mudança comportamental pois a pessoa é envolvida e interage com os outros de forma directa.

O nível mesosistema caracterizado pela interacção entre dois ou mais ambientes, onde a pessoa faz parte e participa activamente. Este sistema inclui as relações que o individuo tem na sua casa com familiares, tem na escola e na vizinhança com os outros, em outros casos, tem apenas com a família, ou com membros da sua igreja na qual a família é parte integrante.

O nível exossistema que ao contrário do mesossistema, diz respeito ao local de trabalho dos pais, a escola do seu irmão ou o grupo de amigos da sua família onde a pessoa em crescimento não participa activa e directamente nestes eventos que aí acontecem que só afectam as pessoas que estão presentes nestes contextos.

O nível macrosistema que integra todos os contextos ambientais formando uma rede de interconexões diferente de uma cultura para outra. Exemplo: a estrutura política e cultural de uma família moçambicana diferente daquela portuguesa enquanto sistema.

A teoria de Bronfenbrenner (1986) é instrumento clínico importante para o diagnóstico e planeamento da intervenção ao nível sistémico.

Relvas (1996) afirma a propósito do ciclo vital, que a sua conceptualização dá um contributo valioso para o estudo sistémico e extrasistémico, ao centrar-se na evolução temporal das interacções entre os membros da família, entre estes e outros não-familiares, entre a família e outras estruturas sociais.

2.1.2 A Família

Para Relvas (1996), a família é uma rede complexa de relações e emoções expressas através da comunicação e interacção, de sentimentos e comportamentos, que provocam alterações no seio familiar em função do tempo e do espaço. A mesma autora afirma que existem vários tipos de organização familiar entre os quais: Nuclear sem filhos biológicos, nuclear com filhos biológicos, monoparentais, quer sejam masculinas ou femininas, reconstituídas, alargadas, adoptivas e de acolhimento. De facto, embora exista um tipo de família modelo, isto é, formada por pai, mãe e filhos (modelo ocidental) ou formada por estes mais outros indivíduos sem laços de consanguinidade (modelo africano), actualmente observam-se também novas configurações familiares (Relvas,1996).

De acordo com Relvas (1996) a pesquisadora pode afirmar que família é o primeiro espaço onde a criança se integra e onde vai estruturar a sua personalidade. É a primeira Instituição Social que assegura e responde a determinadas necessidades tais como amor, carinho, afecto, alimentação, protecção e socialização.

Minuchin (1990) define a família como um conjunto invisível de exigências funcionais, que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a igualmente como um sistema que opera através de padrões transaccionais.

Assim, no interior da família, os indivíduos podem construir subsistemas, podendo estes ser formados por geração, sexo, interesse e/ou função, com diferentes níveis de poder, onde os comportamentos de um membro afectam e influenciam os outros membros. Sendo a família uma unidade social, esta enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo a nível dos parâmetros culturais, mas possui as mesmas raízes (Relvas, 1996).

Na mesma perspectiva dos autores anteriores, Andolfi (1981, p. 34) define família como um sistema de interação que supera e articula dentro dela, os vários componentes individuais e outros sistema dentro dela e que é importante explorar as relações interpessoais e as normas que regulam a vida dos subsistemas a que o indivíduo pertence, para uma compreensão do comportamento dos membros e para a formulação de intervenções eficazes.

Em síntese, embora as famílias estejam rodeadas por fronteiras, e limites, que à semelhança de membranas semipermeáveis, permitem a passagem selectiva da informação, tanto entre a família e o meio, como entre os diversos subsistemas familiares segundo os princípios do pensamento sistémico, os membros de uma família estão relacionados uns com os outros, por isso ela não pode ser compreendida isoladamente do resto do sistema, do funcionamento e dos mecanismos de “feedback” entre os seus membros (Relvas, 1996).

2.1.3 Sistema familiar

Segundo Minuchin (1974), o sistema familiar é um conjunto de elementos que formam uma unidade social natural, chamada a interagir e a enfrentar uma série de tarefas evolutivas tais como: estruturação, proximidade, crescimento, educação, reglamento das relações provenientes dos estímulos ambientais interno e externo. O sistema familiar integra em si cinco subsistemas que são: subsistema individual, subsistema conjugal, subsistema parental, subsistema filial e subsistema fraternal (Minuchin, 1990; Alarcão, 2006).

2.1.3.1 Subsistema individual

O subsistema individual constituído pelo indivíduo, com suas características e função específica na família a que pertence, desempenhando também outros papéis noutros sistemas e que por sua vez influenciam ambos contextos familiar e ex-familiar (Alarcão, 2006).

2.1.3.2 Subsistema conjugal

O subsistema conjugal é constituído pelo casal, isto é, o marido e a mulher, com funções de reprodução das novas gerações, de previdência e educação dos filhos (Alarcão, 2006).

2.1.3.3 Subsistema filial

Este subsistema, integra os filhos sob a tutela dos pais pelo facto de estarem ainda em idade evolutiva e na fase de construção da sua identidade e autonomia.

2.1.3.4 Subsistema parental

O subsistema parental é formado pelos pais que exercem funções administrativas e executivas e têm a responsabilidade sobre os membros do sistema familiar, que são os filhos.

2.1.3.5 Subsistema fraternal

O subsistema fraternal é constituído pelos irmãos, é o primeiro laboratório de socialização, onde estes membros interagem e constroem as relações de irmandade, se apoiam e aprendem uns dos outros a negociar, a cooperar, a fazer-se amigos e aliados (Minuchin, 1976).

Estes subsistemas traduzem a estrutura familiar, na sua forma de organização e inter-relação. A coesão do sistema familiar depende da comunicação familiar uma vez que esta proporciona o ajustamento das diferentes partes que o constituem, a adaptação do sistema ao meio envolvente da informação e da delimitação das suas fronteiras em relação aos outros sistemas macro, meso e micro (Alarcão, 2006).

2.1.4 Violência

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), a violência é tida no geral como o uso intencional da força física ou do poder real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte numa lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou então que dê a possibilidade para que isso aconteça. Tal

acção contitui um problema individual, mas social e tem implicações directas na saúde, tais como traumas físicos, distúrbios mentais, emocionais, espirituais ediminuição da qualidade de vida das pessoas.

2.1.4.1 Violência Doméstica

Na perspectiva de Machado e Gonçalves (2003) considera-se violência doméstica a qualquer acto, conduta ou omissão que sirva para infligir, reiteradamente e com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou económicos, de modo directo ou indirecto (ameaças, enganos, coacção ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado (crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos ou idosos) ou que, não habitando no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência, seja cônjuge ou companheiro marital ou ex-cônjuge ou ex-companheiro marital.

2.1.4.2 Violência contra a mulher

Segundo a Declaração das Nações Unidas sobre a Violência Contra a Mulher (1949) aprovado pela Conferência de Viena (1993), a violência se constitui “todo e qualquer acto embaçado numa situação de género, na vida pública ou privada, tenha um dano de natureza física, sexual ou psicológica, incluindo ameaças, coerção ou a privação arbitrária da liberdade” (Adeodato, 2006, p.2).

Na perspectiva de Fórum Mulher (2007) violência contra a mulher é todo o acto perpetrado contra a mulher que causa, ou que seja capaz de causar danos físicos, sexuais, psicológicos e outros, incluindo a ameaça de tais actos, a imposição de restrições ou a privação arbitrária das liberdades fundamentais na vida privada e pública.

A violência doméstica contra a mulher recebe esta denominação por ocorrer dentro do lar, e o agressor ser, geralmente, alguém que já manteve, ou ainda mantém, uma relação íntima com a vítima. Esta pode ser caracterizada de diversos modos, desde as marcas visíveis no corpo, atéàs formas mais subtis, tais como, a violência psicológica, que traz danos significativos à estrutura emocional da mulher (Fórum Mulher, 2007).

A pesquisadora identifica-se com esta visão conceptual mas lamenta o facto dos autores considerarem danos da violência doméstica e violência contra a mulher, apenas aqueles que

afectam a esfera afectiva e a esfera física, ignorando deste cenário a componente cognitiva. De acordo com Piaget e Bock (1981, 1984) também as componentes cognitivos e os seus processos ficam afectados, por exemplo, a percepção, o raciocínio, a memória, o processo de assimilação e acomodação.

2.1.4.3 Tipos de violência contra a mulher em Moçambique

Em termos conceptuais existe uma diversidade de percepções sobre a violência, contudo há pontos comuns no que se refere ao essencial, que é o reconhecimento de que toda e qualquer violência é um mal social que deve ser eliminado. Os principais tipos mais frequentes de violência contra a mulher em Moçambique são: a física, a sexual e a psicológica (Fórum Mulher, 2007).

A Violência Física é toda a acção ou omissão que produza um dano a integridade corporal das mulheres que esteja ou não tipificado como delito no código penal (Moré & Krenkel, 2014).

A violência Sexual é definida como qualquer acto sexual, tentativa de obter um acto sexual, comentários ou investidas sexuais indesejados, actos direccionados ao tráfico sexual, ou de alguma forma, voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coacção, praticados por qualquer pessoa independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer cenário, inclusive em casa, no trabalho, mas não limitado aos actos acima descritos (OMS, 2002).

Por sua vez, a violência psicológica é toda a acção ou omissão cujo propósito seja degradar ou controlar as acções, comportamentos, crenças, decisões e direitos das mulheres, através de intimidação, manipulação, ameaça directa ou indirecta, humilhação, isolamento, encerramento ou qualquer outra conduta que implique um dano à saúde psicológica, ao desenvolvimento integral ou a sua auto determinação (Minayo, 2008).

2.1.5 Alguns estudos sobre a violência contra a mulher

Tomás (2016) na sua tese de doutoramento, sobre a violência contra a mulher nas cidades de Maxixe e Nampula, analisou a especificidade das práticas sociais permeáveis a comportamentos violentos que, no âmbito das relações conjugais, vitimizam as mulheres, caracterizou as várias representações sociais e manifestações de violência contra as mulheres, bem como os contornos subjacentes à lei sobre a violência praticada contra a mulher.

Os resultados deste estudo revelaram que as famílias de origem de algumas entrevistadas eram extremamente violentas, com repercussões nas famílias de procriação. Revelaram ainda uma tendência de tolerância da violência contra as mulheres, quer pelas próprias vítimas, quer pelas instituições de apoio às vítimas. O estudo também revelou algumas fragilidades institucionais atinentes a escassez de meios de apoio às vítimas, do excesso de burocracia institucional, a ambiguidade da lei que propicia várias interpretações (Tomás, 2016).

Por sua vez, Nascimento (2012), estudou a violência doméstica contra a mulher no Centro de Atendimento a Vítimas de Crime (CEVIC), tendo constatado que o profissional de Serviço Social tem um papel educativo na prevenção da violência doméstica. Este, com os demais profissionais, podem construir estratégias para sensibilizar e mobilizar a sociedade sobre as questões da violência contra a mulher. Para atingir os adultos, neste processo de mobilização, o profissional pode utilizar os principais meios de comunicação para divulgar e informar sobre a questão da violência doméstica, orientar campanhas para sensibilização à sociedade, promover a educação sobre os direitos humanos e outros modos que possam conscientizar homens e mulheres sobre esta problemática.

Nascimento (2012) concluiu que as políticas de proteção e segurança são essenciais para o controle e combate da violência, mas é preciso também identificar políticas de prevenção que trabalhem de maneira articulada com outras políticas já referidas para uma reversão da dependência financeira, elevação da auto-estima das mulheres, empoderamento da capacidade de representação e participação na sociedade. Para esta autora, cabe aos sectores como da saúde, da educação, da justiça e segurança, assistência social e trabalho, a tarefa de mobilizar para a socialização da questão de género e a violência doméstica contra a mulher, pois um dos primeiros passos para erradicação da violência é a prevenção através de informações e divulgações.

Borin (2007), no seu trabalho sobre a Violência Doméstica contra a mulher e percepções sobre violência e mulheres agredidas em Ribeirão Preto, verificou que as mulheres percebem nos homens atitudes de ingratidão e individualismo; existe uma forte idealização das mulheres em relação aos seus companheiros, que faz com que elas permaneçam com eles à espera de alguma mudança, além de ser dependentes emocionalmente e economicamente deles. Portanto, sugere as lutas contra a violência doméstica e pela libertação das mulheres

devem ser acompanhadas pela luta de libertação dos homens pois, estes são também pressionados para desempenharem papéis estereotipados pela sociedade. Segundo a autora, o ser humano deve aprender a ser solidário, respeitar as diferenças do outro e a amar.

Fonseca e Lucas (2006) estudaram a violência doméstica contra a mulher e as suas consequências psicológicas com o objectivo de perceber melhor o seu impacto no psiquismo da mulher vítima de violência doméstica, assim como os factores que a predispõem a tal submissão. As autoras concluíram na sua pesquisa que a vivência duma relação violenta acarreta danos à saúde mental da mulher, caracterizados, principalmente, por constantes estados de tristeza, ansiedade e medo.

Os estudos dos autores acima citados convergem no facto que a violência contra a mulher é uma realidade e ela tem efeitos negativos na própria mulher, na família e na sociedade.

Tomás (2016) revela que a prática de acções violentas contra a mulher têm as suas repercussões e tais práticas são extensivas até as famílias dos seus filhos. Que as instituições vocacionadas em proporcionar o apoio necessário às vítimas de violência, mostram alguma fragilidade no controle desta problemática e sublinha a importância do papel das instituições e dos seus funcionários das mesmas que lidam com os serviços psico-sociais. Nesta mesma perspectiva, Borin (2007) realça a necessidade de mudança de comportamento tanto da parte do homem assim como da parte da mulher para haver uma coexistência pacífica.

Confrontando estes estudos com a realidade moçambicana, a pesquisadora nota que há muitos aspectos que convergem com aqueles fornecidos pelos depoimentos das mulheres entrevistadas neste estudo. Por exemplo, o tipo de violência que as mulheres brasileiras sofrem não difere muito da que sofrem as mulheres moçambicanas.

2.1.6 Quadro Legal sobre a Violência contra a mulher em Moçambique

No concernente às políticas sobre a violência doméstica contra a mulher em Moçambique, destaca-se a Lei nº 29/2009, sobre a Violência Doméstica Praticada contra a Mulher. Esta lei tem o mérito por se focalizar na prevenção, sanção dos infractores e presta às mulheres vítimas de violência doméstica a necessária protecção, garante e introduz medidas que forneçam aos órgãos de Estado os instrumentos necessários para a eliminação da violência doméstica. A referida lei, visa ainda proteger a integridade física, moral, psicológica, patrimonial e sexual da mulher, contra qualquer forma de violência exercida pelo seu

cônjuge, ex-cônjuge, parceiro, ex-parceiro, namorado, ex-namorado e familiares. Paralelamente a esta lei, existem outros instrumentos sobre a violência contra a mulher que são: Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher; Política de género e estratégia de sua implementação.

2.1.6.1 Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher

O presente instrumento é da autoria do Governo e enquadra-se no seu Programa Quinquenal (PQG) 2015-2019. Alguns dos objectivos deste Programa, referem-se à cultura de não - violência: combater todas as manifestações de discriminação e exclusão com base nas diferenças de cultura, origem étnica, género, raça, religião, região de origem e filiação político-partidária.

Este Plano tem como objectivos:

- Contribuir para a redução da Violência contra a mulher em Moçambique;
- Expandir e melhorar os serviços prestados às vítimas de violência, incluindo os serviços de assistência médica, jurídica e psicológica;
- Reforçar as capacidades institucionais e a educação e formação do público em geral em assuntos de violência contra a mulher;
- Realizar acções estratégicas de advocacia, informação e sensibilização para assuntos de prevenção e combate a violência contra a mulher;
- Estabelecer mecanismos de intervenção multisectorial coordenada contra a violência sobre a mulher.

2.1.6.2 Política de Género e Estratégia da sua Implementação

À semelhança do anterior, este instrumento foi aprovado pelo Governo através da Resolução nº 19/2007, de 15 de Maio, do Conselho de Ministros, a qual estabelece uma linha de orientação com vista a permitir a tomada de decisões e identificação de acções para a elevação do estatuto da mulher e da igualdade de género.

Esta política e o seu plano de desenvolvimento visa:

- Promover atitudes e práticas favoráveis à igualdade e equidade de género e o respeito pelos direitos humanos;
- Contribuir para a eliminação das práticas nocivas que violam os direitos das mulheres, homens, raparigas e rapazes;
- Promover e desenvolver acções que garantam igual representação e participação de mulheres e homens em órgãos de tomada de decisão, a todos os níveis;

- Promover a igualdade de direitos e oportunidades para raparigas e rapazes, bem como para mulheres e homens, no acesso à educação, formação de qualidade e outros benefícios;
- Promover a igualdade de direitos e oportunidades para mulheres e homens em relação à posse e controle de recursos produtivos e seus rendimentos, assim como em relação ao emprego formal, informal e trabalho doméstico não remunerado;
- Promover e realizar acções que concorram para a eliminação de todas as formas de violência baseada no género, em particular contra as mulheres e raparigas, nas esferas públicas e privadas, numa parceria entre o governo, parceiros de cooperação, sector privado e a sociedade civil.

Em Moçambique a aplicação da legislação contra a violência doméstica é assegurada por várias instituições públicas e privadas através de diversas acções por elas desenvolvidas, tais como advocacia, sensibilização, aconselhamento, dentre outras iniciativas.

A informação trazida por estes dois dispositivos, evidencia um nível de consciência do Estado a respeito do problema, a necessidade de mobilizar recursos para o combate deste fenómeno que assola vidas, desfigura a dignidade e o status social da mulher. Contudo, afigura-se como o grande desafio a estratégia de divulgação destes instrumentos legais junto às comunidades, sobretudo as que vivem em áreas periféricas.

2.2 Enquadramento teórico

Olhando para o problema, os objectivos a alcançar e as perguntas de pesquisa a responder, a pesquisadora achou oportuno um quadro teórico integrado com três perspectivas teóricas: psicodinâmica, cognitivo-comportamental e sistémica.

2.2.1 Teoria Psicodinâmica

Esta perspectiva aponta os aspectos intra-individuais como responsáveis do comportamento dos indivíduos. A tese central de Alexander (1992) é que os conflitos inconscientes não resolvidos entre os desejos e as forças antagonísticas do ego e do superego, geravam tensões emocionais crónicas, cujos correlatos fisiológicos podiam resultar em disfunção ou mesmo em mudanças estruturais em determinados órgãos do corpo.

2.2.2 Teoriacognitivo-comportamental ou Sociocultural

Bandura (1993) um dos famosos autores da teoria cognitivo-comportamental vê a componente cognitiva como o factor que muito determina o agir humano através de pensamentos, juízos e previsões muito do comportamento do indivíduo é elaborado a nível cognitivo. É ali onde a pessoa prevê, visualiza imagens de sucesso ou falência na realização dos seus objectivos, das suas tarefas, faz juízos e avaliações, escolhas e toma decisões, prevê as consequências e desenvolve estratégias para controlar e gerir os acontecimentos da vida. Germano & Capara (1996) afirmam que o foco de atenção no cognitivismo-comportamental são as variáveis e os processos internos do indivíduo que fazem a mediação da interacção organismo-ambiente e situações.

Em vez, o expoente da Teoria Sociocultural Vygotsky (1978) enfatiza o papel da interacção social no desenvolvimento do homem. Esta teoria concentra-se na relação causal entre a interacção social do indivíduo e o seu desenvolvimento cognitivo. O conhecimento é construído nas interacções dos sujeitos com o meio e com outros indivíduos, e são estas interacções as principais promotoras da aprendizagem. De acordo Vygotsky (1978) o ser humano é um ser social, que constrói sua individualidade a partir das interacções que estabelece entre com outros indivíduos, mediadas pelos padrões da cultura vigente.

É na perspectiva destes autores que a pesquisadora vai perceber como acontece o ciclo da violência doméstica no sistema conjugal ou sistema familiar.

As teorias intra-individuais (psicanalítica de Freud, Young e Ericson) focalizam a sua atenção nas características individuais do agressor e na personalidade da vítima embora de forma superficial. Algumas causas que explicariam o comportamento do agressor incluem a perturbação psicológica, factores de risco como a irritabilidade, estilos de personalidade agressiva e hostil, sintomatologia borderline, ansiedade, depressão e queixa sintomáticas (Hall, Lindzey & Campbell, 2005). O consumo de drogas e álcool é uma referência comum nas investigações sobre violência conjugal. Esta tende a ser mais frequente e agravada do que aquela que é exercida por agressores sem histórias de consumos (Bock, Gonçalves & Furtado, 1988). O alcoolismo e a violência conjugal tendem a coexistir, embora o álcool pareça ser mais um sintoma dos homens com tendência para usar a violência do que propriamente um factor causal directo (Bock et al., 1988). Outras substâncias associadas à violência são a cocaína, o *crack*, as anfetaminas e a heroína. O comportamento violento é socialmente apreendido e não o resultado do abuso de uma substância. A junção de ambos factores pode aumentar a gravidade da violência, porém o tratamento/cura não elimina os comportamentos

violentos (Pinafi, 2007). Na perspectiva psicodinâmica ou psicanalítica, estas formas de comportamento são regidos pelo princípio do prazer e da supremacia (Pinafi, 2007).

Outro argumento de Alexandre (1992) defende que quando o agressor agride a sua mulher está a manifestar uma frustração sentida para com outra pessoa, enquanto as mulheres maltratas são entendidas como frágeis, factor que contribuiria para a sua vitimação. Nas teorias intra-individuais, os agressores são libertos de responsabilidade pelo comportamento, enquanto as características individuais das mulheres são apresentadas como legitimadoras da sua situação.

2.2.2.1 O ciclo da violência doméstica

As mulheres vítimas de violência, como já foi referido anteriormente, falando da violência doméstica e violência contra mulher nos parágrafos (2.1.4. e 2.1.4.1.) não são agredidas constantemente, nem a violência de que são vítimas ocorre ao acaso. Alguns autores apontam para a existência de um ciclo definido vivido por estas mulheres, o qual ajuda a compreender como se tornam vítimas, como se deixaram cair num comportamento de apatia e porquê não conseguem escapar da violência. Por isso, o Ciclo de Violência Doméstica deve ser entendido como um sistema circular, no qual as dinâmicas da relação de casal se manifestam sistematicamente passando por três fases distintas que podem variar consoante o tempo e intensidade para o casal e entre diferentes casais. Este padrão de interacção termina onde, antes, começou (Pascuali, 1999). O mesmo autor apresenta o esquema do ciclo de violência doméstica descrito em várias fases, inspirado em Paiva & Figueiredo (2003).

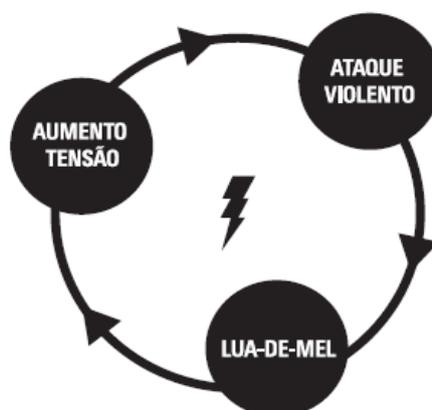


Figura nº1: ciclo de violência doméstica

Legenda:

Aumento de Tensão: As tensões acumuladas no cotidiano, as injúrias e as ameaças do agressor, criam, na vítima, uma sensação de perigo eminente;

Ataque Violento: O agressor exerce violência física e psicológica contra a vítima, aumentando na sua frequência e intensidade.

Lua-de-Mel: O agressor envolve agora a vítima de carinho e atenções, desculpando-se pela violência exercida e promete mudar de comportamento.

À luz da descrição deste ciclo de violência doméstica surge a questão do porquê a vítima não abandona a relação. Oliveira (2008), na sua reflexão afirma que os motivos que as mulheres alegam para justificar a atitude de permanência no relacionamento violento são diversos e referem-se aos aspectos como o medo de represálias, a perda de meios e suporte económico, a preocupação com os filhos, a dependência emocional, a ausência de rede social de apoio (família e amigos) e a eterna esperança de que o agressor, irá mudar. De acordo com Oliveira (2008) este último aspecto é sustentado pelo próprio agressor por períodos que podem variar em tempo e em intensidade.

Oliveira (2008) destaca quatro modelos explicativos para a decisão de abandonar ou não a relação violenta como sejam:

- **Impedimentos Psicológicos:** A vítima permanece na relação devido a handicaps individuais;
- **Abandono Aprendido:** A vítima interioriza uma atitude de passividade e culpabiliza-se;
- **Teoria da Troca:** A vítima encontra-se num dilema entre continuar a relação e o desconhecido, o medo de uma educação monoparental feminina, as dificuldades económicas, sem apoios pessoais e comunitários;
- **Teoria do Comportamento Planeado:** A vítima interioriza uma atitude passiva, culpa-se a si própria e acomodam-se ao comportamento do parceiro. Algumas vítimas reconhecem perigo em que vivem, mas são optimistas, esperando que o comportamento dos agressores se altere.

2.2.2.2 Violência doméstica e os motivos que as leva a permanecerem na relação

Existem várias linhas de abordagens desta temática as quais se resumem em duas. A dependência económica que é apontada como sendo o elemento determinante para a não

denúncia dos actos macabros perpetrados pelos seus parceiros, da parte das mulheres a construção social.

Na perspectiva da primeira abordagem, violência como dependência económica, Mejia (2007) afirma que as mulheres casadas que sofrem de violência doméstica por parte de seus maridos permanecem nesses casamentos pelo factor económico. Esta a autora defende ainda que a dependência económica em que as mulheres se encontram em relação aos seus maridos/parceiros constitui o factor que condiciona a sua permanência nas relações conjugais violentas. De acordo com os objectivos desta pesquisa, é possível compreender também que nos casos em que as mulheres são vítimas de violência perpetrada pelos seus maridos, tal sucede como resultado da dependência económica que estas têm.

Na mesma perspectiva, Cardoso (1997) e Cecconello (2003) defendem que a pobreza e a violência estão associadas à dinâmica da vida conjugal, que a miséria afectiva associada à miséria económica afectam a capacidade das pessoas enfrentarem as situações adversas que lhes são impostas no seu quotidiano.

Por sua vez, Pais (1998) afirma que a violência doméstica tem raízes muito profundas e com maior extensão do que parece, desencoraja o recurso à repressão policial ou judicial para a resolução do problema da violência doméstica conjugal. Contudo, reconhece que a violência doméstica constitui um fenómeno que precisa de soluções judiciais por um lado e soluções policiais por outro lado, mas nunca se eximir de resolver questões de desigualdades sociais que caracterizam a sociedade.

Nessa perspectiva, pode-se enquadrar também o estudo de Santos (2001) segundo o qual, a prática de violência doméstica surge como efeito dos processos de fragmentação social, onde a violência configura-se como um dispositivo de controlo, aberto e contínuo, no qual se dá a afirmação de poderes legitimados por uma determinada norma social. Partindo desse pressuposto, a violência pode ser entendida como sendo a relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro.

É de destacar-se também o pensamento de Osório, Andrade, Temba, Jose & Levi (2001) que caracterizam, a violência como uma forma de resolução de conflitos no contexto das relações de autoridade, onde quem detém o poder exerce-o. Esta visão teórica olha para a violência como uma construção social que propicia a desigualdade, onde a mulher é vista como um ser inferior sem acesso e gozo do exercício dos direitos humanos. Neste sentido, em algumas sociedades tem-se permitido que os perpetradores fiquem impunes, ao perdoar-se tacitamente o seu delito, partindo do critério socialmente aceite de que a mulher é propriedade do marido e, este pode fazer com ela o que achar conveniente (Osório, 2001).

À luz dos autores Osório et al. (2001) e Gomes et al. (2011) pode-se concluir que a violência doméstica é o resultado da incitação do modelo social patriarcal sobre o qual a sociedade se organiza, orienta, as suas conceptualizações sobre o fenómeno da violência mais numa perspectiva da vitimização feminina, associando a masculinidade à violência pois, refere-se que esta se expressa através dos padrões tradicionais, do poder, da agressividade, sexualidade incontrolada, para a construção e reprodução das suas identidades.

Estes autores oferecem bases para esta pesquisa que permitem reconhecer a presença da violência contra as mulheres no contexto das relações conjugais, dada existência de relações de poder desiguais entre homens e mulheres quando estas se encontrem numa condição de dependência e subordinação. A visão de Osório (2001) e Gomes et al. (2011) corrobora com Johnson (1995) ao afirmar que as vítimas de violência experimentam sintomas psicológicos tais como a culpa, a vergonha, a humilhação, depressão, raiva e ansiedade, abandono da relação. Neste sentido, os depoimentos recolhidos indicam que as motivações mais comuns relatadas pelas mulheres participantes da pesquisa, são a raiva, coerção e tentativas de punir o parceiro pelo seu mau comportamento, especialmente a infidelidade sexual (Osório, 2001).

De acordo com Johnson (2011) as motivações podem ser influenciadas por *stresses* de origem interna e externa como: autodefesa e retaliação, medo e controlo, gravidade da violência ou lesões. Os autores consultados apresentam alguns factores que contribuem para a manutenção da relação por parte das mulheres vítimas de agressões pelos próprios parceiros, tais factores estão ligados a protecção dos filhos, ao medo das consequências da separação, uma das quais a guarda dos filhos entregue ao homem; a culpabilização, delas por tudo o que acontece no lar, medo da independência, nestas situações por causa de perder os meios de subsistência.

Foi também possível constatar que a literatura sobre a violência doméstica em Moçambique incide no estudo da violência que é perpetrada pelos homens contra as mulheres, apesar de esta prática também verificar-se no sentido inverso.

2.2.3 TEORIA SISTÉMICA

Apesar das duas teorias mencionadas anteriormente nas secções 2.2.1 e 2.2.2 serem pertinentes para o estudo deste tema, a pesquisadora optou pela teoria sistémica, como teoria básica e focal para o aprofundamento da questão, podendo fazer recurso a teoria

psicodinâmica e a cognitivo-comportamental em momentos oportunos e complementar da sistêmica na interpretação do fenômeno violência doméstica contra a mulher.

2.2.3.1 Estrutural, Estratégica e Ecológica

Dentro da sistêmica, a pesquisadora teve preferência por algumas teorias sistêmicas nomeadamente: Estrutural, Estratégica e Ecológica dado o carácter do problema que não só atinge o sistema familiar e os seus subsistemas, mas também os ambientes com os quais a família interage.

Não é intenção da pesquisadora fazer uma retrospectiva histórica da Teoria Sistêmica Familiar, mas só indicar brevemente as fases da construção teórico-metodológica que marcaram o seu início e a sua sucessiva evolução, bem como, a sua aplicação na construção de estratégias de intervenção nas Famílias e comunidades.

A teoria sistêmica, que hoje constitui base predominante para o estudo das famílias e comunidades, surgiu com (Ludwig von Bertalanffyem, 1920) quando elaborou um modelo teórico da Teoria Geral dos Sistemas, a partir da visão sistêmica da química, física, matemática e da biologia, estabelecendo um paralelismo e sua aplicação aos seres vivos e aos sistemas sociais (Uhlmann G.W., 2002).

Nesta proposta teórica, os organismos vivos constituem um sistema aberto que interage com seu ambiente como um todo, procurando alcançar o equilíbrio (homeostase), através do mecanismo de autorregulação em tal interação. Este conceito manteve-se como ponto referencial em todos os estudos e nas discussões teóricas sucessivas na Teoria Sistêmica da Família e na Terapia Familiar (Nichols & Schwartz, 2006-2007).

Foi a partir da visão sistêmica de Ludwig von Bertalanffy que se criou e se desenvolveu a teoria sistêmica da família através de três escolas conhecidas como pioneiras da construção do contexto sistêmico e clínico da família, com base nos conceitos da Cibernética e da Teoria Geral dos Sistemas: a Escola de Palo Alto, a Escola Estrutural Salvador Minuchin, e a Escola Estratégica. Estas escolas são unânimes em preservarem o conceito básico da família como um sistema vivo e aberto, em constante mudança, organizado em subsistemas e limitado por fronteiras, com função autorreguladora (Costa L. F., 2010).

A Escola Estrutural Minuchin (1980/1982) valoriza a estrutura familiar caracterizada por mapeamento de fronteiras, regras, direção da funcionalidade familiar, padrão de organização das interações, repetições de comportamentos, coalizões, dinâmica de interação.

Baseando-se na teoria dos sistemas, vê a família como um sistema dinâmico, que se subdivide em outras estruturas ou sistemas aos quais chama de subsistemas, com funções bem determinadas: reprodutora definição de Hierarquia e criação de um clima de coesão, educação, socialização e estabilizador. Este facto é suficiente para justificar a análise deste tema centrado na teoria sistémica da família (Minuchin, 1976).

A Escola Estratégica de Milão é um modelo de leitura e interpretação das dinâmicas do sistema familiar, voltado sobretudo para a clínica, onde as partes do sistema formam um todo e todas as partes têm a mesma importância. O seu foco de atenção são os recursos e acções que envolvem todos os membros da família na da solução do problema e na identificação de regras familiares governam todo o sistema, atitudes e comportamentos que mantêm o problema. Para cada problema se traçam estratégias específicas para a busca mudanças (Costa, 2010).

A Escola de Palo Alto na sua teoria de sistema familiar procura evidenciar os paradoxos da comunicação na família, o padrão da interação familiar baseado nas heranças, mitos e lealdades familiares que colaboram para a repetição de conflitos nas diferentes gerações e a orientação de tarefas dadas à família cujo objectivo é alterar o padrão repetitivo (Costa, 2010).

As construções teóricas iniciais da Psicologia sistémica e da Terapia Familiar vieram da psicanálise que se interessava pela observação atenta da comunicação no seio da família com membros psicóticos. Da observação da dinâmica familiar e do papel da emoção na interacção, surgiram debates sobre a qualidade da comunicação característica deste grupo.

De acordo com a teoria geral dos sistemas, nada acontece isoladamente e qualquer coisa que afeta um dos componentes, afecta também todos os outros, isto é, qualquer alteração que aconteça num dos membros causa impacto sobre todos os outros membros do sistema (Andrade, 2011).

Na mesma perspectiva, Bucher-Maluschk & Féres-Carneiro (2008; 1996) nas suas pesquisas procuram resgatar a história da Terapia Familiar pondo em evidência a Psicanálise e sua articulação com a Teoria sistémica. Ambas concordam que a preocupação de Freud, desde o início de seus escritos, era voltada para as relações familiares de seus pacientes, colocando a família e o indivíduo como interdependentes. Muitos outros autores contemporâneos, como Adler, Sullivan e Fromm-Reichman, também contribuíram no sentido de mostrar que as origens dos conflitos individuais estão nas relações familiares.

De acordo com Gimeno (2003) e Amaro (2006) o sistema vem caracterizado essencialmente por três aspectos:

Mínimo de interdependência entre os membros do sistema, isto significa que uma mudança num dos membros traz mudanças em cadeia; **mínimo de regulamentos** que presidem às relações entre os membros do sistema, o que quer dizer que os seus vínculos obedecem a regularidades; **mínimo de consciência dos regulamentos** por parte do sistema, o que significa que no seu comportamento, cada um tem em conta essas regulações.

Relvas (1996) dá sua contribuição dizendo que família inicia com a constituição do casal e vai mudando à medida que vão nascendo os filhos, vão se tornando adultos e vão saindo de casa formando nova família. Quando o sistema familiar tem dificuldade na adaptação ligada às várias fases do ciclo, pode passar por crises evolutivas universais e previsíveis, provocando problemas, mudanças nos seus membros e no funcionamento de todo o sistema familiar.

2.2.3.2 Perspectiva sistémica diádica

Bodenmann (2005) falando do stress diádico afirma que este constitui um acontecimento stressante específico que afecta ambas partes do sistema conjugal que desencadeia esforços de coping de ambos parceiros. Pode ser composto apenas por stress individual que não está resolvido e que começa a afectar o parceiro ou pode, também, referir-se a esforços individuais que entram em conflito com a ajuda e as expectativas do parceiro.

O mesmo autor afirma que o stress diádico pode ser classificado segundo três dimensões: A forma como cada parceiro é afectado pelo evento que despoletou o stress, a sua origem e o momento em que o casal começou a ser afectado. Neste sentido:

- O coping diádico positivo é definido como reacções positivas de apoio ao parceiro aquando de sinais de stress deste, tais como compreensão empática, mostrar solidariedade ou o ser encorajador (Landis, Peter-Wight, Martin & Bodenmann, 2013).
- O pró-relação, mostra um esforço de um parceiro para apaziguar o stress do outro, proporcionando-lhe apoio emocional. Alimenta uma sensação de confiança mútua, compromisso e a percepção de que o relacionamento é uma fonte de apoio em circunstâncias difíceis (Landis et al, 2013).
- O coping diádico negativo é visto como comportamentos negligentes: não há valorização ou apreciação do parceiro, há crítica excessiva, hostilidade, ambivalência) o que influencia negativamente a satisfação da relação.

Tanto o coping positivo como o negativo são os melhores preditores (respectivamente, positivos e negativos) da satisfação relacional (Landis, Peter-Wight, Martin & Bodenmann, 2013). Isto vem reforçar o papel central do esforço conjunto de ambos parceiros para colaborarem na gestão do stress levando a uma confiança mútua, intimidade e solidariedade. Mais do que a presença de interacções negativas, a ausência de interacções positivas é crucial para a predição de divórcio (Falconier, Jackson, Hilpert & Bodenmann, 2015).

Ambos modelos, coping e stressdiádico, são importantes para a compreensão da dinâmica da relação. O bem-estar de um parceiro depende do bem-estar do outro, bem como da respectiva integração no ambiente social. Assim, a insatisfação conjugal é um forte preditor de stress emocional em ambos sexos (Bodenmann, & Randall, 2005/2012).

Os estudos que se referem às explicações diádicas sustentam as teorias sócio-psicológicas como a teoria da frustração-agressão, a teoria da interacção simbólica, a teoria da troca e a teoria das atribuições. Contudo, maior ênfase é dada à teoria intergeracional da violência a qual defende que a experiência da vitimação na infância favorece a sua perpetuação (Marques, 2009). A teoria da intergeracionalidade da violência sustenta que quem já foi vítima de violência ou a testemunhou na infância, frequentemente torna-se um adulto agressor.

Segundo Ousar (2005) a exposição à violência proporciona um modelo de desempenho vitimador. Este autor refere ainda que a violência parental na infância, aumenta o risco de vitimação da mulher quando adulta, além de que esta pode apreender que o amor legitima a violência do seu cônjuge (Ousar, 2005).

Esta teoria é mais consistente no que aos homens diz respeito (tornar-se-iam com maior probabilidades agressores) do que em relação às mulheres. Mas, mesmo em relação aos homens, sabe-se que um *background* violento nem sempre pré-determina um adulto violento, devido a outros factores de mediação, por exemplo, contactos com modelos masculinos não violentos.

2.2.3.3 Teoria Ecológica

A teoria ecológica e sistêmica de Bronfenbrenner (1999) apresenta os aspectos da pessoa em desenvolvimento, o contexto em que vive e dos processos interativos que influenciam o desenvolvimento humano, em determinados períodos da sua existência.

Passando para a análise do **contexto** em que vivem as famílias, Bronfenbrenner apresenta o primeiro nível que é o **microssistema**, que se configura com as famílias, descritas em seus aspectos físicos, como também em termos de interação entre seus membros. Por exemplo, como as pessoas circulam em casa, locais onde dormem, tipos de conflitos, cuidados entre membros.

O nível **mesossistema**, que inclui as ligações existentes entre dois ou mais ambientes que interagem com as famílias. Este nível indica como se dão as interações das crianças com outras pessoas com a vizinhança, com a escola, igreja creche, hospital, esquadra. Estes contextos constituem uma rede de apoio que ajuda e empodera as famílias no exercício das suas funções.

O nível **exossistema**, ou seja, aquele que não envolve as pessoas em crescimento como participantes ativos ou directos, por exemplo os locais de trabalho dos pais, empregadores, a penitenciária.

O nível **macrossistema**, que integra os aspectos sócio-econômicos-culturais e o seu impacto nas relações familiares. A falta de infra-estrutura oferecida pelo Município ao bairro em forma de praças, parques ou mesmo de escolas e creches, faz com que as famílias e suas crianças tenham um modo de vida diferente daquelas pessoas que vivem em locais em que todos esses requisitos são respeitados pelos governantes. A situação precária em que vivem as famílias, com baixos salários, desemprego e aumento da violência ocasionada pelo tráfico de drogas, consumo de álcool e a criminalidade afeta directamente o sistema familiar e o seu bem-estar em todos os aspectos sobretudo: orgânico, psicológico e social. A partir de modelo teórico ecológico, entende-se que as famílias em estudo estão inseridas em redes de processos e de relações interpessoais básicos ao desenvolvimento humano. Isso justifica o uso da multidisciplinariedade teórica-sistémica no estudo do fenómeno violência doméstica contra a mulher. Para isso, é necessário que o pesquisador busque a construção de um esquema teórico e metodológico, na tentativa de permitir a descrição detalhada e análises sistemáticas dos contextos em que se desenrolaram as ações e interações humanas entre todas as pessoas envolvidas no estudo. Há que se considerar, contudo, as inter-conexões dos processos familiares, como também as díades, as quais têm o poder de influenciar o curso do desenvolvimento, as atitudes, o modo de pensar, de sentir e de agir das pessoas directa ou indirectamente.

A opção desta abordagem metodológica de pesquisa qualitativa no contexto natural das famílias foi fundamental para a compreensão dos processos que envolvem família e criança em momentos de brincadeira e a influência desses processos nas práticas educativas

familiares. Tomando em consideração significado psicológico do contexto ambiental para famílias participantes desse estudo, seguindo a abordagem ecológica de Bronfenbrenner, a pesquisadora acredita na possibilidade de contribuir com o estudo feito na perspectiva sistémica.

2.2.3.4 Perspectivas socioculturais

As explicações referidas anteriormente analisam factores históricos, sociais, culturais e políticos que contribuem para a violência contra as mulheres. Nas abordagens socioculturais, a violência contra as mulheres é entendida como resultado do seu tratamento histórico e da actual sociedade patriarcal. Na conjuntura patriarcal, a violência é justificada pela premissa de que os homens reconhecem o seu poder e autoridade sobre as mulheres e o uso da força é uma forma através da qual esse domínio se mantém (Bock et al, 1988).

A família tradicional é criticada, de forma recorrente, pelos feministas, que entendem que a família actual tem de ser repensada já que, no seu entendimento, embora as famílias não sejam hoje estritamente patriarcais, são ainda em muitas situações, transmissoras de desigualdades sexuais. Para os feministas, a violência contra as mulheres nas relações conjugais continua a ser ignorada judicialmente, já que é resultado do processo normativo de socialização masculina.

A perspectiva de que *entre marido e mulher, ninguém mete a colher*, como diz o velho provérbio português, fechou a violência entre os muros da intimidade familiar e deixou o público fora da sua esfera privada. Mas a violência doméstica é um problema social e político no entendimento feminista e representa um dos modelos explicativos dominantes (Artur, 2005). Esta abordagem, porque lida directamente com a questão do poder, realça a necessidade de dar voz às vítimas. Por isso, tem tido um sucesso significativo na recuperação das mulheres vítimas de violência doméstica.

As teorias *psicodinâmicas* enfatizam os motivos inconscientes o conflito intrapsíquico resultante. As teorias *estruturais* focalizam as diferentes tendências comportamentais que caracterizam os indivíduos. As teorias *experienciais* observam a maneira pela qual a pessoa *percebe a realidade* e experiêcia seu mundo. Finalmente, as teorias *da aprendizagem* enfatizam a base aprendida das tendências de resposta, com uma ênfase no processo de aprendizagem em vez de nas tendências resultantes.

2.3 Síntese conclusiva

Este capítulo da revisão da literatura, foi de extrema importância para o estudo, pois, permitiu colher informação útil dos autores consultados, possibilitou a identificação dos conceitos-chaves e sua definição, a compreensão do problema e a focalização das questões de pesquisa e a formulação de objectivos. A revisão bibliográfica não só abriu horizontes à pesquisadora mas também ajudou a definir o quadro teórico de referência capaz de sustentar o objecto deste estudo, forneceu o método e os instrumentos de investigação, bem como alternativas de respostas às questões colocadas no primeiro capítulo.

A bibliografia consultada mostrou ainda não existe um motivo único que justifica a violência doméstica e a violência contra a mulher e a capacidade de resiliência da vítima, mas sim uma cadeia de emoções, crenças, subjugação da mulher pelo homem e a manipulação emocional pelo agressor, a dependência afectiva e dependência económica, a falta de uma rede social e o apoio familiar estão na base deste tipo de relacionamento que colocam vítima num labirinto sem saída. A mulher, por seu turno, perspectivando o casamento como um projecto de vida, não se permite considerar a possibilidade de ser ela o motor do fim, ainda que, inconscientemente saiba o que o futuro lhe espera (Artur, 2008).

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

3.1 Introdução

Nos capítulos 1 e 2 procurou-se contextualizar este estudo quer do ponto de vista da definição do problema, dos objectivos e das questões de pesquisa, quer sob ponto de vista da identificação da literatura de suporte ao estudo. O presente capítulo apresenta os principais vectores metodológicos que ajudaram a dar resposta às perguntas de pesquisa: métodos usados no estudo; a população alvo da pesquisa e a amostra; os instrumentos e técnicas usadas para a colecta de dados; procedimentos no tratamento de dados; as considerações éticas, limitações e lacunas possíveis ao longo da investigação.

3.2. Descrição e justificação da metodologia de trabalho

A metodologia científica é o caminho percorrido num trabalho de pesquisa, isto é, um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência em função da formulação e resolução de problemas de forma objectiva e sistemática (Rodrigues, 2007). Dado o carácter do estudo, a pesquisadora optou por uma combinação de métodos complementares que são: quanti-qualitativo, descritivo e analítico, pois estes permitiram fazer a exploração, descrição e análise dos dados recolhidos junto dos casos em estudo.

3.2.1. Métodos quanti-qualitativos

Este método é um procedimento que consiste na colecta de dados do ponto de combinação do método quantitativo e qualitativo. As duas abordagens devem ser encaradas como complementares. O método quantitativo é uma pesquisa científica onde os resultados podem ser quantificados. Recorre a linguagem matemática para descrever as causas de um fenómeno, as relações entre as variáveis (Rodrigues, 2007).. Este método tem o objectivo de garantir uma maior precisão na análise e interpretação dos resultados, aumentando a margem de confiabilidade quanto às inferências dos resultados encontrados (Baptista & Cunha, 2007). Portanto, é um método caracterizado pela busca da magnitude e das causas dos fenómenos

sem se preocupar com a dimensão subjectiva, usando procedimentos controlados, orientados aos resultados replicáveis e generalizáveis.

A investigação qualitativa se baseia nos valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (Minayo & Sanches, 1993) e tem como vantagem principal, a capacidade de fazer emergir aspectos novos, ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito.

3.2.2. Método descritivo

A Pesquisa Descritiva consiste em descrever as características de determinadas populações ou fenómenos observados. Uma das suas peculiaridades está na utilização de técnicas de colecta de dados padronizadas que permitem o indivíduo descrever-se, tais como a observação sistemática, a entrevista, anamnese que implicam recolha de informação como idade, sexo, proveniência, escolaridade, profissão, estado civil, experiências vividas (Gil, 2008).

3.2.3. Método analítico

A investigação analítica, é centrada na análise do significado que os indivíduos dão aos fenómenos e as experiências da vida, mostra-se a mais indicada para o desenvolvimento deste tipo de estudo. A investigação analítica e interpretativa, confronta os resultados, coloca o interesse central no significado humano, na vida social, na elucidação e exposição da parte do investigador (Santos, 2010).

Segundo Erickson (1986), o que torna um estudo interpretativo “é uma questão de foco, substantivo e intenção, e não uma questão de procedimentos para a recolha de dados. Uma investigação pode basear-se em dados de natureza qualitativa recolhidos por um investigador em presença do fenómeno a estudar e pode não ser interpretativa, basta que assente nas perspectivas do investigador e exclua as do observado.

Pelo carácter do estudo, a pesquisadora preferiu focalizar-se mais no método quantitativo pela modalidade de estudo de caso, onde se pretende aprofundar e responder a questões de natureza explicativa, de tipo “como, quem, quando e “porquê”, proporcionando assim uma descrição holística de um fenómeno interno ou externo do indivíduo bem identificado e delimitado, sobre o qual a investigadora não tem, qualquer controlo (Yin, 1989).

Um outro aspecto que se destaca nesta modalidade de investigação é a possibilidade de uma interpretação no contexto, onde é favorecida a percepção de interacções entre factores significativos característicos do fenómeno. Por isso mesmo, esta modalidade se torna especialmente interessante para o estudo de um fenómeno actual no seu contexto real, sobretudo se é impossível separar as variáveis do fenómeno do próprio contexto (Merriam, 1988; Yin, 1989). No nosso caso, para estudar a violência doméstica em mulheres assistidas na CAPAZ é imprescindível a consideração do contexto familiar onde esta é perpetrada. Do exposto nos parágrafos anteriores, já se percebe que estas tenham sido as razões que levaram a pesquisadora a optar pelo método quanti-qualitativo, descritivo e analítico, usados de forma combinatória e considerando os quatro métodos válidos e úteis para estudo.

3.3. Caracterização do local de estudo

O grupo alvo desta pesquisa foi identificado na Associação Moçambicana de Assistência Psicossocial e Empoderamento às vítimas de Violência Doméstica, abreviadamente designada CÁ-PAZ, cuja criação é datada 12/12/2007, conforme o Boletim da República III Série, número 50. Esta Associação situa-se na Província do Maputo, cidade da Matola, Posto Administrativo da Machava e funciona nas instalações do comité do círculo no bairro da Machava-sede. A associação surge pela necessidade, conforme o próprio nome diz CA de capacitar as comunidades para intervenção nos conflitos que as aflige (agressões, violações, crises etc) e PAZ de oferecer um espaço de tranquilidade, à pessoas vítimas de vários tipos de violência e conflitos.

É uma instituição sem fins lucrativos, e, além de capacitar e emponderar as mulheres, forma activistas voluntários que têm o nome de “BONS VIZINHOS”, através dos quais a CAPAZ, interage com a Comunidade, Polícia, Procuradoria, Saúde, Educação e Justiça. O papel dos bons vizinhos é identificar, sensibilizar, dar apoio e encaminhar os casos de violência à Polícia ou para o Centro CAPAZ. Estes fazem também a monitoria dos casos em processo de intervenção.

Um dos impactos da actividade dos bons vizinhos é a continuação do trabalho nas comunidades, estes funcionam como pontos de referencia, de confiança e de apoio para a solução dos problemas das pessoas e das famílias nas comunidades, orientam as pessoas para os serviços públicos, pois antes não tinham consciência sobre a sua existência, sobre os direitos básicos e fundamentais de assistência que constituem obrigação do Governo, oferecer

às camadas desfavorecidas, a protecção e segurança, o direito dos cuidados primários de saúde, educação, defesa e justiça, entre outros.

Segundo Manion & Marison (2007) a população é o universo de objectos do mundo real que podem ser indivíduos, famílias, organizações, países ou praticamente tudo o que possa ser definido como pertencente a uma classe taxonómica particular.

3.3.1 Descrição da população alvo de pesquisa e suas características

Na presente pesquisa a população de estudo é constituída por vinte e cinco mulheres, vítimas de violência doméstica, de idade compreendida entre 18-35 anos, atendidas na CAPAZ, durante o ano de 2016, onde 48% corresponde a idade de 18 aos 25anos, e 52% a idade dos 26 aos 35 anos.

Quanto à ocupação profissional das mulheres entrevistadas, 67% não tem um emprego formal, 17% está no comércio informal e apenas 16% é que exerce profissões diversas.

No tocante ao estado civil, 76% das mulheres entrevistadas vive em união de facto e 24% tem as suas relações oficializadas. Relativamente ao agregado familiar 88% das mulheres entrevistadas varia de 1 a 4 membros e os restantes 12% tem um agregado familiar de 5 a 10 membros.

As mulheres entrevistadas revelaram que vivem com os respectivos cônjuges num relacionamento menos confortável, razão pela qual procuram os serviços da CAPAZ. No seu sistema familiar elas não só vivem com os filhos mas também com seus irmãos e cunhados.

A informação relativa à idade dos cônjuges das mulheres entrevistadas indica que esta varia entre 18 e 50 anos. Noconcernente às habilitações literárias dos cônjuges, vão desde a 1ª até a 12ª classes e apenas 8% tem o nível superior.

Em relação à profissão dos cônjuges, as mulheres entrevistadas, afirmaram que uns são motoristas outros comerciantes, alguns ainda trabalham por conta própria, outros são desempregados, poucos são os que exercem outras profissões.

Quanto à família de origem das mulheres entrevistadas, verifica-se o cenário seguinte: 64% das mulheres entrevistadas provém de famílias não casadas, contra 36% cujas famílias são casadas. Todas as mulheres entrevistadas afirmaram que frequentavam a escola nas suas famílias de origem e o relacionamento comosseus pais era muito bom apenas um pai ou outro foi violento para com as filhas quando estava sob efeito de álcool.

Todas as entrevistadas recorrem à CAPAZ devido às acções violentas perpetradas pelos seus

cônjuges, repetidas vezes por causa do ciúme. As agressões ocorrem quando os parceiros estão sob efeito de consumo de bebidas alcoólicas onde algumas mulheres foram vítimas de violência física com o recurso ao cinto, causando-lhes ferimentos e traumas. Em resposta às agressões as mulheres fogem para as casas dos seus vizinhos ou familiares e outras vezes respondem aos agressores com palavras.

3.4 Amostra

De acordo com Martins (2000), a amostra é um subconjunto da população alvo de estudo. A técnica da amostragem implica um procedimento criterioso para descrever e seleccionar a amostra. Na mesma perspectiva, Cohen, Manion & Morrison, (2007); Kothari (2004) afirmam que neste procedimento, o pesquisador focaliza-se num grupo particular, com plena consciência de que este não representa a generalidade da população, é apenas representativo de si mesmo. Contudo, estes autores consideram que pesquisas desta natureza são relativamente menos complexos de conceber, consideravelmente menos caras e mostram-se adequadas para pesquisadores cuja intenção não é extrapolar os seus resultados para além da amostra.

Nesta sentido, as participantes da pesquisa foram seleccionadas com o recurso à amostragem não probabilística mas sim aleatória. Em 100% da população da pesquisa extraiu-se 24% que representa seis mulheres vítimas de violência doméstica, atendidas no CAPAZ, no ano de 2016, para o estudo mais aprofundado.

3.5 Técnicas de recolha de dados

As técnicas usadas para o estudo foram constituídos por: Entrevista Semi-Estruturada, Teste FAST, Genograma e Sociograma.

3.5.1 Entrevista semi-estruturada

Esta técnica resulta da combinação de perguntas abertas com perguntas fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Segundo Fortin (2003), a técnica de entrevista semi-estruturada, proporciona as vantagens seguintes: facilitar a

captação imediata da informação desejada, fornecer a possibilidade de fazer correcções antecipadas, ainda no local de estudo.

No presente estudo foi utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada através de um guião com questões individuais, previamente definidas e desenvolvidas num contexto de uma conversa informal, com o intuito de recolher os dados. As entrevistas foram elaboradas e estruturadas sob inspiração de Ribas e Fonseca (2008) e permitiram a colecta de dados sócio demográficos das participantes tais como: idade, ocupação, nível de escolaridade, estado civil, número do agregado familiar; histórico de família de origem. Estas decorreram num ambiente reservado, com duração máxima de cinquenta minutos.

3.5.2. Genograma

Segundo Rodrigues et al. (2007), o genograma representa a árvore familiar que regista informação sobre os membros de uma família e as suas relações, durante pelo menos três gerações. As informações apresentadas nos genogramas proporcionam uma rápida gestalt das complexas normas familiares e uma vasta fonte de hipóteses sobre como um problema clínico pode estar relacionado com o contexto familiar e a sua evolução ao longo do tempo. O genograma tem sido difundido actualmente como um instrumento científico para a colecta de dados, especificamente em pesquisas qualitativas com famílias e a sua utilização tem se mostrado bastante adequada em diferentes fases de transição da vida, quer em famílias com crianças acometidas por doenças crónicas, ou em famílias de idosos, em famílias com pessoas com transtorno mental, famílias com membros adultos que sofrem de cancro, entre outras (Wendt & Crepaldi, 2007).

É nesta perspectiva que a pesquisadora fez recurso ao genograma com o objectivo de representar graficamente o mapa genealógico das famílias das mulheres entrevistadas, para melhor identificar a sua estrutura hierárquica e a proximidade entre os seus membros (percepções, emoções e experiências), bem como o tipo de relação e interacção que acontecem dentro do sistema conjugal e familiar. Os genogramas das participantes foram construídos à luz dos autores McGoldric & Gerson, (1995) e Minuchin (1982), após apresentação das formalidades da pesquisa, obtenção do consentimento informado da parte das participantes e após as entrevistas feitas às famílias seleccionadas para o estudo de caso.

Para o efeito, usou-se o papel A4 e caneta para o registo da composição dos membros familiares obedecendo a ordem cronológica de nascimento (caso de irmãos), a sequência dos

casamentos, inclusão de novos membros, bem como os padrões de relacionamento existentes entre os membros. Os genogramas dos parágrafos que seguem, apresentam a estrutura e as dinâmicas do funcionamento de cada uma das famílias da nossa amostra.

Consoante as respostas dadas, sucessivamente, a pesquisadora foi interrogando sobre o relacionamento dos membros da sua família e o exercício da autoridade no sistema. Assim foi se completando a informação e construiu-se o genograma de M2, na sequência do seu relato.

3.5.3 TESTE FAST

O Teste do Sistema Familiar, do inglês, Family System Test, está baseado na estrutura sistémica e tem por objectivo avaliar o processo de funcionamento da estrutura familiar do ponto de vista de hierarquia ou poder e de coesão ou proximidade de laços afectivos.

De acordo com Gehring, T.; Bragger, F.; Steinbach, C. & Brunischu, B. (1995), esta técnica tem o potencial de despoletar emoções e reacções fortes em pacientes com problemas psicológicos graves e o seu uso é recomendado somente a terapeutas experientes. Pode ser aplicado aos pais e filhos de forma interactiva ou individualmente, garantindo uma forma padronizada de avaliação dos membros da família com os seus padrões interpessoais.

Segundo os autores, o FAST é fácil de administrar e de analisar quantitativa e qualitativamente as representações dos pacientes. O uso da técnica de colocação de figuras na prática clínica e na pesquisa apresenta muitas vantagens, pelo facto do teste não requerer habilidades de escrita, nem de leitura; pode ser usado com todo o tipo de populações, a partir das crianças na idade pré-escolar até à idade adulta e velhice, bem como, aplicado também em diferentes culturas e situações adversas, excepto situações de incapacidade extrema, por exemplo, doença mental grave.

O teste FAST, é composto por um tabuleiro dividido em 81 quadrinhos de 5 cm de largura e 5 cm de comprimento e por peças feitas de madeira que representam as figuras femininas e masculinas, de 8 cm de altura, e blocos em forma de cilindros com 3 dimensões diferentes (1,5 cm, 3 cm, 4,5 cm), como mostra a figura abaixo.

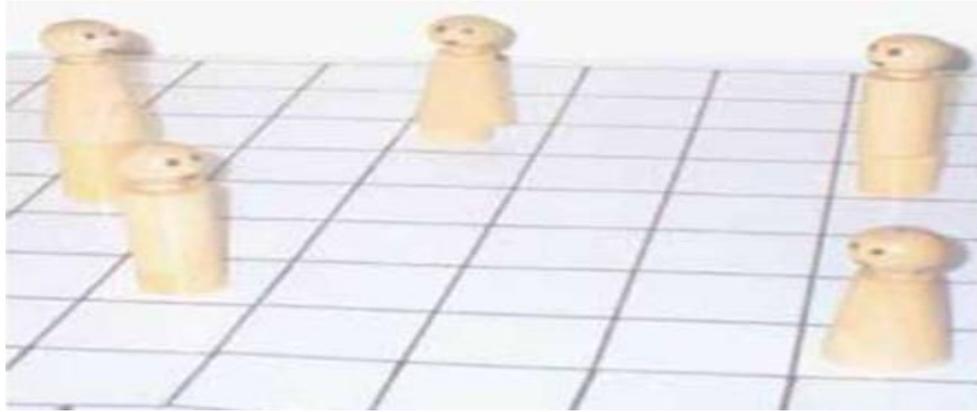


Figura nº 2: Ilustração do FAST (Teste do Sistema Familiar)

O FAST permite perceber como o subsistema familiar se posiciona em termos de poder decisório, e de intimidade na relação, comunicação e interacção coesa e como os membros do sistema familiar contribuem na desestruturação familiar através de actos de violência doméstica, ou qualquer tipo de relacionamento disfuncional, bem como as percepções, emoções, ideias e convicções que se formam na pessoa violentada.

Na presente pesquisa o FAST foi aplicado com o objectivo de colher informações sobre a coesão e hierarquia familiar, em duas representações, a típica (*como é a sua família no momento*) e a ideal (*como gostaria que a sua família fosse*). O teste foi aplicado duas vezes a cada participante iniciando sempre pela representação atípica.

A administração do teste foi individual e teve a duração de 50 minutos. Na sua aplicação, foram usadas as instruções gerais contidas no respectivo manual do teste (Gehringetall., 1995). Inicialmente a pesquisadora solicitou que as participantes colocassem a figura correspondente a elas próprias no tabuleiro, depois as figuras dos restantes membros das suas famílias. No fim da execução do exercício de colocação da figura, por cada uma, a pesquisadora fez as seguintes perguntas a M1, M2, M3, M4, M5 e M6, não colectivamente, mas em privado.

- *Quem são os membros que compõem a sua família?*
- *Como é a sua família?*
- *Quem tem mais poder e influência nas pessoas da sua família?*
- *Como gostaria que a sua família fosse?*

Estas questões visavam que cada participante da pesquisa separasse do conjunto das bonecas, aquelas que representavam os membros da sua família com interacções mais significativas, mediante a identificação do nome de cada pessoa seleccionada, ver a maneira como a

participante dispunha os membros da sua família no tabuleiro do FAST, se próximos ou distantes e quem é que ela considerava que tinha grande domínio no sistema familiar.

As perguntas anteriormente apresentadas, foram feitas considerando as representações *típica*(corrente) e *ideal* da família. Deste modo, para a representação *típica*, (*como é?*) e para a representação *ideal* (*como gostaria que fosse?*).

3.5.4 Sociograma

O sociograma, é um instrumento do psicodiagnóstico usado para a obtenção de informação referente às redes sociais onde as participantes estão integradas e recebem apoio em qualquer circunstância da sua vida. Esta ideia é corroborada por Silva, Fialho & Saragoça (2013) consideram que os sociogramas, através da sua representação gráfica, são efectivamente ferramentas úteis e intuitivas. Assim, foi aplicado o sociograma a M1, M2, M3, M4, M5 e M6, para perceber que instituições de ajudas as participantes procuram nos momentos de dificuldades ou conflitos familiares.

3.6 Fiabilidade e Validade dos Instrumentos usados na colecta de dados

Segundo Bittencourt, Creutzberg, Rodrigues, Casartelli & Freitas (2011) a validade é entendida como sendo o grau em que todas as evidências acumuladas que corroboram na interpretação pretendida dos *scores* de um teste para fins pretendidos. Os mesmos consideram que a validade é uma demonstração de que um dado instrumento mede realmente o que se propõe medir.

FAST apresenta-se como um instrumento válido, mesmo quando aplicado em contextos e culturas diversas apresenta resultados consistentes. Gehring, Bragger, Steinbach, & Brunischu, (1995) defende que o FAST é o único nos testes de aplicação espacial que permite aos respondentes transmitirem o que é essencialmente simbólico, abstracto e analógico. Estudos realizados por Gehring e seus colaboradores (1994, 2001 e 2005), na Europa, E.U.A., Brasil, China e no Japão comprovaram a validade dos padrões de coesão e hierarquia familiar avaliados pelo FAST. Neste sentido, o teste FAST, aplicado as seis famílias em estudo, deu informações pertinentes o que mostra a validade e a fiabilidade do mesmo, também no contexto de Moçambique.

O Genograma demonstrou-se adequado para este estudo pois, não só englobou a dinâmica e estrutura das famílias, mas também foi válido na medida em que permitiu, verificar a

composição familiar, clarificar os padrões relacionais familiares e identificar a família na sua extensão. Desde meados da década de 1950, o genograma – assim denominado por Gehring (1972) tem sido utilizado como instrumento em Terapia Familiar Sistémica, como forma eficiente de obter informações da composição familiar.

O sociograma foi válido e determinante nesta pesquisa, porque conseguiu demonstrar as redes sociais identificadas pelo nosso grupo de amostra em diversos contextos e situações que lhe servem de apoio e suporte na sua vida conjugal e familiar.

Tal como os instrumentos acima descritos, a entrevista foi também extremamente importante e válido, visto que foi através dela que se explorou e se recolheu muita informação para a avaliação das percepções e emoções das participantes em relação a violência doméstica sofrida.

3.7 Procedimentos no processo de colecta de dados

Os dados da presente pesquisa foram obtidos através das respostas, ao teste FAST, e as entrevistas cujo objectivo era explorar a situação da violência doméstica, nas mulheres que recorrem ao gabinete da CAPAZ, para procurar ajuda e maior segurança.

Os dados recolhidos, passaram pelo procedimento de codificação que é a fase em que eles são classificados, agrupados em categorias e são atribuídos um código, número ou letra, de forma que cada um deles tenha um significado. A codificação possibilita a transformação do que é qualitativo em quantitativo (Gonçalves, 2005). Foi o que a pesquisadora fez, organizando os dados colectados em tabelas, quadros, gráficos e figuras, a fim de facilitar a leitura, a compreensão e conseqüente análise e interpretação de modo a responder as questões de pesquisa.

A categorização dos dados, foi feita com o recurso ao computador, através dos programas SPSS 16.0., EXCEL, a supervisão da orientadora do estudo, tendo em consideração o propósito da pesquisa. Finalmente passou-se para a análise e cruzamento das informações.

3.8 Considerações éticas

Qualquer pesquisador, deve observar os princípios éticos inerentes à sua profissão, sendo a confidencialidade e o anonimato, aspectos que caracterizam qualquer tipo de pesquisa no âmbito psicológico e clínico. Estes, foram garantidos através da tutela e sigilo da identidade

dos participantes e de toda a informação fornecida que não será usada fora da finalidade estabelecida. Em relação ao anonimato, as participantes não foram tratadas pelos seus nomes verdadeiros mas sim pelos fictícios e pelos códigos M1,M2,M3, M4, M5 até M6. Na perspectiva de Ribas e Fonseca (2008), o anonimato pode contribuir para garantir uma participação livre e sincera dos informantes. A respeito da confidencialidade, os dados recolhidos foram conservados numa pasta de uso exclusivo da pesquisadora.

Antes da sua execução, a pesquisa foi submetida em projecto ao Comité Nacional de Bioética para a Saúde, IBR 00002657 do Ministério da Saúde com o registo número CIBIS FM & HCM/81/2016, para a sua avaliação e aprovação, bem como a credenciação pela Faculdade de Educação da UEM para o centro onde decorreu a pesquisa.

3.9 Descrição dos métodos usados no tratamento de dados

Segundo Santos (2010), após a colecta de dados, de uma pesquisa científica, parte-se para o seu tratamento através da Tabulação. De acordo com a literatura, a investigação científica é o resultado de um trabalho de natureza teórica ou científico-empírica, cuja finalidade é o estudo, numa perspectiva teórica. Vale-se do acervo bibliográfico, podendo depender do objecto da investigação e do aporte de fontes documentais. Num trabalho de natureza teórico-empírica, o pesquisador além da epistemologia extraída dos acervos referenciados, fazer o levantamento de percepções ou opinião, emoções e comportamento dos indivíduos, mediante a aplicação de Instrumentos ou Técnicas de Pesquisa.

Para o caso de pesquisas quantitativas os dados são organizados e classificados de forma sistemática, passando pelas etapas de selecção, codificação e tabulação. A selecção é necessária porque visa identificar informações falsas, confusas ou distorcidas. É importante averiguar se os dados colectados estão completos ou se é preciso retornar à fonte, para nova colecta.

Em projectos menos ambiciosos, geralmente se utiliza a técnica da tabulação manual. E, no caso de pesquisas menos densas, o processo manual requer menos tempo e esforço, lida com pequeno número de casos e com poucas tabulações mistas, sendo portanto, menos dispendioso. Todavia, os estudos mais amplos, com números de casos ou tabulações mistas bem maiores, o emprego da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) é o mais indicado; economiza o tempo, esforço, diminui as margens de erro e torna o estudo mais económico. No caso desta pesquisa, os métodos usados para a gestão dos dados colectados

foram a codificação acima descrita e a tabulação que segundo Oliveira (1999) pode ser feita à mão, mecânica ou electronicamente.

3.10 Limitações do estudo

Não obstante o alcance da meta neste capítulo, a pesquisadora reconhece a existência de algumas lacunas no processo de colecta de dados tais: pouca disponibilidade de obras que falem desta problemática a nível de Moçambique; muitas obras que tratam do assunto estão escritas em Inglês e a pesquisadora não domina esta língua; o facto de a pesquisadora ser residente quase na área de estudo, o que poderia contribuir para que algumas participantes fossem conhecidas e tivessem inibição em contar algumas verdades das suas experiências de vida.

3.11 Síntese conclusiva

Este capítulo da metodologia foi importante, na medida em que permitiu a recolha de dados e a sua organização de forma a facilitar a sua leitura e compreensão. Na bibliografia referente a pesquisadora notou que há grande controvérsia sobre o método quanti-qualitativo destacando-se a posição de alguns autores que argumentam sobre a inconveniência de definir limites entre os estudos ditos qualitativos e quantitativos nas pesquisas, devendo ser afastada a ideia de que somente o que é mensurável teria validade científica (Malhotra, 2001).

Por sua vez, a tradição quantitativa condena a pesquisa qualitativa como sendo impressionista, não objectiva e não científica, já que não permite mensurações, supostamente objectivas (Moreira, 2002). A perspectiva quantitativa aprecia números, pretende tomar a medida exacta dos fenómenos humanos e do que os explica, na busca da objectividade e da validade dos saberes construídos.

De acordo com Demo (2002) a ciência prefere o tratamento quantitativo porque ele é mais apto aos aperfeiçoamentos formais: a quantidade pode ser testada, verificada, experimentada, mensurada. Já os adversários da perspectiva quantitativa propõe respeitar mais o real e abre caminho para a pesquisa qualitativa em que se busca abdicar-se, total ou quase totalmente, as abordagens matemáticas no tratamento dos dados, trabalhando, preferencialmente com a compreensão das motivações, percepções, valores e interpretações das pessoas, além de procurar extrair novos conhecimentos (Laville & Dionne, 1999).

Para Moreira (2002) a diferença entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa vai além da simples escolha de estratégias de pesquisa e procedimentos de colecta de dados, representando, na verdade, posições epistemológicas antagónicas. Deste modo, para o pesquisador, não faz nenhum sentido desprezar o lado da quantidade, desde que bem feito. Em vez disso, só tem a ganhar a avaliação qualitativa que souber se cercar inteligentemente de base empírica, mesmo porque qualidade não é a contradição lógica da quantidade, mas a face contrária da mesma moeda. Os métodos qualitativos têm muita validade interna (focalizam as particularidades e as especificidades dos grupos sociais estudados), mas são frágeis quanto à possibilidade de generalizar os resultados para toda a comunidade (Perrone, 1997). O capítulo a seguir é dedicado à análise e interpretação dos dados colectados os quais muito contribuíram na identificação da ocorrência de casos de violência doméstica perpetrados pelos homens às suas esposas.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Introdução

O capítulo de metodologia forneceu informação sobre os métodos e os procedimentos a adoptar na pesquisa, descreveu a população alvo e a população de amostra, suas características, assim como o processo para definir a selecção do grupo de amostra. Progressivamente apresentou os instrumentos de pesquisa e a razão da escolha dos mesmos. Mostrou a sua fiabilidade e validade pelo facto de ter conseguido mensurar o que a pesquisadora pretendia conhecer. As entrevistas feitas às participantes da pesquisa ajudaram a mapear os seus através dos genogramas e sociogramas, que mostram o tipo de relações que intercorrem nos sistemas casal e familiar, bem como as redes de apoio psicossocial que são usados por estes sistemas. O teste FAST deu dados sobre o nível de hierarquia e proximidade que os membros de ambos sistemas gozam.

Neste capítulo apresentam-se e discutem-se os resultados da pesquisa em relação as questões de estudo, de tendências e padrões do grupo de amostra bem como os objectivos definidos para este estudo.

4.2 Apresentação dos resultados

Sendo um estudo de múltiplos casos, para preservar a identidade dos participantes, os resultados serão apresentados usando códigos M1,M2,M3, até M6. Para facilitar a sua leitura e interpretação estes serão apresentados em forma de gráficos, tabela, genograma e sociograma.

4.2.1 Resultados da Entrevista

Fizeram parte deste estudo seis mulheres, vítimas de violência doméstica, de idade compreendida entre 18-35 anos, atendidas na CAPAZ, durante o ano de 2016, destas mulheres 33% tem idade dos 18 aos 25 anos, e 67% a idade dos 26 aos 35 anos, como mostra o gráfico número 1.

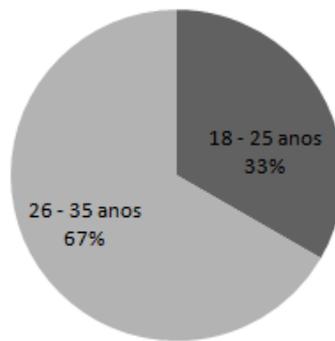


Gráfico 1 –Amostra

Ocupação profissional: 67% das mulheres participantes no estudo não têm um emprego formal, 17% estão no comércio informal e 16% exercem profissões diversas (Gráfico n°2). Este facto pode reflectir a mentalidade de que a mulher é dada mais para actividades domésticas e reforçar o machismo dos parceiros.

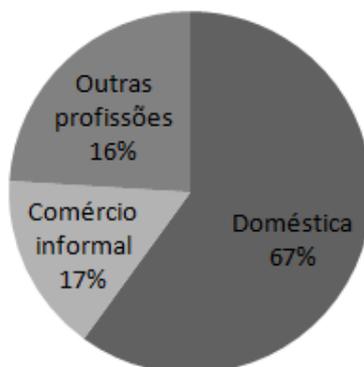


Gráfico 2 – Profissão das entrevistadas

Estado civil: 83% das mulheres, vivem em união de facto e 17% tem as suas relações oficializadas (Gráfico n°3).

Isto pode significar dificuldade da parte dos parceiros de legalizar a situação por causa da desconfiança em relação às parceiras.

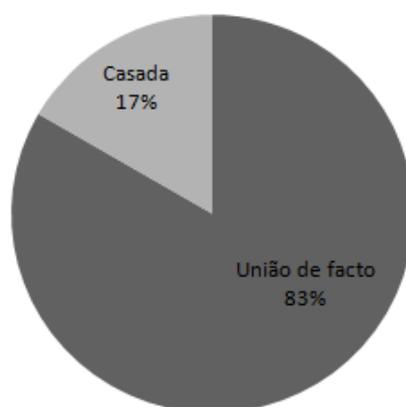


Gráfico 3 – Estado civil das entrevistadas

Agregado familiar: 88% das entrevistadas tem um agregado familiar que varia entre 1 a 4 membros e os restantes 12% tem agregado de 5 a 10 membros, (gráfico 4).

O aumento de 5 a 10 membros no agregado familiar pode ser causado pela concepção de família que o africano tem, que integra não so os próprios filhos e pais, mas também tios primos, cunhados etc., como neste caso em que algumas mulheres entrevistadas vivem

com os respectivos cônjuges filhos e com outros membros familiares (como irmãos e cunhados) num relacionamento pouco confortável.

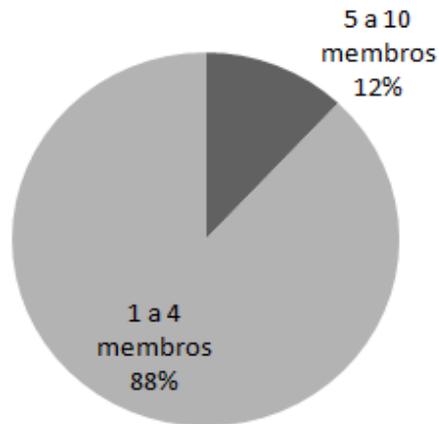


Gráfico n°4 - Agregado familiar

Idade dos cônjuges das mulheres entrevistadas: 67% têm idades que variam entre 31 a 40 anos, seguidos da faixa etária dos 18 a 30 anos com 17%, por último, 16% da faixa etária dos 41 a 50 anos, (Gráfico n°5).

Este facto dos cônjuges serem muito novatos ainda leva a crer que isso contribua para imaturidade como gerem os problemas no sistema conjugal e familiar.

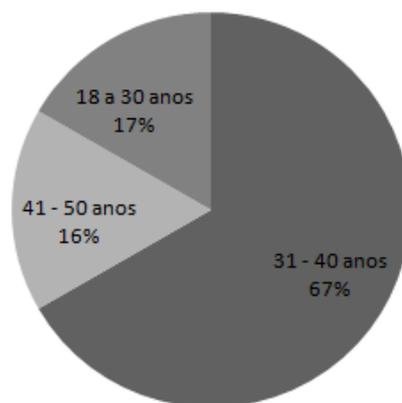


Gráfico 5- Idade dos cônjuges das mulheres

Habilitações literárias das mulheres entrevistadas: 24% têm o nível de 1ª a 7ª classes, 24% com o nível de 11ª a 12ª classes, 44% tem o nível de 8ª a 10ª classes e por último 8% com o nível superior(Gráfico nº6).

O nível baixo de escolaridade pode também ter um impacto em relação ao nível de estudos que as mulheres tem e como elas se apresentam na indumentária.

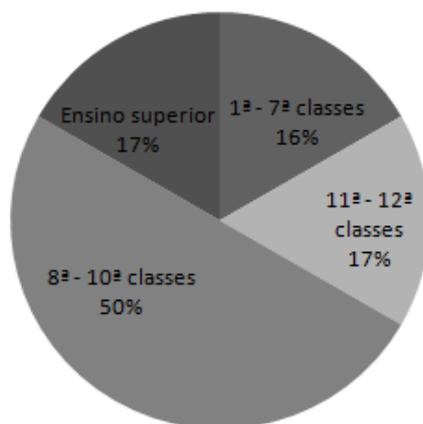


Gráfico 6- Habilitações literárias das entrevistadas

Profissões dos cônjuges das mulheres entrevistadas: 16% são motoristas, 33% comerciantes, 17% trabalham por conta própria, 17% desempregados e outros 17% exercem outras profissões (Gráfico nº7).

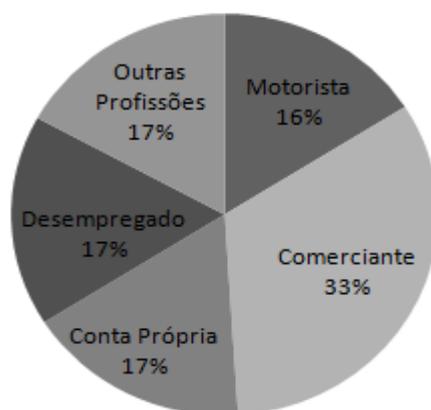


Gráfico 7-Profissões dos cônjuges das mulheres entrevistadas

Família de origem das entrevistadas: 67% das mulheres entrevistadas são provenientes de famílias não casadas, contra 33% cujas famílias são casadas.

Os 100% das mulheres entrevistadas, frequentavam a escola nas suas famílias de origem, (Gráfico n°8).

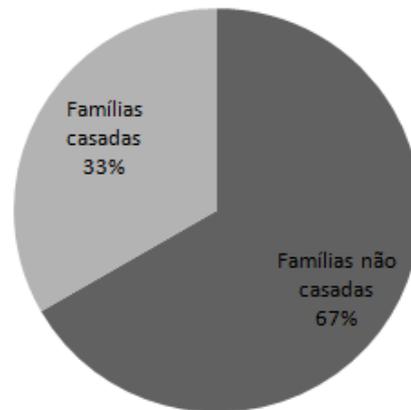


Gráfico 8- Família de origem das entrevistadas

Relativamente ao **tipo de relacionamento**, 83% das mulheres entrevistadas mostraram ter um relacionamento muito bom com os seus pais apenas 17% denunciam violência da parte dos pais para com os filhos quando estavam sob efeito de álcool.

Isto faz pensar que o conformismo e o medo de perder lar de certas mulheres esteja ligado ao sofrimento do passado nas famílias de origem, (Gráfico n°9).

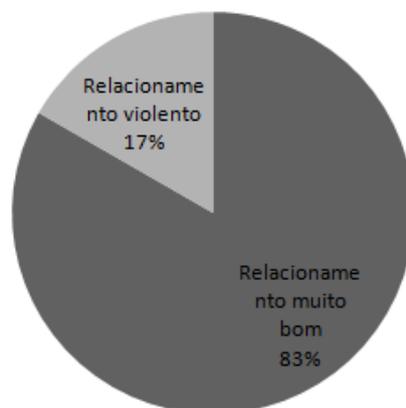


Gráfico 9-Relacionamento entre as entrevistadas com os pais

Motivos das agressões dos parceiros:Todas as entrevistadas procuraram a CAPAZ devido às acções violentas perpetradas pelos seus cônjuges repetidas vezes, por causa do ciúme e o consumo de bebidas alcoólicas.

Relativamente aos **efeitos da violência perpetrada contra as mulheres**, 52% das mulheres foi vítima de violência física com o recurso ao cinto causando-lhes ferimentos e 48% sofreram trauma (Gráfico nº10).

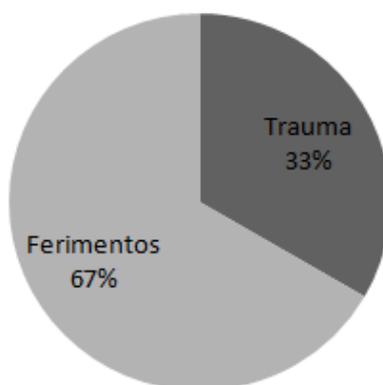


Gráfico 10–Resultados da violência perpetrada contra as mulheres entrevistadas

Atitudes da vítimas face às agressões: 60% das mulheres foge para as casas dos seus vizinhos ou familiares e 40% declarou que responde com palavras (Gráfico nº11).

Esta forma de gerir o conflito conjugal reflecte por um lado a impotência da mulher e por outro a saturação.

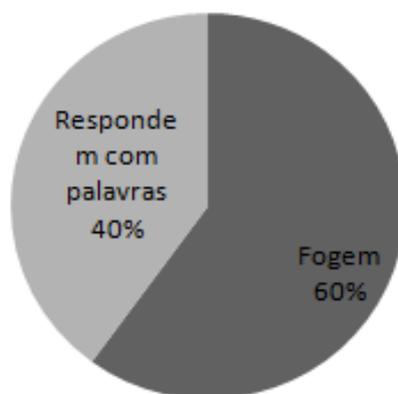


Gráfico 11–Respostas das mulheres entrevistadas às agressões

Hipóteses ou alternativas de solução idealizadas: 50% das vítimas admite ter pensado em algum momento na possibilidade de abandonar o lar, só não o fez por causa das crianças, 33% devido à dependência económica e 17% não apresentou motivos. As vítimas perceberam que deviam procurar ajuda e não permanecer muito tempo neste tipo de relacionamentos violentos.

A maioria pensa e reconhece haver motivos que justifiquem a violência que os homens praticam contra elas (Gráfico n.º12).

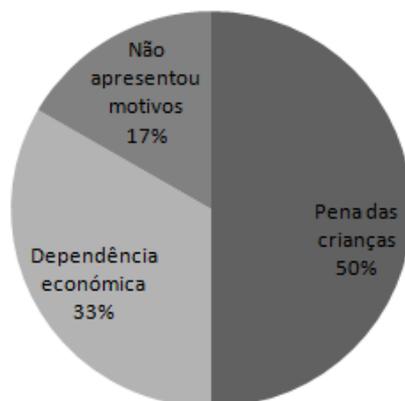


Gráfico 12 – Motivos de permanência das mulheres nas relações violentas

4.2.2 Resultados do grupo da amostra e seus genogramas

As entrevistas foram elaboradas e estruturadas sob inspiração de Ribas e Fonseca (2008) e permitiram a colecta de dados sócio demográficos das participantes tais como: idade, ocupação, nível de escolaridade, estado civil, número do agregado familiar, como mostra tabela 1.

Tabela 1: Características das participantes da pesquisa

| Participante | Idade | Escolaridade | Profissão/ Ocupação | Residência | Tipo de casamento | Nº de filhos |
|--------------|-------|--------------|------------------------------|--------------------|----------------------|-----------------|
| Caso M1 | 33 | Primário | Negociante | Machava socimol | União de facto | 02 |
| Caso M2 | 23 | Secundário | Vendedora informal | Machava socimol | União de facto | 02 |
| Caso M3 | 34 | Primário | Negociante | Trevo | Religioso e Civil | 01 |
| Caso M4 | 35 | Secundário | Vendedora informal | Nkobe | Civil | 03 |
| Caso M5 | 27 | Médio | Assistente administrativa | Machava- sede | Civil | 02 |
| Caso M6 | 29 | Primário | Doméstica | Machava- sede | Civil | 02 |

Das respostas dadas às entrevistas, a pesquisadora pode perceber que as participantes do estudo, estão conscientes da violência que se expõem, que estão num relacionamento não confortável com os parceiros, que conhecem as razões porque são agredidas e o que lhes leva

a permanecer neste vínculo não obstante a violência, conforme indicam os genogramas das participantes na pesquisa.

Baseada na teoria sistêmica, o genograma põe em evidência a estrutura familiar e os seus laços de proximidade. Assim, a pesquisadora valendo-se da entrevista, construiu os genogramas e sociogramas dos seis sistemas familiares em estudo, que passamos a apresentar.

4.2.2.1 Genograma da família M1

M1 tem 33 anos de idade, vive na Machava Socimol, cidade da Matola, província de Maputo. Vivem juntos em união de facto desde o ano 2000. Do seu relacionamento nasceram dois filhos que actualmente uma tem 17 anos e outro tem 13 anos. M1 tem o nível de escolaridade primário e é negociante. É órfã de pai e mãe e terceira na ordem da natalidade.

Para verificar a estrutura as dinâmicas e o funcionamento da família da M1, a pesquisadora colocou a seguinte questão: *Para começar, gostaria de conhecer a sua família, as pessoas que fazem parte dela conforme a ordem de nascimento.*

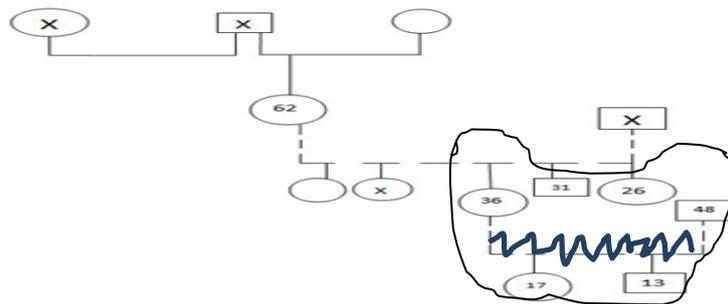
M1, respondeu dizendo: “ a minha família é composta por mim, meu esposo e nossos dois filhos. Tenho 33 anos de idade, nasci, cresci numa família humilde e tive uma infância tranquila. Aos 10 anos de idade fiquei órfã de pai, sou a terceira filha mas a segunda faleceu aos 6 anos de idade vítima de doença. Quando conheci e comecei a viver com o meu marido eu tinha 15 anos de idade e aos 16 anos tive a primeira filha. Após o nascimento do segundo filho começaram os problemas com o meu marido. Ele ficou desempregado e passou a controlar todos os meus passos. Tenho viajado para África do Sul adquirir produtos para revenda. Na sequência dessas viagens ele acusa-me de traição com os motoristas. As vezes, o meu marido ia ficar na banca onde eu vendo os produtos com o objectivo de me controlar. Movido por ciúmes, começou a agredir-me fisicamente mesmo em plena via pública. Na sequência do mau ambiente familiar e cansada de tanta violência psicológica e física que me deixou sequelas no braço esquerdo, decidi procurar ajuda no bairro, tendo sido orientada a dirigir-me à procuradoria local, onde por sua vez, esta encaminhou-me para o CAPAZ a fim de receber assistência dos técnicos daquela Instituição.

Começou a ter problemas com o cônjuge após o nascimento do segundo filho, a controlar todos os passos dela. Sendo negociante, viaja muito para a Republica da África do sul para aquisição de produtos para venda. Por esta razão e por causa do ciúme, M1 é acusada pelo marido de traição com os motoristas e agredida publicamente. À medida que a participante falava a pesquisadora desenhava o mapa da família com base nas suas informações.

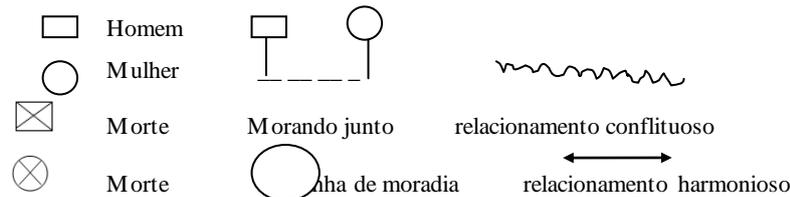
Progressivamente a pesquisadora questionou à participante acerca de *como era o seu relacionamento com cada um dos membros da família*.

M1 disse: *“Apesar do mau ambiente eu gosto dele, porque quando não tem ciúmes ele é um bom homem, até me ajuda nos afazeres domésticos, cozinha e lava. Mas quando o bichinho chega não parece o mesmo”*.

À luz da informação recolhida construiu-se o genograma nº1, com representações gráficas que expressam pessoas vivendo junto e englobadas por linha contínua fechada e o sistema casal em conflito representado pela rectilínea dentada.



Legenda:



Genograma da família de M1

O genograma da M1, apresenta padrões de relacionamento caracterizados pela presença de conflito, desconfiança, ciúme e agressão bem como a hierarquia dentro do sistema familiar e sistema casal.

4.2.2.2 Genograma da família de M2

M2 tem 23 anos de idade com o nível secundário de escolaridade. Reside na Machava Socimol, e vendedeira informal e vive em união de facto com o marido desde 2002, a pesquisadora questionou a M2, sobre a composição da sua família, segundo a ordem de nascimento e sua posição social.

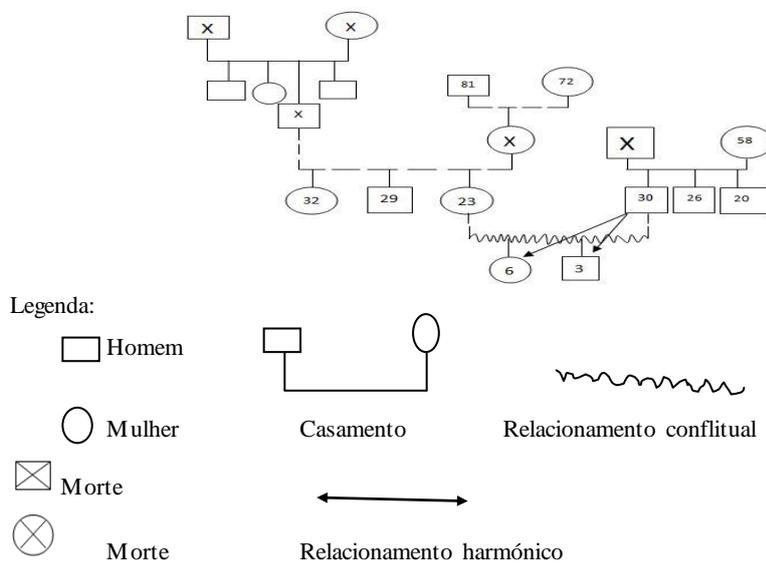
M2, respondeu descrevendo a sua situação: *“Eu tinha 16 anos de idade quando conheci o meu marido. Durante o namoro, fiquei grávida do primeiro filho e passamos a viver juntos tendo construído uma casa. O nascimento do segundo filho foi difícil recebi muitos pontos nos*

órgãos genitais por isso, sentia dores ao manter relações sexuais com ele e precisava de repousar. Dai, o meu marido começou a mudar de comportamento, andando fora e mantendo relações extra-conjugais. Passado algum tempo, começou a acusar-me de traição alegando que algumas pessoas lhe informaram que me tinham visto com outros homens e eu não devia pôr roupa bonita nem me maquiar. É daí que começou a violência física e psicológica contra mim. Quando isso acontecia, eu fugia de casa, as vezes durante algum tempo e depois regressava. Passado muito tempo nesses maus tratos, resolvi denuncia-lo à polícia, esta encaminhou-me à Procuradoria e esta orientou-me até aqui no CAPAZ em busca de ajuda”.

Agora estamos a tentar reconciliarmo-nos, ele parou com as agressões desde que recebeu a intimação e continuamos a frequentar juntos as sessões de aconselhamento.

Para fazer face a atitude violenta do marido, ela as vezes fugia de casa durante algum tempo e depois regressava. Diante destes maus tratos, resolveu denunciá-lo à polícia que a encaminhou depois à Procuradoria e daí à Capaz para receber ajuda.

Neste momento ele parou com as agressões desde que recebeu a intimação da Polícia. Estão juntos a frequentar as sessões de aconselhamento. A sua família é formada por ela, o esposo e pelos dois filhos. Com base nesta informação, construiu-se então o genograma da M2, que mostra as dinâmicas relacionais no sistema familiar e conjugal.



Genograma da família de M2

Caracterizada pelo conflito, representado pela linha desdentada embora gozem de tranquilidade neste momento.

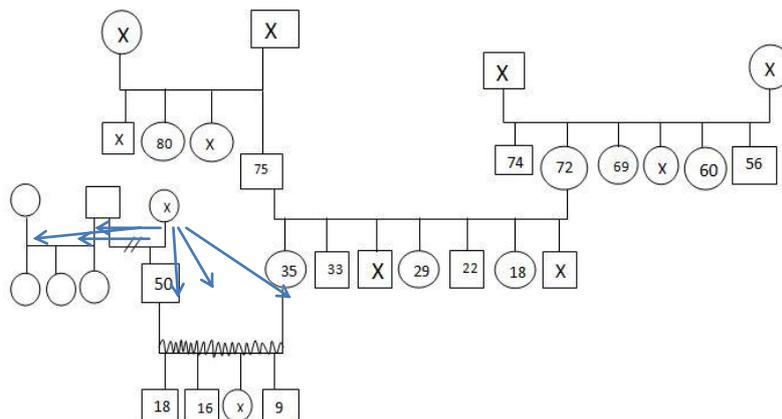
4.2.2.4 Genograma da família de M4

M4, tem 35 anos de idade, nasceu e cresceu numa família humilde e teve uma infância conturbada. Ela é a primeira filha num total de sete irmãos dos quais dois falecidos, vítimas de doença. Ela casou-se aos 19 anos de idade e teve o primeiro filho aos 20 anos. O casal tinha 4 filhos dos quais um falecido vítima de acidente e vive com duas cunhadas separadas dos seus lares que interferem no relacionamento do casal. Ela procurou ajuda no CAPAZ devido aos maus tratos perpetrados pelo seu marido.

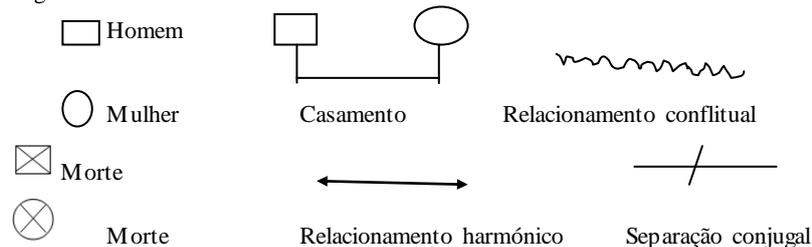
Ao longo do diálogo, a pesquisadora pediu para que ela apresentasse a sua família, composição, hierarquia, forma de comunicação e relacionamento.

M4, respondendo a questão disse: “Não me tenho relacionado bem com o meu esposo, porque ele ouve muito as suas irmãs, que não gostam da minha presença naquela casa e só falamos o necessário, não há muita conversa comigo, mas ele conversa e brinca com os nossos filhos”.

Interrogada sobre o que ela pensava e sentia no meio de tudo aquilo, e o que desejava naquele momento, ela disse: “Sinto-me desamparada e desanimada em relação à vida, mas pensando na estabilidade dos meus filhos, vou suportando até que as coisas mudem para o melhor, com a graça de Deus”. À medida que foi falando da sua história de vida, a pesquisadora foi desenhando o genograma que demonstra as dinâmicas comunicativas, relacionais e de hierarquia no sistema conjugal e familiar.



Legenda:

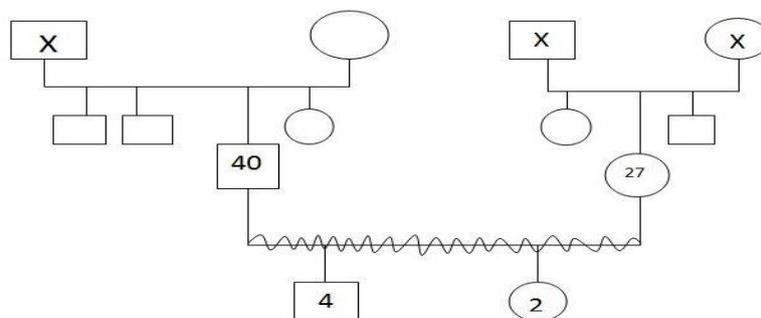


Genograma da família de M4

Isso mostra uma relação conturbada caracterizada pela triangulação com os filhos e coalizão com as irmãs. Por um lado, emocionalmente ela expressa impotência, frustração, sentimento de desamparo e desânimo, mas por outro, pensa no bem estar dos seus filhos e prefere suportar alimentando um idealismo de falsas expectativas de mudança da situação para o melhor.

4.2.2.5 Genograma da família de M5

A pesquisadora pediu a participante M5 para falar de si e da sua família, ao que respondeu: Tenho 27 anos de idade, casei-me oficialmente e tenho dois filhos, um de 4 anos e outro de 2 anos de idade. No início da minha relação tudo corria bem. Actualmente, trabalho como assistente administrativa numa empresa privada. Procurei ajuda na CAPAZ pois o meu marido movido pelos ciúmes acusa-me de infidelidade, porque visto-me bem para agradar os meus amantes. A situação agrava-se quando tenho de viajar em missão de serviço. Apartir da descrição da sua experiência relacional no sistema casal, fez-se a representação do genograma da sua família, segundo a ordem de nascimento e a sua posição no sistema conjugal e familiar que segue abaixo.



Legenda:

□ Homem

○ Mulher

⊠ Morte

⊗ Morte



Casamento



Relacionamento harmónico



Relacionamento conflituoso

Genograma da família de M5

No genograma da M5 vê-se a presença de conflito representado pela linha dentada, caracterizado pelo ciúme e acusações infundadas de infidelidade. O genograma mostra também o tipo de relação que estabelece entre ela e o marido, embora o relacionamento tenha conhecido tempos bons.

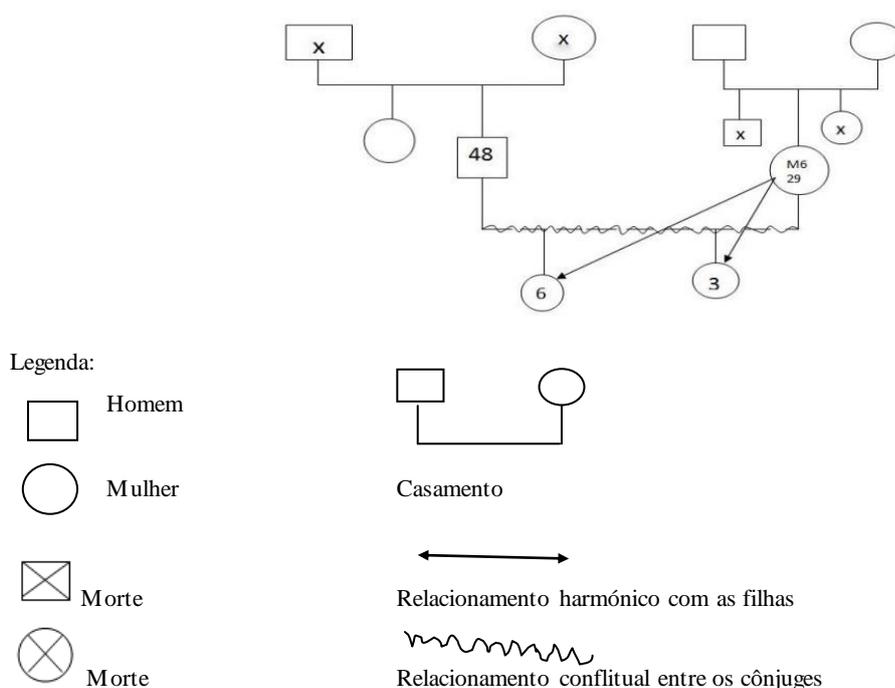
4.2.2.6 Genograma da família de M6

A participante M6 tem 29 anos de idade, doméstica. Ela vive atormentada pelo seu marido agitado pela sua família (irmã e primas). Ela tem 10ª classe e não consegue um emprego formale por causa disso, o marido acusa-a de ser uma preguiçosa e que não contribui no rendimento familiar. Este facto está a gerar uma instabilidade no relacionamento do casal. Teve conhecimento da existência do CAPAZ através de um programa televisivo e dirigiu-se a esta instituição à procura de apoio.

A pesquisadora perguntou como é que ela se sentia na relação com o seu marido e o que estava pensar, se *valia a pena continuar no casamento assim?*

Ela respondeu: “Apesar da falta de consideração que o meu marido tem para comigo, penso em continuar lutando pelos meus filhos que não tem culpa dos nossos actos, não só, mas também porque desde que fomos a CAPAZ, as coisas tendem a acalmar”.

Da informação desta entrevista fez-se o genograma que segue.



Genograma da família de M6

Ela tem percepção negativa do casamento dela e sente-se desamparada pelo marido. O genograma nº6 mostra as dinâmicas interactivas do sistema familiar de M6.

Os genogramas dos casos em estudo mostram a dinâmica relacional existente no sistema conjugal e familiar, a percepção que elas tem da violência doméstica e os sentimentos que vivem emocionalmente.

4.2.3 Resultado dos Sociogramas dos casos em estudo

O sociograma é uma técnica de recolha de dados para medir as relações pessoais existentes com grupos secundários de apoio, (Saravali, 2005).

Nesta pesquisa o sociograma foi aplicado às participantes individualmente, com o objectivo de obter informação sobre redes sociais onde as participantes estão integradas e recebem apoio para a sua vida, quando necessário.

4.2.3.1. Sociograma da M1

O sociograma da M1, mostra que ela tem redes de apoio social: Capaz, igreja, família e comunidade do mercado onde ela vende os seus produtos. Isto indica que a M1, tem percepção do perigo dos maus tratos do marido, por isso procura emponderar-se apoiando-se nestas redes sociais. Como indica a figura nº1

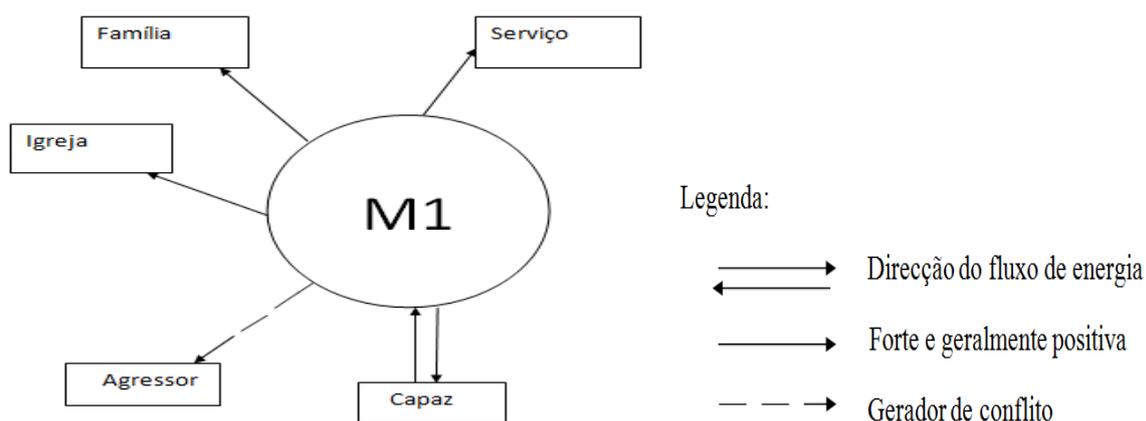


Figura nº1: Sociograma com as redes de ligação de participante M1

4.2.3.2 Sociograma da M2

A participante M2, nos momentos de conflito no seu sistema conjugal, encontra sustentação no seio da família, escola, igreja, capaz, onde procura a coragem e ousadia de permanecer firme sem abandonar o lar, por causa do sofrimento que ela experimenta na relação com o seu esposo. Como se pode ver na figura nº2.

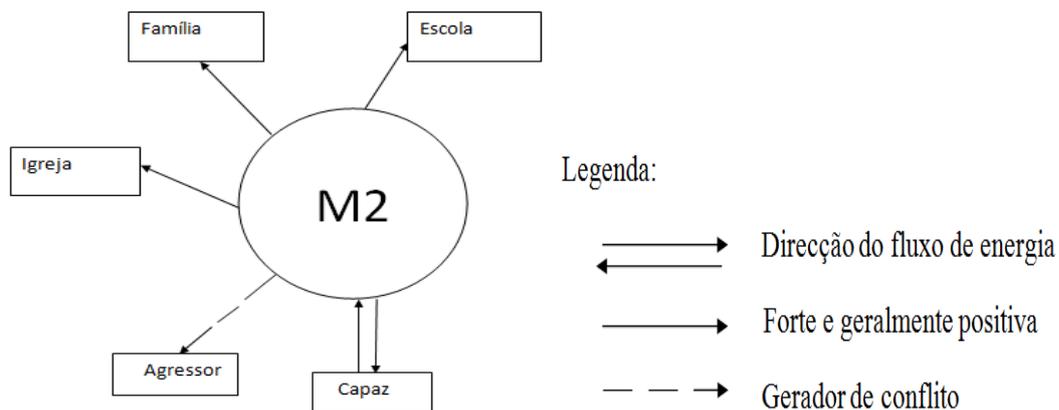


Figura nº2: Sociograma com as redes de ligação de participante M2

4.2.3.3 Sociograma da M3

Observando o sociograma, vê-se que a participante M3 não tinha tem familiar, tendo por isso recorrido à CA-PAZ, que conheceu através de um dos programas de um canal televisivo. Assim, a sua rede de apoio onde recebe energia para superar as suas dificuldades no relacionamento frustrante com o marido, é constituída pela família, por meios de comunicação social, de assistência psicossocial e religiosa.

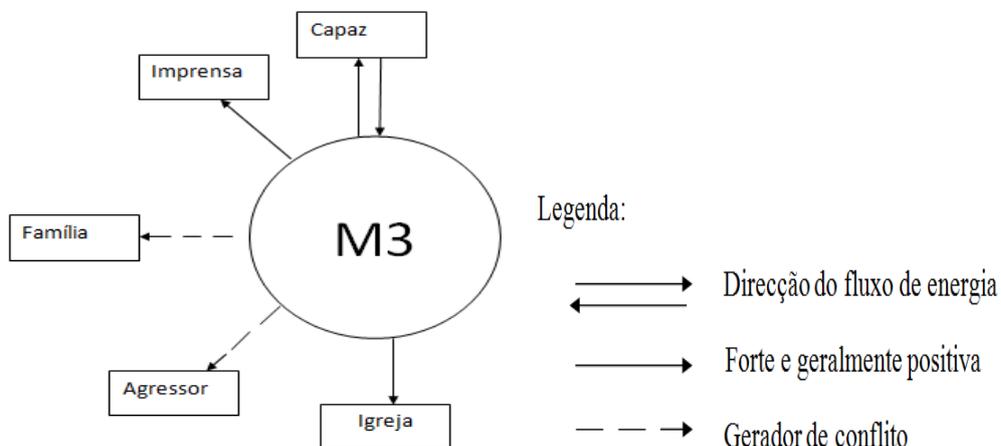


Figura nº3: Sociograma com as redes de ligação de participante M3

4.2.3.4 Sociograma da M4

A participante M4 encontra suporte na igreja e busca apoio na CAPAZ. Conforme ilustra a figura nº 4.

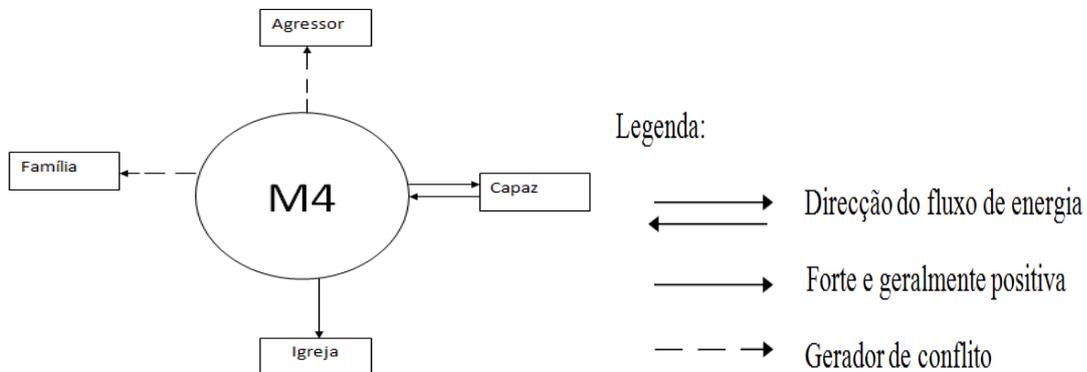


Figura nº4: Sociograma com as redes de ligação de participante M4

4.2.3.5 Sociograma da M5

A participante M5, após o recurso à família, encontrou suporte na CAPAZ, na igreja e no seu local de trabalho. Estas redes contribuem na criação de um clima interior de tolerância e aceitação na M5 e ela percebe que no sistema conjugal ambos têm personalidades diferentes. Como indica a figura nº5.

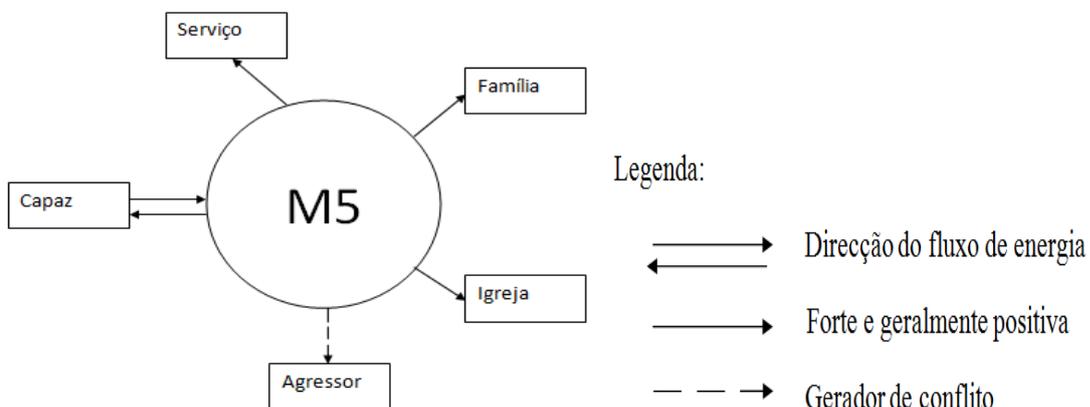


Figura nº5: Sociograma com as redes de ligação de participante M5

4.2.3.6 Sociograma da família M6

A participante M6 não tendo suporte familiar buscava consolo na escola, na igreja e por fim na CAPAZ. Ela apercebe-se do abandono e indiferença da família e isso coloca-a numa atitude de fragilidade e impotência, razão pela qual se liga às redes para encontrar forças para poder gerir a sua vida no sistema conjugal. Como ilustra a figura nº 6.

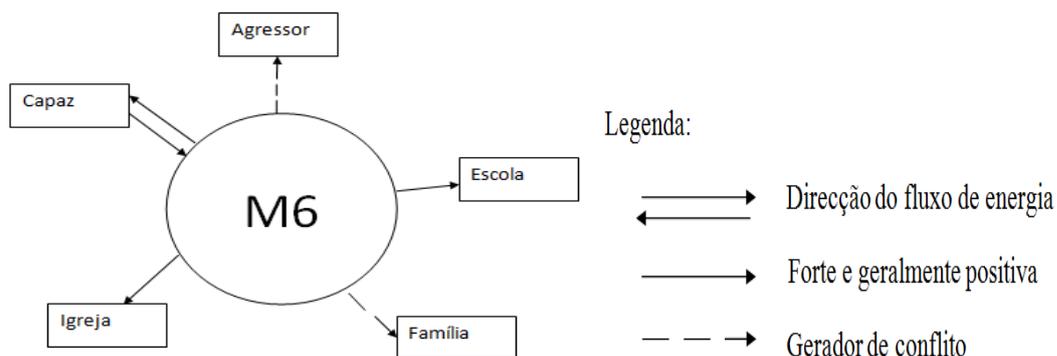


Figura nº6: Sociograma com as redes de ligação de participante M6

4.2.3.7 Síntese dos Resultados dos sociogramas

Os sociogramas dos casos em estudo, demonstram as redes de apoio social que servem de base de sustentação para as mulheres vítima de violência doméstica. Através destas redes elas se identificam e gerem o sofrimento que elas experimentam na relação conjugal conflitual. As participantes do estudo procuram nessas redes de apoio a coragem e ousadia para permanecerem firmes, sem abandonarem os seus lares e conseguirem gerir as suas vidas.

4.2.4 Resultados do TESTE FAST do grupo da amostra

O instrumento FAST foi escolhido por ser mais apropriado para este estudo pois é administrado de forma individual, familiar e ao nível dos subsistemas. É rápido, de aplicação lúdica e ajustado ao nosso grupo alvo de estudo. Um funcionamento saudável no sistema familiar tem sido identificado por dois aspectos em relação à hierarquia: o relacionamento do casal de forma igualitária (proximidade) e maior autoridade exercida pelos pais sobre os filhos. (equilíbrio de poder).

4.2.4.1 FAST da família de M1

A M1 usando o material teste Fast representou a sua família na situação *típica* onde a hierarquia no sistema conjugal está ao nível paritário e a coesão ao nível de distanciamento. Na situação *ideal* M1 coloca-se ao mesmo nível do cônjuge e próxima dele. Os restantes membros da família são colocados ao nível inferior. (tabela nº2 e nº3).

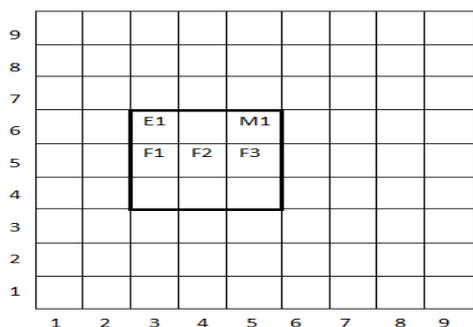


Gráfico nº 2: Representação típica (corrente)

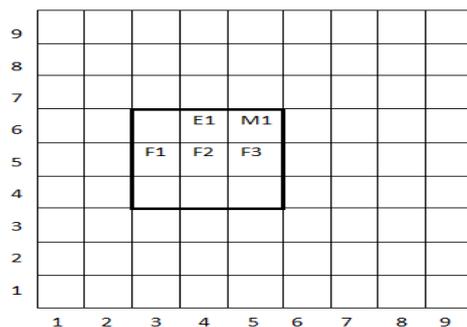


Gráfico nº 3: Representação ideal

A representação da dinâmica familiar ao nível da coesão, denuncia a presença de um conflito no sistema casal distanciamento que confirma os dados da entrevista: Mau ambiente relacional entre o casal por causa do ciúme da parte do parceiro. Este clima de tensão leva a M1, procurar espaços para desnuviar e encontra o seu bem-estar na igreja, família e Capaz.

4.2.4.2. FAST da família de M2

Na representação *típica* da família (tabela4) M2, coloca o marido distante de si, isto é, como ela vê e percebe a sua relação como casal dentro do sistema familiar actualmente. E na situação *ideal*, coloca o cônjuge perto dela e os filhos próximos de ambos, mas na posição inferior.

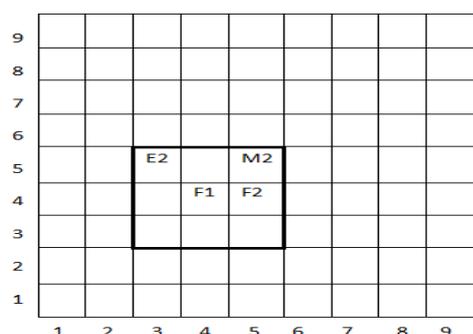


Gráfico nº 4: Representação típica (corrente)

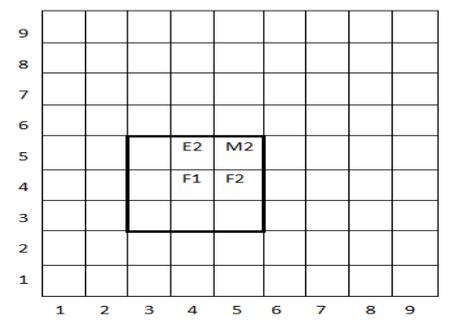


Gráfico nº 5: Representação ideal

Os resultados do Fast (falta de proximidade afectiva entre marido e esposa, entre o pai e filhos), são confirmados pelos dados do genograma onde há presença de um relacionamento conflitual caracterizado pelos maus tratos do parceiro, a fuga de casa por parte da esposa, acusações de traição da parte do parceiro, denuncia a Polícia dos maus tratos. para gerir este conflito, que cria mal estar na família e no casal, M2 procura apoio na família, na escola,

igreja e na Capaz como revelam os dados no sociograma. Embora a tabela 4, não deixa transparecer o tipo de relacionamento que se estabelece entre a mãe e os filhos no genograma e na entrevista, no Fast se denota uma proximidade entre a mãe e os filhos.

Isto leva a pesquisadora à hipótese da presença de triangulação que faz com que os filhos se unam mais à mãe do que ao pai.

4.2.4.3. FAST da família de M3

Na situação *típica*, a M3 representa o aspecto da dinâmica relacional onde está distanciada do cônjuge, mas próxima do filho, um dos membros do casal encontra-se afastado e fora da grade mas com a mesma posição de poder/autoridade. Ao representar o *ideal* da família que ela gostaria de ver, põe parceiro ao mesmo nível, isto é, próximo dela e dentro da grade. Indicam as tabelas nº 6 e 7.

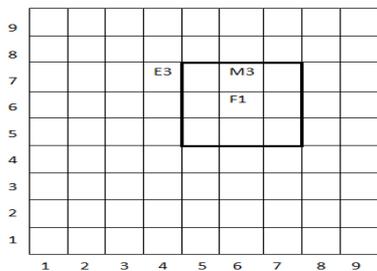


Gráfico nº 6: Representação típica (corrente)

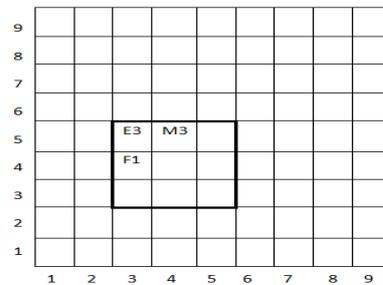


Gráfico nº 7: Representação ideal

O facto de colocar o marido fora da grade, significa rejeição pelos maus tratos que passa (berros, empurrões, humilhação perante pessoas estranhas). M3 percebe as consequências destes maus tratos nela (desgaste, impotência, conformismo, não tem onde ir, apenas aguentar). Ela percebe que há um conflito relacional no relacionamento com o marido, mas também, percebe a sua fragilidade na gestão deste problema. Na representação ideal, ela gostaria de ver mudanças para o melhor, uma família coesa. Na situação de conflito ela sente-se mais apoiada pelos filhos e ambos estão unidos, dado que reflecte a triangulação.

O sociograma apresenta as redes que lhe ajudam a M3 a ultrapassar estas dificuldades.

4.2.4.4 FAST da família de M4

A M4, na situação *típica* representou a sua dinâmica hierárquica ao nível de paridade com o conjugal, mas distante um do outro e os filhos próximo deles na posição inferior.

Na situação *ideal*, a M4 colocou o cônjuge próximo de si, e ao mesmo nível da posição paritária no sistema. Os filhos são colocados próximos deles mas na posição inferior.

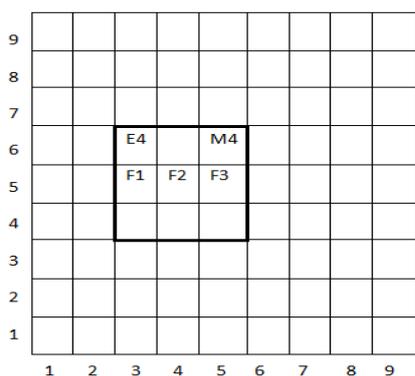


Gráfico nº 8: Representação típica (corrente)

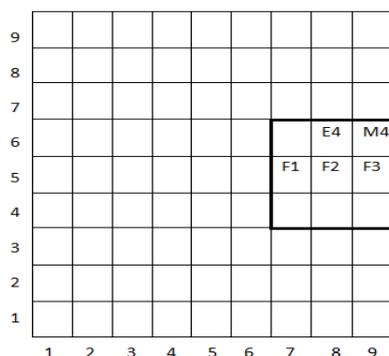


Gráfico nº 9: Representação ideal

Isto indica que na situação de vida quotidiana, ambos têm autoridade, gozam do poder, mas no aspecto afectivo as relações são frias, não há proximidade. Os filhos mantem-se na sua posição e proximidade de ambos. A tabela 8 do FAST mostra que ela apercebe-se da violência por parte do marido, por isso procura distanciar-se. Apercebe-se também da interferência das suas cunhadas na vida deles, que o marido faz a triangulação com suas irmãs e da rejeição por parte das cunhadas (dados da entrevista). Ciente do perigo, ela gere a situação pedindo apoio à igreja e ao Capaz. Na tabela 9, ela gostaria de ver a sua família mais unida e coesa.

4.2.4.5 FAST da família de M5

Na representação *típica* da família, M5 põe dentro da grade e afastadas entre si, tanto o sistema conjugal como o sistema filial e por sua vez na situação *ideal* ela coloca o marido próximo de si, ao mesmo de poder no sistema familiar e os filhos, são colocados debaixo da linha na posição própria de filhos que são orientados e supervisionados pelos pais ou por um deles. Em relação a proximidade, coloca o filho próximo do pai e a filha próxima de si.

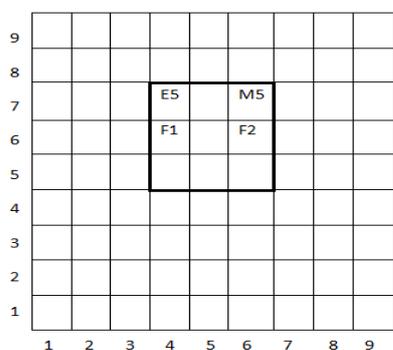


Gráfico nº 10: Representação típica (corrente)

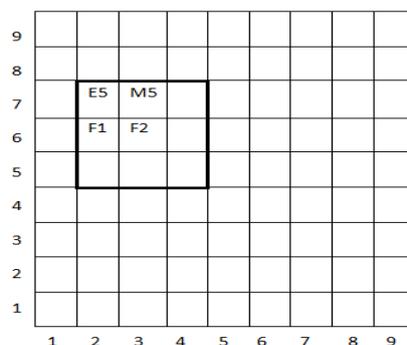


Gráfico nº 11: Representação ideal

A dinâmica familiar na situação real da vida diária, denuncia uma dinâmica relacional caracterizada pela presença de conflito interpessoal e pela triangulação e coalizão. A presença de conflito na relação interpessoal entre o casal é denunciada também pelo depoimento da entrevista e do genograma. O parceiro deixa-se dominar pelo ciúme e projecção de infidelidade. Para fazer face à situação, a M5 procura suporte na oração através de frequência à igreja, na família informando a situação e pedido ajuda no local de trabalho como espaço de um clima de repouso, de distracção, no Capaz como lugar de recursos apropriados capazes de intermediar o caso à Polícia ou ao tribunal para a sua resolução.

4.2.4.6 FAST da família de M6

Na representação *típica* do sistema familiar, a M6 coloca o cônjuge ao nível superior e distante de si. Em seguida coloca-se a sijnunto dos filhos na posição hierárquica inferior.

Na situação *ideal*, M6 coloca-se ao mesmo nível do cônjuge e próxima dele. Os filhos são colocados junto deles mas ao nível inferior.

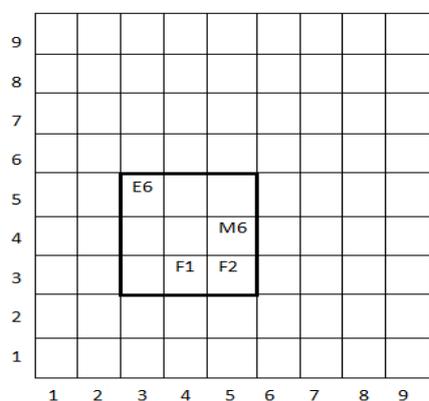


Gráfico nº 12: Representação típica (corrente)

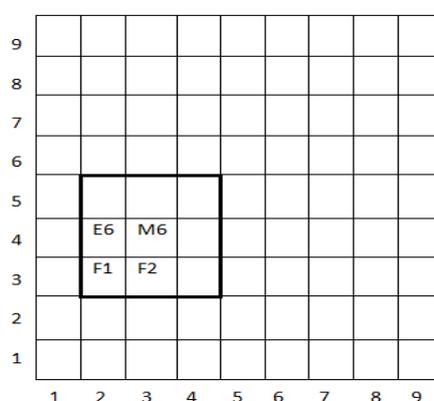


Gráfico nº 13: Representação ideal

Isto indica que M6 tem percepção clara do relacionamento conflitual e destrutivo no sistema casal e familiar. O parceiro está isolado, enquanto os restantes membros estão juntos, há bons laços afectivos entre a mãe e os filhos, enquanto que entre os filhos e o pai há um distanciamento muito grande como a grade indica a posição e proximidade do pai em relação aos filhos. Os dados da entrevista e do genograma confirmam este facto. Ela tem percepção negativa do casamento por causa dos maus tratos perpetrados pelo marido, acusando-a de preguiçosa. Sente-se abandonada pela família. As redes de apoio social e moral que tem e trazem-lhe consolação nesta situação são a igreja, o capaz e a escola.

4.3 Discussão dos resultados

Para verificar a percepção que as mulheres têm da violência doméstica e que sentimentos provam nas suas vidas desta experiência, foram aplicados instrumentos de diagnóstico que nos permitiram colher dados sobre a realidade que se pretendia conhecer. Partindo da análise do grau de satisfação com a relação conjugal, verificámos que as mulheres se revelaram insatisfeitas. Tal facto está relacionado não só com os comportamentos abusivos dos cônjuges para com as mulheres, mas também com a extensão desses comportamentos nos irmãos dos parceiros.

Segundo Calvinho (2013), as representações sociais, enquanto produtos da interacção de indivíduos imersos num contexto cultural, engendram um saber prático que permite compreender e explicar a realidade. Tais representações são parte integrante dessa realidade, que pode ser concretizada em forma de experiências e de vivências, como é o caso da violência doméstica contra mulher.

Do debate sobre as conflitualidades conjugais, algumas das quais decorrentes do ciúme e da desconfiança, depreendemos que as relações conjugais são percebidas pelas mulheres em estudo como relações com tendências a demonstrar poder e dominação da parte dos parceiros, expressos através dos maus-tratos, ciúmes doentios, humilhações, que tornam as mulheres impotentes, desgastadas e fragilizadas. Observámos que os conflitos no seio dos casais acabam por chamar a atenção dos vizinhos ou dos familiares onde as vítimas se refugiam quando ameaçadas, os quais intervêm indirectamente aconselhando as vítimas a aproximarem-se às autoridades judiciais para a mediação do conflito.

No que diz respeito às experiências de violência, as mulheres referem que tal ocorreu após começarem a viverem junto com os seus maridos. Apontam como causas dessa violência, a embriaguês, a suspeita de infidelidade, o desejo masculino de colocar restrições às redes de relações sociais das mulheres, o impedimento de acesso ao trabalho ou negócio e a desobediência das mulheres aos parceiros. As mulheres tendem a considerar a violência perpetrada pelos maridos como desproporcionada e severa.

Os dados permitiram-nos ainda observar que a gravidade e a reincidência da violência contra as mulheres as conduziram à fuga temporária do lar à procura de ajuda junto dos familiares ou vizinhos ou ainda em instituições vocacionadas para tal efeito.

A pesquisadora pode perceber também à luz dos autores lidos que as mulheres face à violência reagem segundo os modelos de socialização, que, desde as famílias de origem, aprenderam e que algumas vezes impõem o silêncio, conformismo, passividade e inércia como regra de conduta para a estabilidade no lar. Por isso, as mulheres acabam tolerando a violência física e outros abusos para evitarem o seu recrudescimento.

Os dados da entrevista e do teste FAST, indicaram que as mulheres, apesar de viverem relações conjugais violentas, raramente optam por abandonar os cônjuges agressores por receio de privar os filhos do afecto parental, a falta de alojamento, a falta de perspectivas de vida longe do marido (agressor), o temor de perda do património ganho em conjunto, assim como o receio do rótulo que pesa sobre as mulheres separadas e divorciadas.

A análise dos traços culturais da população estudada permitiu perceber que eles reforçam e legitimam a violência praticada contra as mulheres, designadamente, o costume do *lobolo*, os casamentos prematuros, a diferenciação etária entre os cônjuges.

Das nossas entrevistadas, verificámos também que um grupo de mulheres é menos permeável à prática do *lobolo*, enquanto outro que constitui a maioria, se identifica mais com esta prática, associada à sua valorização social e ao ressarcimento dos seus pais pela procriação e pela educação que receberam.

Relativamente ao perfil das mulheres vítimas de violência, percebe-se que estas apresentam perfis muito diversificados. As idades dessas mulheres variam entre 18 e 50 anos, e algumas delas são casadas civilmente, outras, porém, vivem com os agressores em união de facto.

Apesar do apoio oferecido pelas instituições às vítimas, o acesso a essas instituições é associado a uma conotação elitista e estranha às mulheres desfavorecidas e pobres. No entanto, a fraca procura de apoio por parte das mulheres de meios desfavorecidos pode estar associada ao desconhecimento desses diversos serviços de apoio às vítimas; ou às barreiras burocráticas que impedem as vítimas comuns de aceder a um procurador, advogado ou assistente social.

No que diz respeito às representações sobre os papéis das instituições formais de apoio às mulheres vítimas nomeadamente a CA-PAZ e as instituições de administração da justiça (PGR e tribunais), o seu papel foi considerado eminentemente pedagógico para as mulheres

em estudo, na medida em que produzem deliberações educativas e disciplinadoras, que orientam as vítimas para soluções construtivas.

Concretamente o teste FAST, pode recavar as percepções e as emoções vividas pelas participantes da pesquisa através da demonstração da sua colocação dentro do sistema conugal e sistema familiar. Todas as mulheres submetidas ao teste denunciaram o posicionamento de domínio dos parceiros nos sistemas. Em relação a coesão mostraram-se distantes dos parceiros, isto é uma redução de proximidade afectiva. O que possibilitou as dinâmicas relacionais de triangulação e coalizão em ambos sistemas. Não obstante isso, sobressaem emoções e pensamentos positiva da parte das vítimas:

- Esperança de mudança dos parceiros e reconciliação;
- Salvaguardia do matrimónio;
- Tutela dos filhos;
- Desejo de estabilidade do Sistema casal;
- Capacidade de resiliência e busca de redes de apoio social;
- A luta pela sobrevivência/autosustento.

4.4 Triangulação das Informações (Entrevista, Genograma, FAST e Sociograma)

Quanto as técnicas usadas na colecta de dados nomeadamente a Entrevista, o Genograma, o Sociograma e o teste FAST, verifica-se que o propósito pelo qual estas técnicas foram escolhidas e aplicadas no presente estudo, foi alcançado. A entrevista recolheu informações sobre as percepções e emoções das participantes do estudo em relação a violência doméstica sofrida. O genograma permitiu verificar a composição familiar, clarificar os padrões do relacionamento entre os membros da família e identificar a sua extensão. De igual modo o FAST permitiu-nos verificar o modo como funciona o sistema familiar de cada participante relativamente à realidade vivenciada por estas mulheres. Isto é, o teste denunciou as dinâmicas relacionais, caracterizadas pela presença de conflito na relação conjugal, pela triangulação e coalizão.

O sociograma demonstrou as redes sociais identificadas pelas participantes da amostra em diversos contextos e situações que lhes serve de apoio, consolo e suporte na sua vida conjugal e familiar.

Fazendo o cruzamento dos dados da entrevista com os do genograma, nota-se que ambos se focalizam nas narrativas sobre experiência da violência doméstica vivenciada e percebida pelas mulheres participantes da pesquisa tais como:

- Perda de liberdade e identidade do seu ser mulher (não devia usar roupa bonita, nem maquiagem), falta de respeito, desvalorização;
- Razões que levam os parceiros à agressão e violência contra suas parceiras (ciúmes, desconfiança, abuso do álcool);
- Perigo ou risco, a que estão expostas (stress, impotência diante desta situação, abandono do lar, humilhações, chicotadas, insultos);
- Relação esponsal conflitual e não satisfatório.

O Genograma e a Entrevista também mostraram o estado de alma das participantes dominado pelos seguintes sentimentos:

- Medo;
- Desânimo;
- Desrespeito;
- Abandono;
- Angústia e frustração;
- Conformismo.

Ambas técnicas (Entrevista e Genograma) evidenciam a presença de conflito na comunicação e no relacionamento dentro do sistema casal e familiar. As informações do Genograma e da Entrevista cruzam também com os dados do teste Fast, que mostra como funciona o sistema familiar a nível da hierarquia e da coesão. A nível da hierarquia o poder está concentrado nos parceiros e se expressa através da violência psicológica e física contra as suas parceiras. Esta forma de estar na relação contribui para a ruptura de laços afectivos e esponsais, enfraquecendo assim a coesão que é o nível de proximidade dos membros no sistema conjugal e familiar. Também o Fast denuncia ruptura e conflito na comunicação e no relacionamento entre os membros de ambos sistemas. O sociograma integra estas percepções e experiências amargas das participantes da pesquisa e mostra como elas procuram gerir as disfunções no sistema conjugal e familiar, através de busca de redes de apoio social (Capaz, Escola, Polícia, Serviço, família).

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 Aspectos relevantes da pesquisa

Este capítulo representa a súmula da reflexão feita ao longo do estudo e as conclusões a que se chegou à luz dos objectivos e das questões que orientaram a pesquisa.

A problemática em estudo, “*Violência doméstica contra a mulher: percepções e emoções sobre o funcionamento do sistema familiar em mulheres assistidas na CAPAZ*”, estruturou-se em cinco capítulos.

Em relação ao problema viu-se que a violência doméstica contra a mulher não é apenas um fenómeno de um contexto particular, como é o caso de Moçambique, mas sim, problema mundial. Em Moçambique, nota-se que a violência doméstica está atingindo proporções elevadas, sobretudo nestes últimos anos, pois a mulher está sendo vítima de várias formas de violência perpetrada principalmente pelos homens e mais especificamente pelos parceiros. Borin (2007) fez ver que a diferença de género e de funções sociais, bem como os padrões culturais económicos e sociais, são um dos factores adicionais às causas da violência contra a mulher. Dentro dos padrões sócio-culturais e económicos, a descendência patrilinear reveste-se de autoridade, é ela que traça os laços de parentesco e de filiação. Nestes sistemas, o homem assume o poder decisório. Foram impostos a ela ao longo da historia da humanidade, modelos de subordinação ao homem, aos deveres maternos, ficando assim, reduzida à esfera privada.

Na sociedade moçambicana continuam a persistir percepções, valores, atitudes e comportamentos que mostram a existência de relações assimétricas de género, razão pela qual a mulher não pode levantar a voz, pois quando reclama, o resultado é a violência doméstica, que a traumatiza, vulneraliza e a marginaliza fazendo-a perder a sua dignidade de mulher, de esposa e de mãe.

Este cenário da vida conjugal e familiar turbulenta levou a pesquisadora indagar e verificar a percepção e o sentimento que as mulheres experimentam na comunicação e no relacionamento com os seus parceiros assim como o que as faz permanecer nesta relação conjugal não obstante os maus-tratos.

À luz desta questão de fundo de pesquisa, traçaram-se os objectivos geral e específico para perceber o funcionamento do sistema conjugal e familiar padecendo violência doméstica. Neste aspecto, as perguntas de estudo foram de grande importância pois motivaram e ajudaram a fazer o levantamento de dados para uma posterior análise e discussão nos capítulos subsequentes. As questões focalizaram-se principalmente no significado que a

mulher dá a sua experiência de violência conjugal, os factores que contribuem para a sua permanência neste tipo de relação, os padrões sócio-cultural e económico que estimulam situações de violência doméstica contra a mulher.

A revisão da literatura foi ponto-chave na elucidação do problema e na elaboração dos objectivos e perguntas de pesquisa do estudo, pois permitiu perceber o problema à luz dos autores lidos tendo fornecido os conceitos-chaves e um quadro teórico de referência a partir dos quais se construiu o estudo. O conceito família foi preponderante neste estudo, nele a pesquisadora pode identificar os padrões de comunicação e interacção, as convicções, emoções e comportamentos que podem ser fonte de disfunção e desequilíbrio no sistema conjugal e familiar. Um outro aspecto importante e evidenciado por este conceito é a organização da família em estruturas e funções mediados pela hierarquia e coesão. A hierarquia refere-se a autoridade moral, que os membros gozam no sistema em vez a coesão diz respeito ao nível de proximidade emotiva entre seus membros.

De acordo com Minuchin(1990), o sistema familiar, possui cinco estruturas no seio da família: subsistema individual, filial, fraternal, conjugal e parental. Cada uma destas estruturas desempenha uma função específica no sistema. Por exemplo, o subsistema individual, é chamado a desempenhar as tarefas de crescimento e do seu desenvolvimento à luz das suas capacidades, habilidades, valores em interacção com os membros do sistema familiar. Em contrapartida, o subsistema conjugal é chamado a exercer as funções de reprodução e de educação dos filhos. O subsistema parental desempenha o papel de coordenação e gestão de todos os membros do subsistema familiar. O subsistema filial e fraternal, são chamados a participar e colaborar na vida de todo o sistema.

Foi também de grande importância relacionar a perspectiva de Minuchin com a teoria ecológica de Bronfenbrenner que apresenta os quatro níveis de ambiente em que o indivíduo e o seu sistema familiar estão integrados, interage e faz trocas de informações e serviços que beneficiam ambos: o macrosistema que refere o contexto socio-cultural; o microsistema e o mesosistema que integra não só o indivíduo, mas a família, a escola, o hospital, a igreja, os amigos do bairro, a vizinhança; o exossistema cujo envolvimento com os sistemas é indirecto.

Bronfenbrenner evidencia o facto que a família evolui ao longo do seu ciclo vital e passa por várias fases com funções específicas: desenvolvimento, socialização e protecção. Outro conceito chave deste estudo, é a violência vista em duas dimensões: violência doméstica e a violência contra a mulher. A violência tem a ver com o uso intencional da força que pode causar morte, lesões, traumas físico e psicológico diminuindo assim a qualidade de vida da parte das pessoas atingidas. Mais especificamente, a violência doméstica é um acto, uma

conduta praticada por alguém com o propósito de causar intensamente sofrimento físico, sexual, mental e económico, directa ou indirectamente a qualquer pessoa que vive no mesmo agregado com o agressor. Este acto pode ser também cometido por pessoas que não vivem juntas (companheiro marital, ex-cônjuge ou ex-marital). A violência contra a mulher é uma acção embaraçante com repercussões danosas de natureza física, sexual e psicológica que incluem ameaças, coerção, privação da liberdade.

Vários estudos lidos identificam a violência física como acção para produzir dano à integridade corporal das mulheres. A violência sexual como um acto de cerco ou relação sexual indesejada a custo da vida. A violência psicológica como acção cujo objectivo é degradar, controlar acções e comportamentos, crenças e convicções da mulher, através de intimidação, manipulação, ameaça, humilhação, marginalização e agressão. A visão da violência nas suas formas variadas veio confirmar a experiência vivida pelas participantes desta pesquisa. As emoções expressas pelas mulheres quando interrogadas sobre a questão, foram a frustração, impotência, desespero, desvalorização, embaraço, dependência.

Foi importante também o confronto da realidade moçambicana com a realidade de outros países tais como Brasil. A percepção que a mulher brasileira tem da violência doméstica é a mesma que a mulher moçambicana tem e os autores brasileiros apontam para a necessidade de identificar políticas de prevenção e de empoderamento da mulher para ela poder fazer face aos actos de violência e preservar o seu direito e a sua dignidade. A mulher brasileira segundo Borin (2007) interpreta a violência contra a mulher como atitude de ingratidão, de individualismo e percebem que a sua auto estima e autoconfiança ficam afectadas. Os autores lidos ajudaram também a definir o quadro teórico de base para estudo da questão, tendo se optado por três perspectivas: psicodinâmica que tem a ver com as dinâmicas intra psíquicas do individuo, a sistémica Ecológica que diz respeito ao tipo de relacionamento e de interacção entre os membros do sistema familiar e a ligação que os membros do seu sistema familiar têm com o ambiente; a Cognitivo-comportamental que diz respeito à forma como as pessoas pensam e actuam na sua vida quotidiana.

Foi de grande utilidade para a pesquisadora conhecer o ciclo da violência doméstica entendido como um sistema circular, onde a dinâmica da interacção e do relacionamento entre o casal passa por três fases distintas que variam de acordo com o tempo e a intensidade da relação conflitual; a etapa do aumento da tensão, onde o agressor lança injúrias e ameaças que amedrontam a vítima alertando-a para a presença do perigo; a etapa de ataque violento, onde o agressor exerce violência física e psicológica contra a vítima aumentando a frequência

e intensidade que cessa com a etapa da lua-de-mel, onde o agressor mostra carinho e atenções à vítima pedindo desculpas pela violência praticada e prometendo mudança comportamental. Este ciclo cria um dilema na vítima que está entre o abandono e não abandono à relação e o vínculo esponsal, a resposta deste dilema está no factor dependência económica, preocupação do sustento e educação dos filhos, medo de sofrer represálias e esperança de mudança.

Nestas condições, as vítimas de violência estão entregues à sua sorte experimentando sintomas psicológicos tais como: ansiedade, vergonha, culpa, humilhação, raiva depressão e frustração.

O terceiro capítulo, avança o epicentro do estudo. Definiu os métodos de estudo a adoptar, descreveu a população de pesquisa e de amostra, identificou os instrumentos de diagnóstico e prognóstico que facilitaram a colecta de dados e a extracção da amostra.

A informação colhida através de entrevista, teste Fast, foi de grande ajuda para o mapeamento dos sistemas familiares dos participantes de pesquisa, através da construção dos genogramas, sociogramas e tabelas bem como para a representação das suas dinâmicas de comunicação e interacção.

O quarto capítulo, dedicado a análise e interpretação dos dados recolhidos, apresentou a imagem das seis mulheres que foram objecto deste estudo. A descrição das suas características serviu para perceber a sua colocação no contexto conjugal e familiar na dinâmica da hierarquia e coesão. O tipo de relacionamento e proximidade que se estabelece no seio do casal e o nível de poder que é exercido nele são factores que contribuíram para confirmar a presença da violência doméstica nas mulheres participantes da pesquisa.

Foi útil e importante identificar, a partir das narrações de suas experiências de vida, as percepções que elas têm da violência que sofrem, bem como a experiência emotiva que fazem passando pelos maus tratos perpetrados pelos seus parceiros:

- Presença do relacionamento conflitual caracterizado pelo controlo excessivo da parte dos parceiros, desconfiança, ciúmes que culminam com a agressão física e psicológica, calúnia e acusações infundadas e humilhações;
- Percepção do resgate da própria vida e da falta de apoio de parte da família de origem;
- A triangulação e a coalisão da cunhadas na vida do casal é que minam o seu relacionamento, porque não gostam dela.
- Permanecem na relação conjugal por causa dos filhos pensando no seu crescimento, sustento e estabilidade;
- Acusação de infidelidade e traição porque elas vestem e se apresentam bem;

- Situação do relacionamento agrava-se quando tem que viajar em missão de serviço à procura de produtos para negócio;
- Percepção da instabilidade no relacionamento com o marido, por ser acusada de alguém que não contribui para o rendimento e sustento familiar;
- Percepção da dependência em relação ao marido por causa do bem-estar dos filhos.

De acordo com Beck (1984), a percepção dos acontecimentos e experiências de vida, tem como consequência emoções e atitudes comportamentais. Neste estudo não só se identificou a ideia que as seis mulheres têm da violência doméstica que sofrem dos maridos, mas também os sentimentos tais como: impotência, conformismo desamparo e desânimo, desvalorização, tristeza, frustração, desespero. Este ciclo de pensamentos e sentimentos despertou respostas aos estímulos recebidos dos parceiros que são:

- Fuga para casa dos familiares;
- Busca de apoio nas redes sociais (escola, igreja);
- Busca de reconciliação;
- Paciência e esperança na mudança comportamental dos parceiros;
- Denúncia da violência sofrida, junto às autoridades.

Através das representações do FAST, os casos em estudo deixaram transparecer as suas percepções e emoções em relação ao funcionamento e as dinâmicas relacionais dos seus sistemas conjugais e familiares, mais caracterizado, por fraca coesão (ausência de vizinhança e proximidade afectiva no subsistema conjugal, triangulação e coalizão(o pai conversa e sente-se bem com os filhos e a mãe também conversam e interage bem com as filhas, as cunhadas conversam bem e se relacionam bem com o irmão e com os sobrinhos). Apesar desta dinâmica disfuncional verificada, as mulheres expressam o desejo de continuar na relação ao nível de poder paritário e de proximidade.

Também os sociogramas foram importantes nesta pesquisa, pois ajudaram a identificar os pontos de referência que servem de apoio social às mulheres em estudo e lhes ajuda a superar as dificuldades que estão a atravessar.

5.2 Conclusões

Do estudo feito sobre a violência doméstica; percepções e emoções que as mulheres têm no sistema conjugal e familiar a pesquisadora chegou as seguintes conclusões:

- Que a violência contra a mulher é uma ação embaraçante com repercussões danosas de natureza física, sexual e psicológica que incluem ameaças, coerção, privação da liberdade.
- A visão da violência nas suas formas variadas veio confirmar a experiência vivida pelas participantes desta pesquisa. As emoções expressas pelas mulheres quando interrogadas sobre a questão, foram a frustração, impotência, desespero, desvalorização, embaraço, dependência.
- Os autores lidos ajudaram também a definir o quadro teórico de base para estudo da questão, tendo-se optado por três perspectivas: psicodinâmica que tem a ver com as dinâmicas intra psíquicas do indivíduo, a Sistêmica Ecológica que diz respeito ao tipo de relacionamento e de interação entre os membros do sistema familiar e a ligação que os membros do seu sistema familiar têm com o ambiente; a Cognitivo-comportamental que diz respeito à forma como as pessoas pensam e actuam na sua vida quotidiana;
- A descrição das suas características serviu para perceber a sua colocação no contexto conjugal e familiar na dinâmica da hierarquia e coesão. O tipo de relacionamento e proximidade que se estabelece no seio do casal e o nível de poder que é exercido nele são factores que contribuíram para confirmar a presença da violência doméstica nas mulheres participantes da pesquisa;
- Foi útil e importante identificar, a partir das narrações de suas experiências de vida, as percepções que elas têm da violência que sofrem, bem como a experiência emotiva que fazem passando pelos maus tratos perpetrados pelos seus parceiros;

Neste estudo não só se identificou a ideia que as seis mulheres têm da violência doméstica que sofrem dos maridos, mas também os sentimentos que vivem tais como:

- Impotência;
- Conformismo;
- Desamparo e desânimo
- Desvalorização
- Tristeza;
- Frustração;
- Desespero;
- Medo;
- Angústia;
- Culpa;
- Vergonha;

- Isolamento.

Foi importante nesta pesquisa, ver que as mulheres identificaram os pontos de referência que servem de apoio social e lhes ajuda a superar as dificuldades que estão a atravessar.

A literatura consultada e os quadros teóricos adoptados foram de grande ajuda para o aprofundamento do tema, pois abriram horizontes na definição da família e dos seus espaços de crescimento e realização; das crises por onde ela passa ao longo do seu ciclo vital, das dinâmicas relacionais que se instauram no seu seio.

As teorias levaram- a crer que não obstante a dor, o sofrimento, a frustração vividas principalmente no sistema conjugal, a vítima não decide abandonar a relação porque existe uma cadeia de emoções e crenças que alimentam a continuação da relação conjugal.

A opção pelos métodos quanti-qualitativos na nossa pesquisa, foi uma mais-valia pois ajudaram a explorar a questão e a mensurar o que se pretendia mensurar. Os instrumentos usados para a medição dos dados foram ao encontro dos objectivos e perguntas de pesquisa e mostraram-se válidos porque trouxeram à superfície as dinâmicas em acção no contexto conjugal e familiar útil e pertinente para a discussão e interpretação dos resultados.

Na análise dos resultados emergem dinâmicas relacionais conflituosas, com triangulação e coalizão, que confirmam a presença de violência doméstica de grande calibre que deixam marcas nas mulheres tais como:

- Trauma,
- Frustração,
- Impotência,
- Conformismo,
- O abandono.

As mulheres desta amostra tem a percepção da violência que sofrem como um perigo, um atentado contra a sua dignidade de mulher e contra a sua vida. Percebem que a sua liberdade está condicionada; Percebem que estão numa relação exponsal conflitual e não satisfatoria; percebem que precisam de apoio para sair da situação; Percebem também que num funcionamento sistémico não normal que pode levar ao abandono da vida matrimonial e do lar; Estão conscientes das consequências se tivessem que romper a relação com os seus parceiros; Percebem também as razões que levam os parceiros agir de forma deshumana é que alguns ds seus familiares apoiam este comportamento. Constatam que nestas condições elas não estão bem.

Os resultados deste estudo revelam que as mulheres vítimas de maus tratos conjugais permanecem na relação apesar desta ser disfuncional devido a um conjunto de factores nomeadamente:

- O medo da reacção dos agressores face ao abandono da relação por parte das mulheres;
- A imputação às mulheres da responsabilidade pelos problemas familiares;
- A falta de alojamento nos vizinhos ou nos familiares;
- A dependência económica, as matérias legais relacionadas com o património do casal;
- A guarda dos filhos, entre outras questões.

Para fazer face ao problema em estudo, a pesquisadora propõe algumas estratégias ou práticas de intervenção:

- A preparação das mulheres, de modo a reconhecerem a violência doméstica e as suas variadas manifestações (patrimonial, física, psicológica e a sexual);
- Saberem como proceder em busca de apoio caso lhes aconteça.
- O agressor também necessita de acompanhamento, precisa ser inserido num programa que possa trabalhar com as suas dificuldades, com os seus medos, com a sua postura, deve trabalhar para desconstruir aquilo que ele tinha como certo, como papel de homem, ou seja;
- Ter um acompanhamento psico-social, para adquirir uma nova postura existencial;
- Conscientização dos homens “agressores” no sentido de não denegrir física, moral e psicologicamente à parceira;
- Às famílias para que prestem atenção e dêem o apoio às mulheres que buscam abrigo aconchego e façam o acompanhamento necessário.
- Às instituições que lutam para a erradicação da violência contra as mulheres há uma necessidade de construção de redes de apoio que atendam às vítimas de violência doméstica, com reforço em meios materiais, humanos;
- Acções de sensibilização de mudança na forma de tratamento e acabar com o preconceito contra as mulheres, aliadas a estes aspectos estão as crenças na superioridade masculina, na sujeição feminina e num conjunto de discursos e práticas culturais de índole familiar que servem de reforço dessa sujeição e, em última análise, da violência contra a mulher.

5.2.1 Relação entre as Conclusões, Objectivos e Perguntas de pesquisa

Foi de grande importância para a pesquisadora reflectir, confrontar e estabelecer a relação existente entre as conclusões, os objectivos e as perguntas de pesquisa para ver até que ponto o estudo o que se pretendia verificar "o funcionamento do sistema familiar das mulheres que sofrem de violência doméstica e que são assistidas na Capaz".

5.2.1.1 Relação conclusões e objectivos da pesquisa

Corroborada com a ideia de Ousar (2005), Freud (1917), Vygotsky (1978) Pascual (1999) a pesquisadora procura mostrar como algumas conclusões respondem aos objectivos da pesquisa. No que diz respeito ao primeiro objectivo específico que era identificar as causas da violência doméstica, no sistema conjugal e familiar, a pesquisadora pensa que as conclusões da páginas 16 a 75, conseguiram responder ao objectivo, porque as mulheres vítimas em estudo conseguiram dizer quais as causas de violência doméstica que sofreram, conforme seguem:

- Tensões acumuladas no quotidiano, as injúrias e ameaças do agressor (pg17);
- A manipulação emocional e a subjugação da mulher pelo homem (pg18);
- O conflito intrapsíquico (Id, Ego, Superego) que pressionam o indivíduo a agir com comportamento agressivo e inadequado (pg16);
- A percepção distorcida da realidade (pg16);
- Experiência de vítima de violência doméstica na infância que em adulto torna-o indivíduo agressor (pg 24);

Mais especificamente, os depoimentos das mulheres vítimas de violência doméstica da Capaz, indicaram as seguintes causas que levam os parceiros à violência:

- Desconfiança e ciúme;
- Abuso do álcool;
- A indumentaria e a boa apresentação das suas parceiras (pg 47-54);
- Apoio do comportamento violento dos parceiros da parte de seus familiares (pg 75).

Neste aspecto, quanto à descrição das percepções e experiências emotivas vividas pelas mulheres vítimas de violência doméstica, nas conclusões das páginas 62 e 67, vem evidenciado que este objectivo foi alcançado pois elas conseguiram nominá-las, demonstrá-las com as seguintes expressões:

- Medo;
- Desanimo;
- Embaraço;
- Desrespeito;
- Impotência;
- Abandono;
- Desespero;
- Angústia e frustração;
- Desvalorização;
- Conformismo;
- Dependência;
- Presença do relacionamento esposal conflitual não satisfatório.
- Falta de apoio por parte da família de origem.

Os autores lidos ajudaram também a focalizar bem as emoções experimentadas, sobretudo os da Psicodinâmica que têm a ver com as dinâmicas intra psíquicas do indivíduo; a da Sistémica e ecolgia que diz respeito ao tipo de relacionamento e de interacção entre os membros da do sistema familiar e a ligação que os membros do seu sistema familiar têm com o ambiente; e os da Cognitivo-comportamental que dizem respeito à forma como as pessoas pensam e actuam na sua vida quotidiana.

Sobre os efeitos da violência nas mulheres e na sociedade em geral, foi respondido através das seguintes conclusões das páginas 67 a 72:

- A violência contra a mulher é uma acção embaraçante com repercussões danosa de natureza física, sexual e psicológica que incluem ameaças, coerção e privação da liberdade.
- Medo;
- Bixa autoestima;
- Dependência ;
- Desánimo;
- Tristeza e frustração;

- Conformismo;
- Vergonha;
- Sentimento de culpa;
- Perda da Liberdade de expressão;
- Revolta.

Para o alcance do quarto objectivo, algumas conclusões indicaram os seguintes passos de acção:

- Terapia cognitivo-comportamental;
- Psicodinâmica;
- Aconselhamento.

5.2.1.2 Relação entre conclusões e perguntas de pesquisa

A colocação das perguntas de pesquisa ajudou a pesquisadora a direccionar o seu estudo e a buscar conclusões aplausíveis sobre percepções e as emoções das mulheres em relação à violência doméstica que sofrem.

A primeira pergunta sobre como as mulheres assistidas na Capaz percebem e vivem emocionalmente a violência doméstica nos seus sistemas conjugal e familiar foi respondida com as seguintes conclusões na página 76:

- As mulheres percebem que a sua liberdade está condicionada;
- Que estão numa relação esposal conflitual e não satisfatória;
- Que precisam de apoio para sair da situação;
- Que estão num funcionamento sistémico não normal e que pode levar ao abandono da vida matrimonial e do lar;
- Que estão conscientes das consequências se tiverem que romper a relação com os seus parceiros;
- Percebem também as razões que levam os parceiros agir de forma desumana;
- Que alguns dos seus familiares apoiam este comportamento dos parceiros;
- Constatam que nestas condições elas não estão bem;

No tocante a segunda pergunta acerca das causas das acções de violência perpetradas contra as mulheres, foi respondida com as conclusões das páginas 47 a 75, como sendo:

- A desconfiança e ciúme;
- O abuso do álcool;
- A indumentaria e a boa apresentação das suas parceiras;
- Apoio ao comportamento violento dos parceiros da parte de seus familiares.

A terceira pergunta de pesquisa de pesquisa que diz respeito ao significado que as mulheres dão a sua experiência de violência no sistema conjugal foi respondida com as seguintes conclusões da página 76:

- Que é um perigo,
- Que é um atentado contra a sua dignidade de mulher e contra a sua vida.

A quarta questão interrogava as mulheres sobre os fatores que contribuem para a sua permanência no lar, apesar do relacionamento conflituoso e violento, esta pergunta foi respondida como mostram as conclusões da página 70:

- O medo da reação dos agressores face ao abandono da relação por parte das mulheres;
- A imputação às mulheres da responsabilidade pelos problemas familiares;
- A falta de alojamento nos vizinhos ou nos familiares;
- A dependência econômica, as matérias legais relacionadas com o patrimônio do casal;
- A guarda dos filhos, entre outras questões.

Finalmente a questão das Políticas de gestão do problema, estas foram respondidas com as conclusões que seguem:

- A preparação das mulheres, de modo a reconhecerem a violência doméstica e as suas variadas manifestações (patrimonial, física, psicológica e a sexual), para gerir a situação positivamente e saberem buscar o apoio caso lhes aconteça.
- Acompanhamento do agressor inserindo-o num programa formativo de modo a trabalhar as suas fragilidades, como homem, esposo e pai da família.
- Um acompanhamento psico-social de ambos, para adquirirem uma nova postura existencial;
- Conscientização dos homens “agressores” no sentido de não denegrir física, moral e psicologicamente à parceira;
- Sensibilizar as famílias através de programas informativos e formativos para que prestem atenção e dêem o apoio às mulheres que buscam abrigo aconchego e façam o acompanhamento necessário.
- Ajudar as instituições que lutam para a erradicação da violência contra as mulheres a construir redes de apoio que atendam às vítimas de violência doméstica, com reforço em meios materiais, humanos e a trabalhar em parceria;
- Desencadear ações de sensibilização à mudança no modo de tratamento e acabar com o preconceito contra as mulheres;
- Encaminhamento das mulheres para a psicoterapia, aconselhamento e tratamento hospitalar.

5.3. Anomalias

Durante a pesquisa não houve anomalias que impedissem o seu decurso, pese embora houvesse alguns constrangimentos tais como: Ausência de algumas participantes às secções de entrevistas, algumas imprecisões dos dados que forneciam e as vezes superficiais. Em relação ao tema não houve nenhum desvio.

Diante destas constatações, entendemos que os nossos objectivos foram alcançados pois conseguimos demonstrar o funcionamento do sistema familiar em mulheres assistidas na CAPAZ; Identificar as percepções, emoções das mesmas em relação a violência doméstica, bem como as perguntas de pesquisa respondidas.

5.4 Recomendações

A violência contra as mulheres é uma violação básica dos direitos humanos e tem um poder extremamente destrutivo para a comunidade e para a sociedade. Segundo a OMS (2005), o bem-estar e a saúde de uma mulher vítima de violência doméstica é severamente afectado e perturbado por essa experiência. A sua saúde pessoal, o seu papel como mãe, como esposa, como geradora de rendimentos ou como empregada, serão afectados. Por essa razão, a sua permanência é moralmente injustificável. Não há nada que justifique para o homem agir com poder sobre as mulheres, maltratando, violentando e até mesmo humilhando.

Rodrigues e Joffê (2015), recomendam a defesa dos direitos das mulheres e enaltecem o papel inestimável das instituições sociais na diminuição da violência contra as mulheres através da orientação para onde e como recorrer em busca de solução. As autoras defendem ainda que as mulheres vítimas de violência doméstica nunca devem deixar de denunciar ou prosseguir com o processo de modo que o agressor seja julgado e sentenciado de acordo com a gravidade dos actos praticados.

Considerando a extensão do problema que abrange não apenas aos indivíduos singulares mas também os seus sistemas e à luz da bibliografia lida e dos resultados da pesquisa, a pesquisadora considera pertinente as seguintes recomendações:

5.4.1 Às mulheres vítimas de violência doméstica

- Que sejam protagonistas dos seus destinos;

- Que participem nos programas de formação oferecidos pelas Instituições governamentais, Associações e ONG's que potenciam e habilitam-nas na gestão das dinâmicas conjugais e familiares;
- Que aprendam a lidar com as suas limitações para não ficarem abatidas ns hora da dificuldade;
- Que sejam abertas e adiram ao acompanhamento psico-social, que as ajuda a ter uma nova postura existencial.

5.4.2 Aos parceiros das vítimas de violência doméstica

Que sejam ajudados a tomar consciência de que denegrir fisicamente, moralmente e psicologicamente outrem, acarreta danos à parceira podendo correr o risco de ter uma família desestruturada e incorrer a uma punição judicial.

5.4.3 Às famílias

Que as famílias prestem atenção e dêem o apoio às mulheres que buscam abrigo, aconchego e façam o acompanhamento necessário.

5.4.4 Às Instituições de apoio social

Às instituições que lutam para a erradicação da violência contra as mulheres e a necessidade de construção de redes de apoio que atendam às vítimas de violência doméstica, o reforço em meios materiais, humanos, tais como:

- Casas de apoio que possam abrigá-las em situações de emergências;
- Instituições que ofereçam um primeiro atendimento que lhes oriente sobre seus os direitos, que lhes dêem apoio psicossocial, para que as mesmas recuperem a auto-estima e se preparem para enfrentar os seus problemas.
- Instituições que possam capacitá-las para o trabalho, para que possam ter autonomia financeira.

5.4.5 À CAPAZ

- O aprovisionamento de condições de alojamento temporário e alimentação para as vítimas acolhidas na CAPAZ, caso assim o necessitem;

- Reforço institucional em meios materiais e humanos com vista a garantir a continuidade dos objectivos para os quais a instituição foi criada.
- Busca de mais parceiros a nível de instituições de ensino superior vocacionadas em terapia familiar e comunitária para dar mais suporte através de capacitações, palestras e sessões de terapia aos casais em conflito no seu sistema conjugal e familiar.

5.4.6 Sociedade Civil

À sociedade civil, deveria empreender acções de sensibilização no sentido de mudar não só a forma de lidar com a cultura machista, mas também a forma como as mulheres são tratadas; há necessidade de se acabar com o preconceito contra as mulheres, aliadas a estes aspectos estão as crenças na superioridade masculina, na sujeição feminina e num conjunto de discursos e práticas culturais de índole familiar que servem de reforço dessa sujeição e, em última análise, da violência contra a mulher.

5.4.7 Às confissões religiosas

Sendo as confissões religiosas instituições vocacionadas a cuidar do lado espiritual humano, que reforcem as suas acções de moralização da sociedade em particular das famílias, sobretudo aquelas que se ressentem da falta de harmonia.

5.4.8 Aos Órgãos de Justiça

Que as instituições de administração da justiça (PGR e tribunais), e outros Órgãos de apoio as vítimas, redobrem o seu desempenho não só no papel meramente pedagógico, mas também, considerem as suas deliberações educativas e disciplinadoras, no concernente a violência doméstica.

5.4.9 À Faculdade de Educação

Sendo a Faculdade de Educação uma Instituição de Formação:

- Disponha na biblioteca obras e outros dispositivos que retratam a violência doméstica que auxiliem para a investigação pelos estudantes;
- Estimule os estudantes a fazerem pesquisas no âmbito da violência doméstica, tendo em conta os níveis que este fenómeno atingiu;
- Procure junto das instituições de atendimento às vítimas de violência doméstica, espaço para que os graduados do Curso de Mestrado e Terapia Familiar e

Comunitária, exercitem o atendimento aos casais em conflito por forma a melhorar cada vez mais a sua capacidade técnica de intervenção.

5.5 Possíveis implicações do estudo no âmbito das políticas e na prática no contexto moçambicano

No âmbito das políticas e na prática sobre a violência doméstica em Moçambique, a presente pesquisa poderá contribuir para a expansão e melhoramento dos serviços prestados às vítimas de violência, bem como os serviços de assistência médica, jurídica e psicológica; Reforço das capacidades institucionais e a educação da sociedade em geral, contra todas formas de violência contra a mulher; Sensibilização às comunidades sobre assuntos ligados à prevenção e combate a violência contra a mulher; Promoção de atitudes e práticas favoráveis à igualdade e equidade de género e o respeito pelos direitos humanos; Contribuir para a mitigação das práticas nocivas que violam os direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADEODATO, V. G. et al. (2006). *Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros*. Revista de Saúde Pública., Disponível em: (www.scielo.br.).
2. ALARCÃO, M. (2006). *(Des) Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Lisboa;
3. ALEXANDER, Franz. (1992). *Medicina psicossomática: princípios e aplicações*. Porto Alegre.
4. ALVES, C. (2005). *Violência Doméstica*. Coimbra.
5. ANDOLFI, M. (1981). *A Terapia Familiar*. Lisboa.
6. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, (2009). *Lei N° 29/2009, Aprova a Lei sobre a Violência Doméstica praticada contra a mulher*, Maputo.
7. ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES NA COMUNICAÇÃO SOCIAL (2008). *A Violência Doméstica não é amor! BASTA!* Maputo.
8. BERTALANFFY L. (1968), *General System Theory: Foundation, Development, Applications*, rev. ed. (New York: George Brazillier, Inc.), p. 75
9. BITTENCOURT, H.; CREUTZBERG, M.; RODRIGUES, A.; CASARTELLI, A. & FREITAS, A. (2011). Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliação de disciplinas na educação superior. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 22, n. 48, p.91-114.
10. BOCK, A.; GONÇALVES, M. & FURTADO, O. (1988). *Psicologia Sócio-Histórica*. São Paulo: Cortez.
11. BODENMANN, G. & RANDALL, A. (2012). *Common factors in the enhancement of Dyadic Coping*. *Behavior Therapy*, 43(1), 88-98.
12. BODENMANN, G. (2005). *Dyadic coping and its significance for marital functioning*. In T. Revenson, K. Kayser, & G.
13. BORIN, T. (2007). *Violência doméstica contra a mulher: percepções sobre violência em mulheres agredidas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto.
14. BRONFENBRENNER, U. (1996), *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
15. CARMEN, L. (2014), *Violência no contexto familiar*, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
16. CATARINA, R. (sd), *Terapia familiar e Comunitária – Abordagem sistêmica*. Portalegre.

17. COHEN, L., MANION, L., & MORRISON, K. (2007). *Research methods in education*. London: Routledge.
18. DE ASÚA ALTUNA R. (1985). *Cultura Tradicional Banto*, ed. S.A.P., Luanda.
19. DEMO, P. (2002), *Avaliação qualitativa*. 7ª ed. Campinas: AutoresAssociados.
20. DIAS, I. (1998). *Estratégias de pesquisa qualitativa no estudo da violência na família*. In António Esteves, & José Azevedo (eds.), *Metodologia qualitativa para as ciências sociais*. Porto.
21. DIAS, I. (2010). *Violência na família: uma abordagem sociológica*. (2ª Edição). Edições Afrontamento. Porto.
Estadual de Ponta Grossa.
22. FONSECA P. & LUCAS (2006). *Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas*, Salvador-Ba.
23. FORTIN, M. (2009). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. (5ª Ed.). (N. Salgueiro, Trad.). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas.
24. FÓRUM MULHER, (2007). *A violência doméstica é uma violação dos direitos humanos das mulheres*. Anteprojecto de lei contra a violência doméstica. Maputo.
25. GASPARI, L. (2003), *Educação e Memória: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50*. Dissertação (Mestrado em Educação). UEPG, Ponta Grossa.
26. GEHRING, T.; BRAGGER, F.; STEINBACH, C. & BRUNISCHU, B. (1995). *Family system test (FAST): A systemic approach to the analysis of social relationships in the clinical context*. In B. Broothe, R. Hirsig, B. Meier & R. Volkart (Eds.), *Percepção e avaliação- interpretação*. Swiss Monographs in Psychology (pp. 87-92). Seattle: Hogrefe & Huber.
27. GIL. A. C (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
28. GOMES, N. P. (2009). *Trilhando caminhos para o enfrentamento da violência conjugal*. 220f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
29. GONÇALVES, C. & SOUSA D. (2010). *Intervenção em parceria na violência conjugal contra as mulheres: um modelo inovador?* (Tese de Doutoramento). Universidade Aberta, Lisboa.
30. GUAMBE, L. (2015). *Dinâmica Conjugal Violenta e Resiliência em Mulheres Assistidas na CAPAZ*. Dissertação de Mestrado, Universidade Eduardo Mondlane.

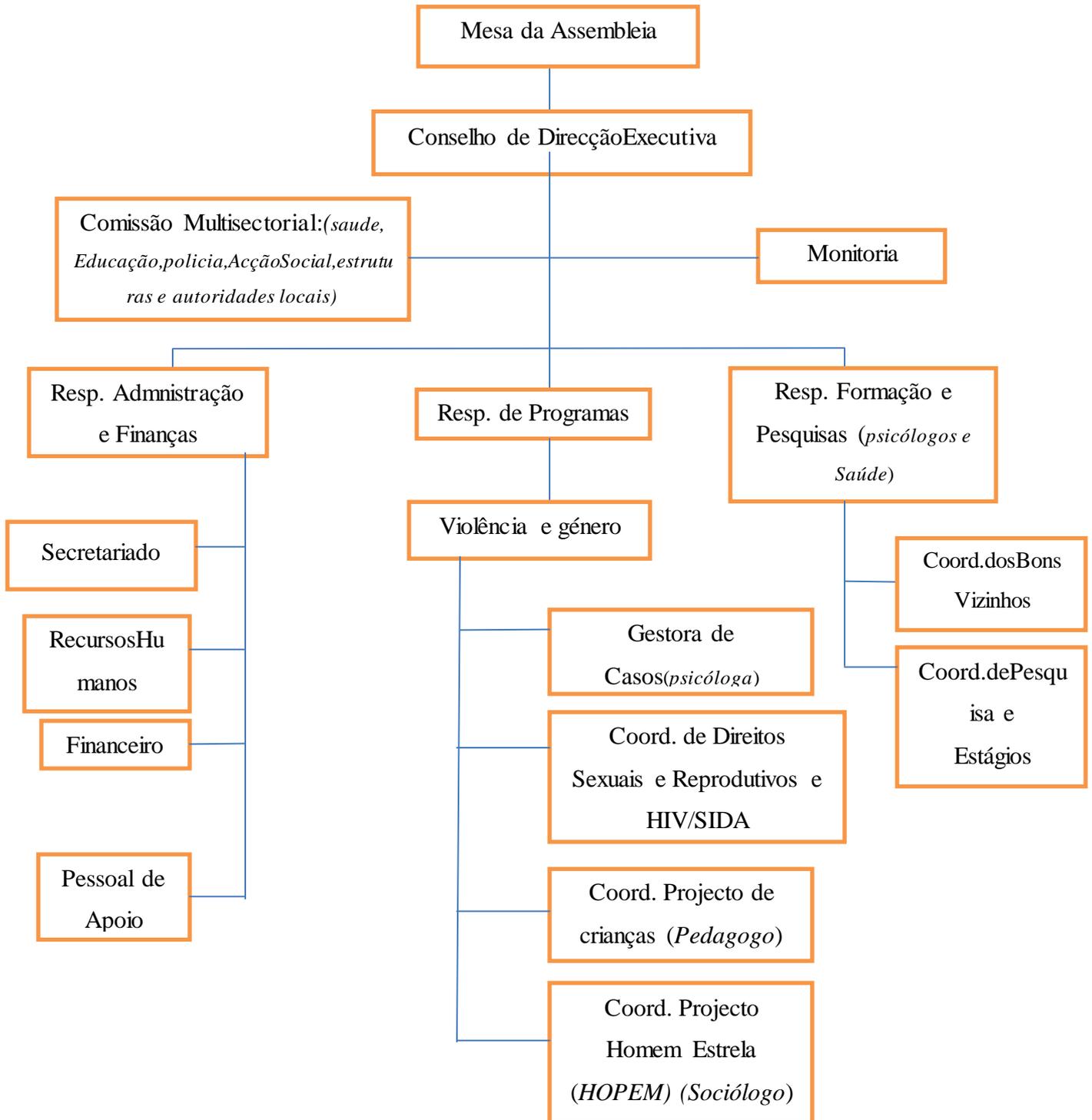
31. HIGA R, ADCA & REIS M. (2008), *Atendimento à mulher vítima de violência sexual: Protocolo de Assistência de Enfermagem*.
Iguaçu nos anos 40 e 50. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade
32. ISABEL M. C. CASIMIRO, *et al*, (2007). *Violência Baseada em gênero em Moçambique: O caso das províncias de Inhambane e Nampula*. Maputo.
33. LAVILLE, C.; DIONNE, J. (1999), *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: UFMG.
34. Lei nº 29/2009, Lei sobre a Violência Doméstica Praticada contra a Mulher.
35. LOURENÇO, *et al*. (1997). *Violência contra as mulheres. Cadernos condição feminina*, nº 48. Comissão para a Cidadania e Igualdade de gênero. Lisboa.
36. MACHADO, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). *Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária*. *Psychologica*, 33, 69-83.
37. MALHOTRA, N. (2001), *Pesquisa de marketing*. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman.
38. MARTINS, G. A. (2000). *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. São Paulo: Atlas.
39. MCGOLDRICK, M. GERSON, R. (1995). *Genetogramas e o ciclo de vida familiar*, trad. M. A. V. Veronese; Porto Alegre: ArtesMédicas, 1995.
40. MINAYO, M. & SANCHES, O. (1993), *Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementariedade?* *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-248.
41. MINAYO, M. (2008), *A violência dramatiza causas*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
42. MINISTÉRIO DA MULHER E DA ACÇÃO SOCIAL, (2004). *Inquérito sobre violência contra a mulher 2004*. Maputo. Moçambique.
43. MINUCHIN, S. (1990). *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre.
44. MORÉ, C. e KRENKEL, S. (2014), *Violência no Contexto Familiar*, Florianópolis, SC.
45. MOREIRA, D. A. O (2002), *Método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson.
46. MUENDANE, A. (2012). *A Violência Doméstica na Cidade de Maputo: Um Estudo Sobre as Causas da Quebra da Passividade da Mulher Vítima*.
47. NASCIMENTO, P. (2012). *Violência Doméstica contra a mulher: Serviço Social no espaço de CEVIC* Florianópolis.

48. OLIVEIRA, S. (1999), Tratado de Metodologia Científica. Projectos de Pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2ª ed. São Paulo.
49. OMS (2002), Relatório Mundial sobre a violência e a saúde. Genebra.
50. OSÓRIO, C.; ANDRADE, X.; TEMBA, E.; JOSE, A. & LEVI, B. (2001): Poder e Violência: Homicídio e Femicídio em Moçambique”, WLSA-Moçambique, Maputo.
51. PACHECO, L. & MEDEIROS, M. (s/d). *Compreendendo a violência doméstica: significados segundo mulheres vítimas de agressão*. Universidade Federal de Goiás - Faculdade de Enfermagem - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.
52. PINAFI, T. (2007), *Violência contra a mulher: políticas públicas e medidas protectivas na contemporaneidade*. 21 abr-mai. Disponível em: <http://www.equit.org.br/docs/artigos/direitoshumanos.pdf>. Acesso em: 8 Ago. 2018.
53. Plano Nacional de Prevenção e Combate a Violência Contra a Mulher (2008 – 2012)
54. PONTES, F., SILVA, S., MAGALHAES, C., CAVALCANTE, L. & CORRÊA, L.(2012). *Contextos Ecológicos do Desenvolvimento Humano 2*, ed. Paka-Tatu, Belém.
55. RELVAS, A. (1996). *O ciclo vital da família perspectiva sistémica*. Porto.
56. RIBAS C.; FONSECA, REGINA C. Veiga.(2008) *Manual de Metodologia*. Curitiba.
57. RICHARDSON, R. J. (1999), *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
58. RODRIGUES, A. (2007). *Genograma: representação gráfica da vida familiar*. Acessoem: 03 jan. 2018.
59. SANTOS, R. & MOMM, C. (2010). *Conhecimento científico produzido nos cursos de pós-graduação (strictosensu) em turismo e áreas correlatas no Brasil no período de 2000 a 2006*. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 4 (02), 64-85.
60. SARAVALI, E. (2005), *Dificuldades de aprendizagem e interação social – implicações para a docência*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária.
61. SARMENTO, E. (2011). *O papel da Mulher no Desenvolvimento: Caso de Moçambique* – Comunicação apresentada na Conferencia Internacional sobre Mulher e Desenvolvimento, Madrid – Espanha. 49.
62. SILVA E. A. & ALMEIDA S. C. (2017), *História e Cultura*, Franca, v. 6, n. 3, p.306-324.
63. TOMÁS, A. (2016). *A violência contra a mulher - Um estudo de caso nas cidades de Maxixe e de Nampula*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Tese de Doutoramento. Porto.

64. URBINA, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
65. WENDT, N. C; CREPALDI, M. A. (2008). *A utilização do genograma como instrumento na colecta de dados na pesquisa qualitativa*. *Psicologia: reflexão e crítica*. v. 21, n. 2. Porto Alegre.
66. YIN, R. K. (1989). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3ª. ed. Porto Alegre: Bookman.

APÊNDICES

Organograma da CÁ-PAZ



GUIÃO DE ENTREVISTA – MULHERES ASSISTIDAS NO CAPAZ

Nomeda entrevistada: _____

Idade: _____ **Estado Civil:** _____

Nível de escolaridade: _____ **Profissão:** _____

Local de entrevista: _____ **Data:** _____ / _____ / _____

Nome da pesquisadora: _____

Objectivo: Perceber o funcionamento do sistema familiar em mulheres vítimas de violência doméstica assistidas no CAPAZ

I. Variáveis sócio-demográficas

1. Quantos membros compõem o seu agregado familiar? Qual é o grau de parentesco?
2. Qual é a profissão do seu marido? _____ Nível de escolaridade: _____

II. Histórico da Família de origem

1. Como era a sua família de origem, os seus pais eram casados?
2. Quantos filhos eram?
3. Vocês frequentavam a escola? Caso não, o que é que faziam?
4. Que expectativas ou ambições os seus pais tinham para com os/as filhos/as?
5. O seu pai alguma vez foi violento com a sua mãe ou com os filhos? Caso sim, porque razão isso acontecia?

III. Vivências e experiências de violência contra a mulher: tipos, razões e consequências

1. Como avalia a sua relação conjugal?
2. O que a levou a procurar os serviços de assistência dos técnicos do CAPAZ?
3. Há quanto tempo é vítima de violência doméstica?
4. Quais tem sido as causas da violência de que é vítima? (ciúmes, bebedeiras, falta de consenso, outras)

5. Quais são os principais tipos de violência que são perpetrados contra si (física, verbal, emocional, psicologicamente)? O agressor recorre ao uso de objectos contundentes (facas, paus, garrafas, etc.) ou não?
6. O seu marido agride-a na presença das crianças?
7. Como é que reage às agressões dele? Por outras palavras, o que é que a Senhora faz para se defender das agressões do seu marido?
8. Quais são as consequências da agressão contra si em particular? E para os seus filhos?
9. Alguma vez pensou ou teve que fugir de casa após a ocorrência de violência contra si?
10. Quando é que percebeu que devia procurar ajuda? Na primeira vez que foi agredida, na segunda, ou passado muito tempo?
11. Na sua opinião, existem circunstâncias em que o homem tem o direito de bater na sua mulher ou não? Caso sim, em que circunstâncias é que se podem tolerar a violência contra a mulher?
12. Alguma vez pensou em abandonar o seu marido por causa da violência? Caso sim, porque é que não o abandonou, até hoje?

IV. Instituições formais e organizações não-governamentais de apoio à mulher vítima

1. Como é que conheceu o CAPAAZ?
2. Porque decidiu procurar assistência dos técnicos de CAPAZ?
3. Além do CAPAZ, conhece ou já solicitou apoio de outras instituições de apoio às vítimas de violência?
4. Quais são as orientações que recebeu dos técnicos do CAPAZ? Resultaram ou estão a resultar?
5. Considera necessário o envolvimento das autoridades judiciais (polícia, procuradoria, tribunais) na mediação de conflitos conjugais? Caso sim, porquê?
6. Na sua opinião, que outro tipo de instituições considera ser relevantes na mediação de conflitos conjugais e familiares?
7. Que tipo de acções específicas podem ser desenvolvidas por essas instituições para reduzir a incidência da violência contra a mulher?

Fonte: Autora (2017)

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A senhora está sendo convidada a participar, como voluntária, do estudo/pesquisa sobre o sistema familiar e a violência doméstica das mulheres assistidas no CAPAZ, conduzida por TERESA JUSTINO CUMBANE COME.

Este estudo tem os objectivos de compreender o sistema familiar e a violência doméstica das mulheres assistidas no CAPAZ; descrever as experiências vividas por mulheres vítimas de violência doméstica; Identificar as causas da violência contra as mulheres; caracterizar os efeitos da violência contra as mulheres na família e na sociedade; descrever o processo de assistência das mulheres vítimas de violência doméstica no CAPAZ.

A senhora foi seleccionada por apresentar as características exigidas para o nosso estudo nomeadamente, vítima de violência doméstica e beneficiária de assistência no CAPAZ.

A sua participação no estudo é voluntária, não deve sentir-se pressionada nem obrigada a aceitar o pedido de participar na pesquisa.

A senhora é livre de aceitar ou não e mesmo depois de aceite e iniciado o processo, achando inconveniente continuar poderá retirar-se a qualquer momento sem sofrer nenhuma represália, nem humilhação por se ter retirado. A sua identidade no estudo será preservada. Por isso, será atribuída um código com letras alfabéticas combinadas com numéricas. Ex:

M-1.

A informação colhida através dos inquéritos será digitada num computador pessoal da pesquisadora (codificado); processada e analisada com recurso ao programa SPSS 16.0. Depois, os inquéritos serão armazenados em arquivos criados a propósito e devidamente organizados nas pastas de uso exclusivo da pesquisadora.

Os possíveis riscos da sua participação neste estudo são as represálias por parte do seu parceiro ou outros membros da família que lhe possam acusar de revelar os segredos da família. E os benefícios são a recuperação de auto-estima, manter a sua dignidade e honra.

A sua participação no estudo não é remunerada nem implicará em gastos para si. No caso de eventuais despesas como transporte “chapa” por exemplo, poderão ser custeadas ou ressarcidas pela pesquisa.

A sua participação nesta pesquisa consistirá em responder às perguntas do questionário que foi preparado sobre a violência doméstica, num gabinete do CAPAZ, preparado para acolher as entrevistas e, oferece maior segurança. Caso seja necessário, a conversa poderá ser gravada.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados, visando assegurar o sigilo de sua participação. A pesquisadora compromete-se a usar os resultados obtidos na pesquisa somente para fins académicos e científicos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituição dos participantes.

Caso concorde em participar desta pesquisa, irá assinar este documento, que possui dois exemplares, sendo um seu, e o outro, para a pesquisadora. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comité Nacional de Bioética para a Saúde, onde poderá tirar as suas dúvidas sobre a pesquisa e a sua participação, agora ou a qualquer momento.

Contactos da pesquisadora responsável: Teresa Justino Cumbane Come, telefone : 840100181.

Caso tenha dificuldade em entrar em contacto com o pesquisador responsável, comunique a ocorrência ao Comité Institucional de Bioética para a Saúde: (CIBS FM&HCM -825881101). Declaro que entendi os objectivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa, e aceito em participar (livremente) do estudo, podendo, se achar algum inconveniente retirar-me a qualquer momento sem sofrer nenhuma represália, nem humilhação por me ter retirado.

Maputo, ____ de _____ de ____.

A participante: _____ A pesquisadora: _____

COMPROMISSO DA PESQUISADORA

COMPROMISSO DA PESQUISADORA EM MANTER OS PRINCÍPIOS DE BIOÉTICA

Eu **Teresa Justino Cumbane Come**, estudante do curso de Mestrado em Terapia Familiar e Comunitário, do Departamento de Psicologia da Universidade Eduardo Mondlane, comprometo-me a mantêr os princípios da Bioética e de boas práticas clínicas, durante a realização do estudo que tem como tema: Violência doméstica contra a mulher: Percepções sobre funcionamento do sistema familiar em mulheres assistidas no CAPAZ-2016.

Com este estudo, pretendo despertar atenção a importância do sistema familiar na minimização do impacto que a violência doméstica produz no indivíduo, família e sociedade.

Maputo, Dezembro de 2016

A pesquisadora